



Raízes

Publicação semestral da
Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul
Distribuição gratuita

71

DEZ
2025

Ano XXXVII

Palavra da Presidência

Marisa Catalão Campozana

A Revista *Raízes* chega à sua 71ª edição, fato a ser celebrado com grande alegria e entusiasmo. Nas páginas a seguir, o leitor terá oportunidade de percorrer histórias e memórias que nos ofertam um leque de conhecimento acerca de aspectos significativos do passado de São Caetano. Personagens, episódios, conjunturas, costumes e devoção ganham vida nessa edição, preparada com esmero e zelo.

Festejemos *Raízes* e todo o trabalho desenvolvido pela Fundação Pró-Memória ao longo de 2025, cujo fim se aproxima. Não foram poucos os desafios, superados com perseverança e vontade de fazer o melhor em prol da preservação da memória histórica da cidade. Abraçamos metas e realizamos diversas atividades, materializadas por meio de novos projetos, parcerias e exposições.

Que, em 2026, não nos falte fé para continuarmos a trilhar esse caminho profícuo que nos leva ao que temos de mais precioso e contundente: a nossa história, fruto do empenho de muitas gerações de sul-são-caetanenses, que não pouparam esforços no processo de construção deste que é um dos principais municípios do Brasil.

A Revista *Raízes* sente-se orgulhosa ao se apresentar como depositária do rico material que, cotidianamente, mostra-se a ela. No auge dos seus 36 anos, a publicação não cansa de reafirmar o seu compromisso com a recuperação das mais fascinantes histórias e das mais belas memórias. Uma boa e inspiradora leitura a todos!



Raízes

Ano XXXVII - Número 71
Publicação semestral
Distribuição gratuita
Publicação da Fundação
Pró-Memória de São Caetano do Sul

WWW.FPM.ORG.BR
FPM@FPM.ORG.BR
RAIZES@FPM.ORG.BR

Tiragem desta edição:
2.000 exemplares
Dezembro de 2025

Av. Dr. Augusto de Toledo, nº 255
Santa Paula - CEP: 09541-520
São Caetano do Sul - /SP
Fone: (11) 4223-4780

Jornalista Responsável: Paula Fiorotti (Mtb. 28.927). Edição e organização: Cristina Toledo de Carvalho. Revisão: Cristina Toledo de Carvalho e Suzel Magalhães Tunes. Serviço de Difusão Cultural: Cristina Toledo de Carvalho, Bruna Marassato e Léia Cassoni. Comissão Editorial: Marisa Catalão Campoza, Ana Maria Guimarães Rocha, Cristina Toledo de Carvalho, Heloísa Canga, Humberto Pastore, Maria Zulema Cebrian, Paula Fiorotti, Rodrigo Marzano Munari, Sandra Regina Bittancourt Gouveia. Projeto Gráfico: Roberta Giotto. Digitalização de Imagens: Marcelle Berto

A revista está aberta à colaboração de pesquisadores da história do ABC. A seleção do material é de responsabilidade da Comissão Editorial. Originais encaminhados à redação não serão devolvidos, com exceção de fotografias. Opiniões emitidas nos artigos são de exclusiva responsabilidade de seus autores e não refletem, necessariamente, a opinião da revista.

Agradecemos informações adicionais a respeito das imagens eventualmente não identificadas publicadas nesta revista, a fim de que possamos alterar os créditos em futuras publicações.

Prefeito Municipal: Anacleto Campanella Júnior. Secretária Municipal de Cultura: Camila Zanon Costa. Presidente da Fundação Pró-Memória: Marisa Catalão Campoza. Conselho Diretor: Marisa Catalão Campoza - Presidente, Anna Figueira, Brenno Diorrener Pereira, Candido Giraldez Vieitez, Charly Farid Cury, Eva Bueno Marques, João Tarcísio Mariani, Kátia Valéria Gomes de Souza, Luiz Domingos Romano, Márcia Gallo, Paula Fiorotti, Priscila Ferreira Perazzo, William Pesinato. Conselho Consultivo: Donizetti Tadeu Moretti, Elisabete Montesano, Issao Toyoda Kohara, José Luiz Cabrino, Marcos Eduardo Massolini, Newton Mori, Paulo Alves Rosa, Wander Correa.

Carta ao leitor

Cristina Toledo de Carvalho

A Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul apresenta o número 71 da Revista *Raízes*, carro-chefe do seu projeto editorial. Desde 1989 em circulação, a revista apresenta-se como um espaço privilegiado de difusão das histórias e das memórias que incidem sobre os diferentes períodos que envolvem o passado da cidade.

No artigo de capa, os 50 anos da Big Band Salada Mista são reverenciados. Com uma rica trajetória, o conjunto musical, que pertence à tradicional Fundação das Artes, tem a sua história aqui contada pelo prisma das lembranças marcantes de seus antigos maestros e integrantes.

Os demais textos que compõem esta edição de *Raízes* ressaltam, em suas respectivas seções, temas variados, que, unidos, engendram um grande mosaico memorialístico, cujas nuances são fornecidas pelo teor distinto de cada narrativa, abordagem e discussão. A qualidade com que tais textos são veiculados deve-se ao comprometimento de colaboradores internos e externos, sempre incansáveis frente à árdua tarefa da pesquisa, da coleta de testemunhos e da seleção de fontes escritas e fotográficas.

Sob a chancela desse espírito coletivo, a Revista *Raízes* chega à sua 71ª edição, ratificando o seu propósito precípuo de disseminar a produção do conhecimento histórico e as inúmeras memórias atinentes a São Caetano do Sul junto ao seu fiel e querido público.

CAPA

Big Band Salada Mista –
50 anos de uma história musical da
Fundação das Artes no ABC Paulista
Ogair Júnior

12



ÍNDICE

Big Band
Salada Mista
apresentando-se no
Sesc São Caetano,
em 2014

6 ALMANAQUE

ARTIGOS

- 19 Tijucussu: um nome,
um marco de memória
Virgílio Antikeira
- 27 A vitivinicultura no Núcleo
Colonial de São Caetano
Cristina Toledo de Carvalho

MEMÓRIA

- 34 Santo Antônio de Lisboa,
de Pádua e do mundo inteiro:
uma devoção mais que
centenária em São Caetano
Rodrigo Marzano Munari
- 42 A Banda Marcial do Colégio
Técnico Industrial Jorge Street
Marco Mandarino
- 46 O gostoso sabor das três décadas
do Conselho de Alimentação
Escolar de São Caetano do Sul
Wilson Roberto Santana
(prof. Pará)

33 CURIOSIDADES

Um arco do triunfo
em São Caetano

41 TRANSFORMAÇÕES

52 RAÍZES E RETRATOS

Acervo/Luiz Domingos Romano

62 MEMÓRIA E AFETO

Praça Maria Pia Matarazzo: um
recanto charmoso que marcou
época no Bairro da Fundação

86 QUEM FOI?

Joana Angélica

PERSONAGENS

- 53** Mario Mastrotti:
50 anos de carreira de
um desenhista múltiplo
Marcos Eduardo Massolini

CULTURA

- 63** Aquarela, a cor da memória
Trajetória e parcerias da
Associação Brasileira de Aquarela
e da Arte sobre Papel (ABA)
Márcia Gallo

HOMENAGEM

- 68** Ada Caperuto - As janelas
abertas de uma jornalista e
artista de São Caetano do Sul
Lilian Mendes

- 73** ESPECIAL
AUTONOMIA 77 ANOS

HISTÓRIA ORAL

- 76** Metida a viver... bem!
Eliane Parmezani
- 82** Morada do coração
A ligação de uma família
do ABC com a cidade de
São Caetano do Sul
Suzel Tunes

ESPORTES

- 87** Os jogos do Palestra Itália
em São Caetano do Sul
Renato Donisete Pinto



CRÔNICAS E CAUSOS

- 97** Meus colegas notáveis
Angelo Honorato Zucato
- 99** Manu, Ana e Raízes...
Cristina Toledo de Carvalho

NOSSO ACERVO

- 101** PINACOTECA MUNICIPAL
- 102** MUSEU HISTÓRICO MUNICIPAL
- 103** ACONTECEU
- 107** MEMÓRIA FOTOGRÁFICA

Associação Beneficente Brasil Unido: 75 anos de história



Acervo/Família de Raimundo da Cunha Leite

No dia 2 de julho deste ano, a Associação Beneficente Brasil Unido completou 75 anos de história. Criada com o propósito de promover ações de amparo junto a migrantes nordestinos instalados em São Caetano do Sul, foi declarada de utilidade pública pela lei estadual 2.092, de 27 de dezembro de 1952. Tais ações eram orientadas por meio de duas vias: a mutualista (voltada para os sócios da entidade) e a filantrópica (destinada aos que não integravam o seu

quadro associativo). Entre os auxílios fornecidos aos associados, estavam os que decorriam de situações adversas como as de morte, de penúria e de doença. Por outro lado, os migrantes que se constituíam nos destinatários das iniciativas filantrópicas da instituição recebiam apoio para obtenção de documentos, inserção no mercado de trabalho, localização de familiares, bem como ajuda financeira para tratamentos médicos e aquisição de medicamentos. A esse grupo a

associação (originalmente denominada Sociedade Beneficente Brasil Unido) reservava ainda os seus cursos de alfabetização de adultos e de corte e costura, os quais eram patrocinados pelo Serviço Social da Indústria (Sesi). Além disso, a instituição recebia da Prefeitura Municipal de São Caetano do Sul recursos por meio de subvenções. Isso contribuía para a viabilização de seus projetos e iniciativas em relação a nordestinos que se dirigiam para a cidade em busca

Santo André, 25 Fevereiro de 1952.

A Sociedade Beneficente
Rua Alagôas, 500
São Caetano do Sul
Est. de São Paulo

Prezados Senhores:

Como o do conhecimento de V.ªs.ªs.,
fiquei de informar-lhes, em que hospital
eu seria operado, e onde ficaria hospedado.
Fui operado no Hospital das
Clínicas e estou na 1ª Casa de Misericórdia
de Santo André.

Reço a V.ªs.ªs. que mande
um membro da diretoria dia 28-2-52
(Quinta Feira, das 14 às 16 horas)

Se não para o momento
e me aguardo de sua honrosa visita,
Atenciosamente

cordialmente.

Agostinho Rodrigues Campos
Agostinho

de melhores condições de vida, em uma época de intensos processos de industrialização e de urbanização na região. A Associação Beneficente Brasil Unido encontra-se sediada na Rua Nazareth, nº 717. Embora suas finalidades hoje sejam distintas daquelas que determinaram a sua criação em 1950, a Brasil

Unido continua sendo uma referência no campo associativo sul-são-caetanense. Em 2015, ano do 65º aniversário da associação, a Fundação Pró-Memória publicou o livro *Migrantes amparados: a atuação da Sociedade Beneficente Brasil Unido junto a nordestinos em São Caetano do Sul (1950-1965)*, cuja versão digital pode ser acessada a partir do link <https://www.fpm.org.br/Publicacoes/>

PDF/106. Na primeira imagem apresentada, da década de 1950, aparece um grupo de formandos do curso de alfabetização de adultos oferecido pela entidade. A outra foto é a de uma carta datada de 25 de fevereiro de 1952, enviada em nome de Agostinho Rodrigues Campos. Recém-chegado de Pernambuco e enfermo, esse migrante solicitou ajuda à instituição.

Jubileu de Diamante: 60 anos da Escola Municipal de Bailado Laura Thomé



O ano de 2025 marca os 60 anos da Escola Municipal de Bailado Laura Thomé. Criada por meio do decreto 2.603, de 16 de dezembro de 1965, surgiu sob a denominação de Curso Municipal de Balé (a nomenclatura atual foi adquirida por força do decreto 9.706, de 5 de maio de 2008) e tinha entre as suas

finalidades o desenvolvimento artístico da sociedade local e a propagação dos conhecimentos e técnicas atinentes à modalidade de dança em questão. A cargo da então Seção de Educação e Cultura da municipalidade, o antigo Curso de Balé possuía uma duração de seis anos e o número máximo de 15 discentes

por turma. Com suas atividades iniciadas em 1966, em parte das dependências da antiga Concha Acústica, o curso contou, inicialmente, com cerca de 90 alunas no total, com faixa etária entre 3 e 18 anos. Na imagem que apresentamos, um registro de 8 de junho de 2003 com integrantes da escola.



Arquivo/FPMSCS



Sete décadas da Paróquia Nossa Senhora das Graças



A Paróquia Nossa Senhora das Graças completou 70 anos no dia 12 de março de 2025. Situada na Rua Tocantins, nº 415, no Bairro Nova Gerty, a paróquia tem seus antecedentes históricos ligados a uma primitiva capela erguida no início da década de 1950 na área onde hoje se encontra o templo atual da paróquia, na Rua Tocantins, na antiga Vila Nova (Bairro Nova Gerty). Sob o comando de uma comissão diretora, formada por Júlio Manoel Gomes, Antônio Faria Guimarães, Geraldo Faria Pereira e Carmo Nazo, foram organizadas campanhas em prol da construção de tal capela. De acordo com os registros, essa

construção já havia sido concluída no final de 1952, ficando a capela subordinada, inicialmente, à Matriz Nova (posteriormente, Paróquia Sagrada Família) e, depois, à Paróquia Nossa Senhora da Candelária, criada em 1953. Tendo já como padroeira Nossa Senhora das Graças, a capela foi elevada à categoria de paróquia no dia 12 de março de 1955 por Dom Jorge Marcos de Oliveira, primeiro bispo da Diocese de Santo André. Juntamente com a instalação solene da paróquia, fora empossado o padre Longino Vastbinder, primeiro vigário provisionado, que lá permaneceu de março de 1955 a junho de 1956, sendo substituído pelo

padre Thomás Salvador Palácios no dia 15 de julho de tal ano. Em 17 de março de 1963, a paróquia recebeu o seu novo vigário ecônomo, que, durante muitos anos, ficou à frente da comunidade: padre Ernesto Cozer. A partir de 1968, teve início a reforma total do templo, cujo projeto fora elaborado por Ângelo Malta, engenheiro-arquiteto da Cerâmica São Caetano. As obras dessa reforma foram concluídas em 1975. Na primeira foto, aparece a fachada do templo da paróquia na década de 1990, aproximadamente. Na outra imagem, do início dos anos 2000, aspecto do interior da igreja.

Os 70 anos da Paróquia Nossa Senhora Aparecida



A história da Paróquia Nossa Senhora Aparecida tem suas origens fincadas no ano de 1949, quando foi erigida a capela em louvor à padroeira do Brasil na antiga Rua Particular (atual Rua Nossa Senhora Aparecida), na então Vila Barcelona. Compuseram o grupo de fundadores dessa primitiva capela as seguintes pessoas: Ettore Milani, Reinaldo Hermínio dos Santos, Gaetano Milani, Antonio Tonetti, Luiz Zanetti, Izidoro Rossini, Antonio Gava, Fortunato Ricci Neto, João Zanetti, Amélia Rossini, Luiz Suter, Irene Milani, Adelaide Sturaro, Luiz Milani, José Tonetti, Carmela Gava e Ana Onofre. No dia 7 de setembro de 1954, uma outra capela foi inaugurada, mas no local onde hoje se encontra o templo que abriga a paróquia. No ano seguinte, Dom Jorge Marcos de

Oliveira, bispo da Diocese de Santo André, expediu decreto instituindo a Paróquia Nossa Senhora Aparecida e fixando o dia 25 de março de 1955 como data oficial de sua fundação. A coordenação inicial da nova paróquia ficou sob a responsabilidade dos padres Canísio Van Herkhuisen e Jorge Nogueira, auxiliados pelos sacerdotes Bueno e Januário Beo. Em fevereiro de 1968, chega à paróquia o padre Olavo Paes de Barros Filho, que ficaria bastante conhecido pela realização, na década de 1970, das bonitas procissões de Corpus Christi, que passavam por ruas, devidamente ornamentadas para a ocasião, nas imediações da paróquia (na foto, padre Olavo aparece ao centro acompanhando a decoração de uma dessas ruas). Além da promoção de iniciativas pautadas pela ação

social da Igreja Católica, da qual resultara a Creche Zilda Natel, inaugurada em 11 de março de 1975, a Paróquia Nossa Senhora Aparecida empenhou-se para organizar trabalhos pastorais, a fim de difundir a fé e fortalecê-la junto aos fiéis da comunidade. A Liga das Senhoras Católicas exerceu papel preponderante nesse contexto, sendo uma das idealizadoras do projeto que concebera a construção da grandiosa imagem de Cristo crucificado, que se localiza no centro do altar. Em tal imagem, Jesus é representado com vestimenta sacerdotal e fisionomia serena, conforme mostra o registro fotográfico aqui contemplado.



Acervo/FPMSCS



Acervo/FPMSCS



Acervo/FPMSCS

Paróquia Sagrado Coração de Jesus e os seus 70 anos de história e fé



Localizada na Rua Padre Mororó, nº 425, no Bairro São José, a Paróquia Sagrado Coração de Jesus comemorou, no dia 10 de setembro, 70 anos, formando, ao lado das paróquias Nossa Senhora das Graças e Nossa Senhora Aparecida, o trio de igrejas sul-são-caetanenses que adquiriram a condição paroquial há sete décadas. Como observado em relação àquelas duas outras paróquias, os antecedentes históricos da Sagrado Coração de Jesus remontam à edificação de uma primitiva capela. Construída a partir do final da década de 1940 em ter-

reno doado pelo casal Adelino e Rosalina Ribeiro, tal capela foi dedicada à Nossa Senhora das Graças. No início de 1955, a comissão responsável pelas obras de erguimento do templo cuidava dos últimos acertos para a sua entrega. Na ocasião, foi comunicada a decisão de mudança do seu orago, a pedido de Dom Jorge Marcos de Oliveira, bispo da Diocese de Santo André. Como em São Caetano ainda não havia paróquia dedicada ao Sagrado Coração de Jesus, ficou decidido que a nascente capela da então Vila São José passaria a tê-lo como padroeiro. No dia 10 de setembro daquele ano de 1955, por meio de decreto diocesano, a capela foi elevada à honra de paróquia, sendo concedida ao padre Carlos Fabrini, na qualidade de vigário econômico, a sua direção. Permaneceu à frente da paróquia até primeiro de janeiro de 1977, sendo sucedido pelo padre Wladyslaw Simonsiewicz. Nas imagens contempladas, temos, respectivamente, a fachada da igreja em meados da década de 1950 e o seu aspecto interno nos anos 1990, aproximadamente.

Big Band Salada Mista 50 anos de uma história musical da Fundação das Artes no ABC Paulista

Ogair Júnior



Arquivo/FPMSCS



O maestro Antônio Carlos
Neves Pinto (Toninho) à
frente da Big Band durante
uma apresentação pública,
no fim da década de 1990.
O conjunto ficou sob sua
regência entre 1986 e 2007



Abril de 1968: fruto de toda uma conjuntura em ebulição social, nascia a Fundação das Artes. Em 1975, essa instituição seria o berço de uma das grandes joias de nosso cenário musical: a Big Band Salada Mista. A Big, como é carinhosamente chamada pelos frequentadores da Fundação, está completando 50 anos e está mais atual do que nunca. Primeiro nasceu a Salada Mista. Nome dado por seu idealizador e primeiro maestro, Amilson Godoy. Por que Salada Mista? É o que vamos contar por meio dos depoimentos de seus regentes e integrantes.

O Brasil vivia um período de intensas transformações culturais. A música erudita buscava se renovar, o jazz e a bossa nova ecoavam nos clubes e festivais, o rock conquistava os jovens, e a MPB se consolidava como voz da resistência. Em São Caetano do Sul, a recém-criada Fundação das Artes refletia essa efervescência, abrindo espaço para novas experiências pedagógicas e musicais.

Foi nesse contexto que o professor Amilson Godoy, coorde-

nador da Escola de Música da Fundação das Artes entre 1970 e 1980, lançou uma proposta ousada: criar um grupo em que os alunos pudessem experimentar a prática coletiva, aprendendo não só técnica, mas também escuta, improvisação, convivência e integração. No primeiro ensaio, em 1975, a diversidade era tamanha que o maestro cunhou o nome que se tornaria histórico: Salada Mista.

Entre os jovens presentes estavam nomes que mais tarde brilhariam no cenário musical, como os irmãos Roberto e Arcadio Minczuk, o pianista e arranjador João Cristal e até integrantes da futura banda Ultraje a Rigor — entre eles, o guitarrista e vocalista Roger Moreira, matriculado na Fundação das Artes de São Caetano do Sul em 1977. A multiplicidade de estilos e instrumentos era a essência do grupo.

Em um bate-papo recente, o maestro Amilson Godoy contou que o entusiasmo com a Salada Mista foi tão grande que todos queriam ter alguma participa-

ção e, para abrigá-los, o maestro criava arranjos que incluíssem de alunos novatos a profissionais experientes. O legado é que a Salada Mista nasceu atual, inclusiva e diversificada, o que persiste até hoje.

João Cristal: “Uma experiência inesquecível” - O pianista João Cristal relembra: “Cheguei à Salada Mista quando foi criada pelo professor Amilson Godoy. O mais interessante era a diversidade dos instrumentos, sem a preocupação com formações tradicionais. Essa diversidade era a diferença. Todos começando os estudos. Uma experiência inesquecível”.

Vitor Hugo: “A música é universal” - Outro integrante, o pianista Vitor Hugo chegou à Salada Mista encaminhado por seu professor de piano, enquanto aguardava vaga no curso regular. Ele guarda na memória o espírito de comunidade: “O que mais me marcou nos ensaios de quinta-feira foi a união e a amizade do grupo. A convivência mostrava que a música é realmente universal: une pessoas de estilos diferentes, desde que seja bem executada. Trabalhar com o maestro Amilson foi marcante — ele era mais que um maestro, era também professor”.



Acervo/FPMSCS



Outro aspecto da apresentação da Big Band, sob a regência do maestro Toninho, no fim dos anos 1990

Com pouco tempo de vida, em dezembro de 1976, a Salada Mista já participava do encerramento das atividades do ano escolar da Fundação das Artes, recebendo o pianista Antônio Rafael Carvalho dos Santos, conforme artigo no jornal *Diário do Grande ABC*, de 19 de dezembro daquele ano.

Professor de saxofone José Ito: “Tudo deve virar música”-

Aos poucos, a Salada Mista se consolidava como uma verdadeira escola da vida. Nos ensaios de quinta-feira, iniciantes tocavam lado a lado com músicos já em atividade, aprendendo a ouvir e a respeitar. Foi nesse ambiente que o professor de saxofone José Ito teve suas primeiras experiências com grandes formações: “As primeiras experiências com naipes e big bands foram inesquecíveis. Tudo era novo e fantástico. O maestro Durán, que assumiu a regência da Salada Mista em 1978, falava assim: ‘Independente dos fraseados, pausas ou bolachas (notas longas), quando você pega um instrumento tem que fazer com que tudo vire música’”.

Bocato: “Disciplina e vida”-

Entre os jovens de destaque daquele período, estava também o trombonista Itacyr Bocato Júnior, o Bocato, que relembra com entusiasmo: “Cheguei à Salada Mista em 1977, vindo das experiências

em bailes. Entrei na iniciação musical com o professor João Godoy. O que mais me marcou foi a exuberância do grupo. Lembro de tocar Bebê, do Hermeto Pascoal — uma experiência inesquecível. Os maestros Amilson Godoy e Antonio Durán eram mais que regentes: eram quase psicólogos educacionais à frente de seu tempo. Da Salada Mista levei para a vida uma lição fundamental: disciplina e o amor pela arte”.

Claudinho Baeta: “A Fundação era a minha casa”-

O baterista Claudinho Baeta também viveu intensamente essa fase de efervescência: “Já ouvíamos falar muito da Fundação das Artes e, em 1978, fomos até lá. Comecei o curso e logo depois já estava tocando na Big Band e na Salada Mista. O que mais me marcou foi a formação: contrabaixos, violinos, violas, cellos, fagotes, oboés, metais, vibrafone... tudo aquilo era uma novidade incrível. Tocávamos repertórios variados, de música clássica à popular, sem preconceito algum. Trabalhar com o maestro Amilson foi um aprendizado extraordinário. A Fundação era praticamente minha casa — eu vivia lá! Aprendi o que a música tem de mais rico: tocar em grupo, somar, ouvir. O projeto formou músicos e maestros que atuam no Brasil e no mundo”.

Júnior Galante: “O trompete que aprendeu a sonhar”- O trompetista Júnior Galante compartilha uma lembrança cheia de inspiração e afeto: “Cheguei à Salada Mista em 1977, influenciado pela prática de Big Band na Fundação das Artes. O grupo reunia sopros, cordas e madeiras — e isso me encantava profundamente. Na época, eu tocava apenas trompete e havia ganhado o disco de vinil *Giant Box*, de Don Sebesky, que eu ouvia todos os dias. Ele representava exatamente o som que sonhávamos fazer. O que mais me marcou foi o arranjo de *Memórias de Marta Saré*, de Edu Lobo, salvo engano escrito por Roberto Sion. Trabalhar com Amilson Godoy foi inspirador — ele trazia a experiência de quem tocava com grandes nomes, como Elis Regina. O ‘Tuca’, como o maestro Amilson era chamado, era um verdadeiro incentivador. Os professores João Godoy, Nelson Ayres, Héctor Costita e Roberto Sion tiveram enorme influência na minha formação. A Salada Mista abriu um horizonte sem fim. Foi ali que descobri o prazer da música orquestral popular — caminho que me levou, anos depois, à Brasil Jazz Sinfônica”.

Nando de Paula: “A arte da partilha”- Outro nome que simboliza a força integradora da Salada Mista



Arquivo/FMCS



O maestro Toninho na regência da Big Band em mais uma apresentação do grupo. Foto do início dos anos 2000, aproximadamente

é o do saxofonista Nando de Paula: “Vim de Minas Gerais para Santo André com sede de aprender e crescer musicalmente. Ao descobrir a Fundação das Artes, encontrei um novo horizonte. Meu instrumento era o saxofone. O que mais me marcou foi a alegria dos ensaios e a troca entre músicos de estilos diferentes. Trabalhar com o maestro Amilson era uma alegria. Ele era um grande educador e amigo. O que aprendi ali levo para a vida: a arte da música e a importância da partilha coletiva”.

Valdir Ferreira: “O amor pela música”- “Particpei da Salada Mista em 1977 com o maestro Amilson Godoy. Vim das bandas de São Bernardo e encontrei um novo universo musical. Era muito diferente do mundo que eu conhecia — saí da música de dobrados e clássicos para mergulhar em arranjos cheios de ritmo e harmonia. Trabalhar com o Amilson era maravilhoso. O amor que ele tem pela música é inspirador. Até hoje levo essa lição: fazer tudo com amor e compromisso artístico.”

Gerson Galante: “Meu playground musical”- “Entre na Fundação pouco antes de completar 9 anos de idade, por volta de 1976, e logo passei a integrar a Big Band e a Salada Mista. Aquele lugar era o meu playground: alegria, aprendizado e som o tempo todo. O maestro Amilson e sua família foram fundamentais na minha formação. Aos 13 anos, toquei com Ivan Lins, participei de orquestras e big bands. Hoje moro em Nova York, dou aulas e toco — mas tudo começou ali, naquele espaço de sonhos que foi a Salada Mista.”

O legado de Antônio Carlos Neves Pinto (Toninho) - Com a saída de Amilson Godoy, em 1978, o maestro Antonio Durán assumiu a coordenação da Salada Mista. Entre os alunos daquela geração, estava o jovem Antônio Carlos Neves Pinto (Toninho), que, mais tarde, marcaria a história da Fundação: “Iniciei meus estudos na Fundação das Artes em 1975 e assistia escondido aos ensaios da Salada Mista com o maestro Amilson. Em 1979, já aluno de João Godoy e de música popular com Durán, fui convidado a integrar o grupo. Lembro da disciplina, do equilíbrio sonoro, dos timbres, das cores e do swing. Entre as lembranças está a *Valsa*

Toninho assumiu a regência da Big Band da Fundação das Artes em 1986, permanecendo até 2007.

A nova fase: por Ogair Júnior - Em 2007, recebi um convite muito especial do maestro Antônio Carlos Neves Pinto (Toninho), então diretor da Fundação das Artes, cargo exercido entre 1999 e 2008, para monitorar a Big Band. Foi um período de transição, com formação reduzida, mas muita dedicação dos alunos.

Em 2008, fui oficialmente convidado a assumir a regência do grupo e comecei a imprimir uma nova dinâmica de ensaios e repertório, buscando conciliar

A batuta ficou com o professor Sérgio Gomes, que fez um belo trabalho à frente da Big Band, até precisar se afastar, anos depois, por motivo de saúde. Em 2013, fui convidado a reassumir a Big Band, e, naquele momento, o grupo precisava de um recomeço.

Ensaivamos no saguão da escola, o teatro estava em reforma, o som reverberava, e uma energia contagiante corria pelas salas e corredores da Fundação conquistando mais adeptos e fãs. A formação era pequena — um saxofone, uma flauta, um trombone, dois trompetes e a “cozinha” (a seção rítmica da banda) com piano, guitarra, baixo e bateria —, mas, a cada ensaio, o



Arquivo/Ogair Júnior

do Sacomã, uma jazz waltz dodecafônica que Durán escreveu para os alunos — e a melodia principal estava justamente na minha parte de trompete”.

o aspecto pedagógico e o artístico. No final desse mesmo ano, precisei me afastar para acompanhar a cantora Virgínia Rosa em uma turnê nacional.

som crescia, e o entusiasmo aumentava.

No final do semestre, em parceria com o Sesc (Serviço Social do Comércio), realizamos

um concerto no Teatro Santos Dumont com participação da cantora e atriz Virgínia Rosa, músicos convidados e arranjos inéditos. O teatro lotado marcou um novo começo. Logo depois, novos alunos chegaram: clarinetes, tubas, flautas, vibrafone, percussão sinfônica, cantoras... e percebi que ali estava novamente a essência da Salada Mista.

Foi então que decidi resgatar não apenas o nome, mas também o espírito original do grupo — o de reunir músicos de diferentes níveis, instrumentos e estilos em torno de um mesmo propósito: fazer música juntos, com alegria, aprendizado e partilha. Assim surgiu o nome Big Band Salada Mista, que até hoje reúne



Arquivo/Ogair Júnior



O maestro Ogair Júnior (em primeiro plano, à esquerda) e integrantes do grupo durante a Mostra de Música da Fundação das Artes, em 2014



Registro de um dos ensaios da Big Band, sob a regência do maestro Ogair Júnior, no saguão da Escola de Música da Fundação das Artes. Foto de 2013



Arquivo/Ogair Júnior



Big Band Salada Mista apresentando-se no Sesc São Caetano, em 2014



A Big Band Salada Mista realizou uma apresentação no Teatro Santos Dumont em 21 de outubro de 2025. O evento integrou a programação da Semana da Autonomia, promovida entre os dias 16 e 23 daquele mês



professores, alunos, ex-alunos e voluntários em uma prática pedagógica e artística.

O sucesso da Big se traduz no auditório lotado do Teatro Santos Dumont, quando a banda se apresenta no projeto “Quinta Mista”, uma parceria entre a Escola de Música da Fundação das Artes e a Secretaria Municipal de Cultura de São Caetano do Sul. Toda primeira quinta-feira do mês, celebramos a música e a solidariedade. A entrada é um quilo de alimento que é doado ao Fundo Social de Solidariedade de São Caetano.

O grupo já acompanhou artistas como Toquinho, João Bosco, Jane Duboc, Toninho Ferra-gutti, Graça Cunha, Margareth Áquila, Jorge Camargo, Luiza Possi, Luciana Mello, Virgínia Rosa, Celso Viáfara, Fernando Lauria, Mônica Schimenes e

Rita Braga, entre muitos outros – além de valorizar músicos e artistas da nossa cidade e da região, e sempre contar com a carinhosa e vibrante participação de ex-alunos.

Mais do que um organismo, a Big Band Salada Mista tornou-se um patrimônio cultural da cidade, símbolo de identidade, inclusão e continuidade. Meio século depois de sua criação, segue viva, pulsante e renovada — provando que a música, quando feita em conjunto, é sempre a maior expressão de comunidade e de vida.

Ogair Júnior

é o atual maestro da Big Band Salada Mista da Fundação das Artes de São Caetano do Sul.



O maestro Ogair Júnior durante apresentação no Teatro Santos Dumont, por ocasião da Semana da Autonomia. Foto de 21 de outubro de 2025

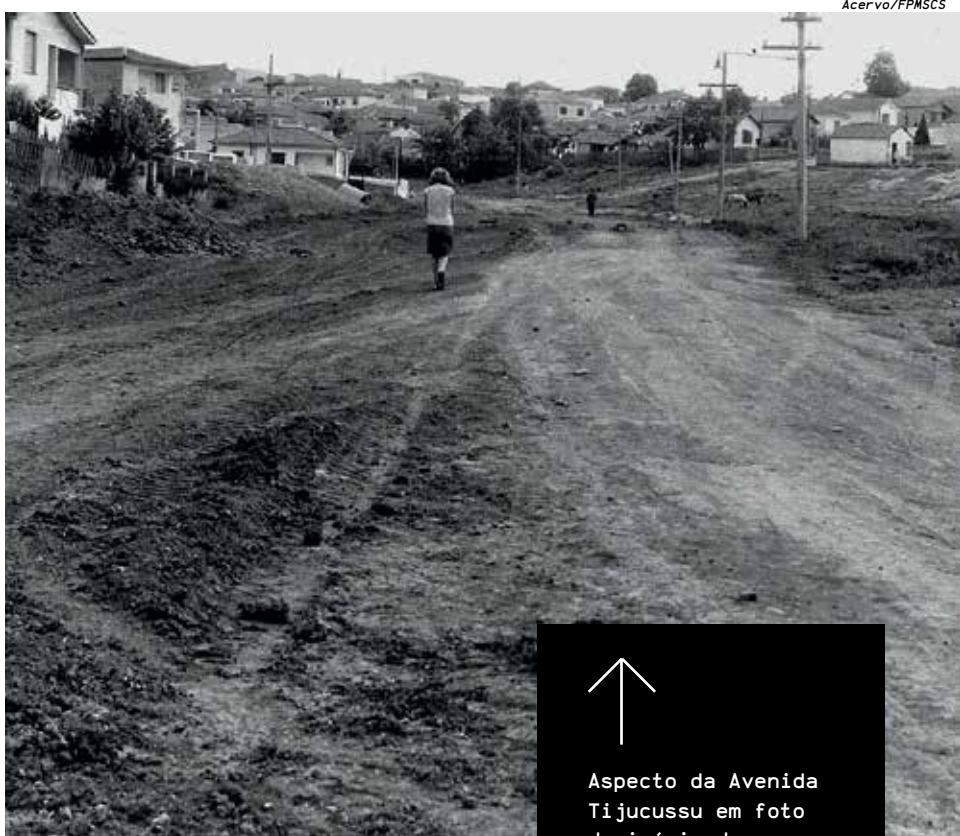
Tijucussu: um nome, um marco de memória

Virgílio Antiqueira

Muitos são os nomes espalhados pelas cidades e, em São Caetano do Sul, não é diferente. Sempre nos deparamos com vários nomes, que vão desde pessoas (Matarazzo, Emílio Rossi, Heloisa Pamplona) e localidades diversas (Goiás, São Paulo, Bahia, Mauá) a fatos históricos nacionais ou locais (28 de Julho, Fundação, Autonomistas, Municipal, Nove de Julho), entre outros. Entretanto, o que nos importa aqui é um nome de origem indígena: Tijucussu.

Na tradição cultural do Brasil, nomes de origem indígena ou foram aceitos pelos europeus quando aqui chegaram ou, em um contexto de urbanização das cidades (em especial no século 20, com a criação de inúmeros loteamentos), começaram a ser utilizados como justas homenagens, ou até como modismo, muitas vezes sem um critério próprio.

Quando aceitos, como é comum em nomes de cursos d'água



Aspecto da Avenida Tijucussu em foto do início da década de 1950, aproximadamente

Na tradição cultural do Brasil, nomes de origem indígena ou foram aceitos pelos europeus quando aqui chegaram ou, em um contexto de urbanização das cidades (...)

e demais acidentes geográficos ou naqueles que, de certa forma, estabelecem relação intrínseca com o ambiente motivador, tendem a permanecer inalterados¹. Por refletirem circunstâncias típicas, são avessos a mudanças². Um exemplo próximo e extremamente ilustrativo é o de Paranapiacaba: “Paranã-apiacaba, a vista do mar; o ponto donde se pode avistar o mar; miramar”³. A Rua Ivaí denota, para quem nela reside ou para quem por ela passa, uma localização geográfica no espaço da cidade. Em sua designação original, significa “o rio das frutas” ou “o rio das flechas”⁴. Esse sentido está dissociado do local em que essa rua está inserida. O mesmo ocorre com outros nomes, como: Alameda Araguaia, cujo significado é “os papagaios mansos”⁵, e Rua Mirim⁶, em que mirim é adjetivo de pequeno, breve, curto, miúdo, entre outros.

No entanto, São Caetano do Sul, entre seus inúmeros logradouros públicos, possui oficialmente dois que são importantíssimos: **Avenida Tijucussu** e **Córrego Tijucussu**, este canalizado e que passa por onde está a avenida citada.

O jornal *A Tribuna*⁷ registra informações sobre a “nova avenida”, a partir de reforma do local. Trata-se, aqui, da Avenida Tijucussu, cujo nome é dado a partir do córrego que há no local, que carecia de uma ligação a partir da Avenida Presidente Kennedy. No redesenho urbanístico, com a canalização do córrego e o traçado da nova avenida, houve a



Nesta imagem, a Avenida Tijucussu já aparece asfaltada e urbanizada em meados da década de 1960, aproximadamente



Acervo/FMNSCS

expansão do nome do córrego para a avenida. A translação toponímica é definida por Dick⁸ como “o deslocamento de um vocábulo em uso onomástico em uma área para outro acidente próximo, consolidando um bloco de ocorrências locais”.

Uma extensão de 1200 metros e uma largura de 25 metros são as características da Avenida Tijucussu, que começa na Rua Coronel Camisão e termina na Rua Benito Campoi (...)

A Tijucussu tornou-se uma via de acesso moderna, com guias, sarjetas, pavimentação asfáltica e duas pistas separadas por ilhas que deverão ser ajardinadas. Além disso, as redes de água, esgoto e iluminação domiciliar e pública também foram instaladas (...)

Corroborar a passagem do nome do córrego para a avenida o mapa⁹ de 1948, com nome da localidade ainda como Vila Monte Alegre, em que ainda não há registro oficial da Avenida Tijucussu. Outro mapa¹⁰ também demonstra a inexistência do topônimo registrado. Ainda havia o córrego aberto e somente depois houve um redesenho do local. No mapa, nota-se o desenho do curso d'água, especialmente ao vê-lo conectando-se ao Córrego do Moinho.

Tijucussu é, podemos afirmar, o único nome de origem indígena da cidade que é original da região e que é capaz de ser entendido como um marco de memória. Isso não quer dizer que devemos desprezar os demais nomes de origem indígena – apesar de serem nomes considerados transplantados¹¹, não são de uma região distante –, mas o valor de Tijucussu¹² vai além, é um monumento. Tijucussu que dá nome aos locais de São Caetano é, diferentemente dos demais nomes indígenas citados, motivado pelos aspectos geográficos locais.

Os nomes cuja etimologia é proveniente de alguma das centenas de línguas originárias (no nosso caso predominantemente Tupi Antigo), quando usados em seu local original, trazem informações valiosíssimas, como o citado Paranapiacaba.

Esse nome, se fosse dado a um dos logradouros públicos da cidade, como Ivaí, Araguaia e Mirim, já perderia o seu sentido original e, na questão urbana, é

(...) Trata-se de uma língua aglutinante, na qual o vocábulo que temos registrado como incorporado pelo português contém elementos que se decompõem em mais de um para chegarmos ao significado original: lamaçal, pântano.

apenas um nome transplantado, um nome que, segundo Stewart, trata-se de um *shift name*¹³. Nessa perspectiva, o nome não mais reflete aspectos do local, extremamente descritivo, mas sim um referencial de espaço. Em síntese, o transplante do nome o coloca mais denotativo, menos capaz de trazer conotações¹⁴ descritivas, com exceção do nome Tijucussu.

O sentido do nome - A tarefa de traduzir um nome de origem indígena nem sempre é fácil. Diante disso, mesmo sendo consenso o sentido de tijucussu, buscou-se, neste trabalho, trazer um leque de definições para não só ajudar no entendimento, mas para ser testemunho dos esforços dos estudiosos das línguas indígenas, no caso específico o Tupi Antigo, o Tupi Quinhentista.

A denominação “antigo” ou “quinhentista” nos leva também a considerar que se trata de uma língua que ficou no passado. A

língua em questão organiza-se de maneira diferente da Língua Portuguesa. Trata-se de uma língua aglutinante, na qual o vocábulo que temos registrado como incorporado pelo português contém elementos que se decompõem em mais de um para chegarmos ao significado original: lamaçal, pântano. Defende o professor Navarro¹⁵ que a etimologia de TIJUCUSSU é a seguinte: TY - água, rio, ÎUK - podre, -USU - sufixo aumentativo. Assim sendo, Tijucussu significa “grande rio podre”, ou seja, “pântano”.

Esse nome é da época pré-cabralina? Há dúvidas sobre isso.

É sabido por todos que em tempos idos chamou-se Tijucuçu a atual região sulsancaetanense e suas proximidades: mas ninguém ainda determinou com exatidão a época da origem deste nome¹⁶.

Martins, a partir de Pero de Castilho¹⁷, dá

Tijucuçu por lamaçal, sendo esta, por conseguinte, a grafia mais acertada. Não é errado, entretanto, dizermos Tujucuçu ou Tijucuçu, pois os próprios tupinólogos e gramáticos não apresentam ideias semelhantes no que diz respeito ao vocabulário estudado.

Entretanto, o entendimento de “lamaçal” ou “grande quantidade de lodo” nos remete a reflexões sobre uma possível interpretação do terreno.

(...) Não se nos afigura que nossa cidade tenha sido quase um pântano nos anos primevos da infiltração europeia em Piratininga ou anteriormente a ela. Atualmente ainda é notório o fato de possuímos boas reservas de argila, conquanto sua extração tenha diminuído com a desapareição das olarias que aqui existiam.

Não nos parece crível que o indígena tenha dado o nome de Tijucussu a todo o caminho. O mais comum era nomear trechos, e o europeu muitas vezes se apropriava desses nomes para colocar em trechos mais amplos. Infelizmente, não é possível chegar a conclusões sobre se foi isso que ocorreu com o nome em estudo. O que é possível pensar é que poderia haver áreas em que os rios inundavam mais e ficavam por mais tempo com muito barro, e isso gerou o nome.

Voltando ao sentido do nome, Teodoro Sampaio nos traz o seguinte: “TIJUCO *corr.* Ty-yuc, água corrupta, podre; lama, brejo”¹⁸ e “TUYUCA *corr.* Tu-yuca,

o brejo, a lama, o charco, a paul (pântano – grifo meu). **Alt. Tujuca, Tijuco, Tujucu, Tuyu.**”¹⁹

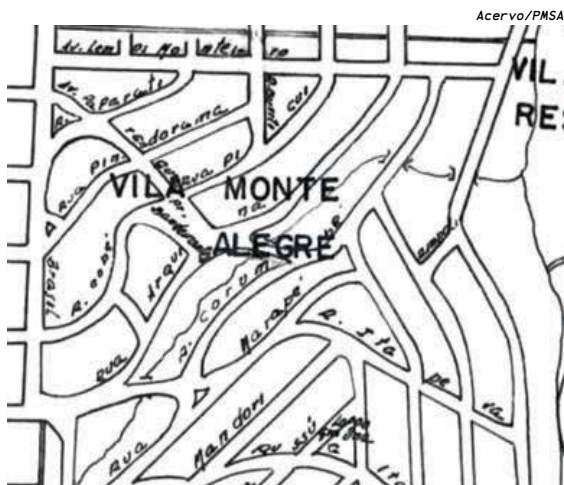
O já citado professor Navarro, estudioso contemporâneo do Tupi Antigo, traz as seguintes acepções:

tuiuka (s.) - **TIJUCO, TIJUCA**, atoleiro, charco, pântano, lama (VLB, II, 17), **TIJUCAL • tuiukusu** - tijucal, grande atoleiro, pântano (VLB, I, 47); lamaçal (VLB, II, 18)

NOTA - Daí, no P.B. (N) **TIJUCUPAUA, TIJUCUPAYA** (tukuka + apaba, “lago do tijuco”, tijucal. Daí se originam nomes geográficos: **ARRAIAL DO TIJUCO** (MG), **BARRA DA TIJUCA** (RJ) **TEJUCUPAPO** (PE) etc (...)”²⁰

Junto das localidades acima descritas na citação, poderíamos ter Tijucussu. Entretanto, a história fez com que o nome da localidade, que passou para a fazenda, não ficasse por preferência ao santo: São Caetano. Isso não quer dizer que o nome deixou de ser importante para a localidade, visto que ainda há, conforme exposto anteriormente, dois topônimos que carregam marcas de uma forma de nomear indígena, espontânea.

História do nome: os registros ao longo da história - O início da ocupação do local hoje conhecido como São Caetano do Sul tem profunda relação com a fundação da cidade de São Paulo, em 1554. Antes, como já muito es-



Recorte a partir da planta da cidade de São Caetano. Escala 1:10.000, Prefeitura Municipal de Santo André, 17 jun. 1948



Recorte a partir da planta do município de São Caetano do Sul, organizada na administração de Ângelo Raphael Pellegrino. Escala 1:5.000. Data: 1948-49

Imagem com a localização do Córrego Tijucussu, produzida a partir da planta da cidade de São Caetano (Prefeitura de Santo André)



tudado, havia a vila de João Ramalho: Santo André da Borda do Campo. Após a mudança da vila ramalhina para São Paulo, as pessoas que para lá foram começaram a pedir sesmarias nos arredores da cidade, fato comum da época.

Um desses arredores é hoje São Caetano, que, no período, era conhecido por Tijucussu, local que, antes da chegada dos primeiros europeus, era usado por uma população autóctone. Não nos cabe aqui a discussão

antropológica dos processos migratórios dos povos indígenas no continente americano e quando chegaram. O que importa para a nossa discussão de memória é saber que a cultura que aqui estava estabelecida nomeou o local tal como era comum da etnia, uma nomeação que refletia muito o ambiente, motivada pelas características físicas do local.

Um dos pedidos de terra é feito por Francisco de Moraes, em 1559. Apesar de não se ter notícia de residência nas terras que hoje constituem São Caetano do Sul, o documento no qual é elaborado o pedido consta como “campos da banda do sul”, os quais incluíam Piratininga e, por conseguinte, Tijucussu²¹. Mais um documento, de 1560 (Luis de Grã), atesta pedido para a região de Santo André. Tal fato demonstra o interesse na região que hoje é o ABC.

O documento que pode ser chamado de certidão de nascimento de São Caetano do Sul é uma ata da Câmara Municipal de São Paulo, de 7 de dezembro de 1589. Trata-se de um pedido de construção de uma ponte no caminho de “tejuguasú”. Segundo Martins, essa mesma ata conta com a informação de moradores do “tejuguasú”.²²

Muito embora o documento não faça referências a moradores da região, a importância do caminho está mais que comprovada, visto que, conforme a ata mencionada, além da construção da ponte no caminho de “tejuguasú”, são requeridos reparos em outras de locais sabidamente im-

portantes na história de São Paulo e arredores. Além da grafia “tejuguasú”, outras aparecem registradas nos documentos oficiais, tais como “teyguoassuu” no inventário de Diogo Sanchez, de 1598.

Apesar desses dois documentos mencionados serem de fato os mais importantes, assegurando-nos o registro do nome, mesmo que ainda não como uma cidade, o referencial do caminho, do local, aparece também em 1631, quando existe a doação de terras feita por Duarte Machado aos monges beneditinos, deflagrando o processo de formação da fazenda que tais religiosos mantiveram durante 246 anos na região.

Em 1717, esses monges referiam-se ao local como Fazenda São Caetano do Tijucuçu. A explicação desse nome dá-se, obviamente, pela junção do santo usado para dar nome ao local, no caso à capela construída, e o aproveitamento do nome existente, corroborando seu uso corrente para se referir ao local, ao menos onde hoje está o Bairro da Fundação.

Em 1771, existe o registro de Tejucúsú, quando Inácio Antônio de Almeida trasladou vários documentos para o Livro de Tombo do Mosteiro de São Bento. Há registros do nome até fins do século 18. De acordo com Martins, a partir de carta de Sesmaria do Dr. José Inácio Ribeiro Ferreira:

O sítio chamado Tijucussú, de frente de São Caetano, destricto desta cidade, não excedendo a

quantidade de tres leguas, ao pé da estrada Freitas Branco, como se fez certo pela carta de venda, o qual divide por uma parte o Rio Tamanduatehy, ou por onde legitimamente confinarem as terras dos religiosos de S. Bento, e pela outra com o córrego chamado Moinho Velho, com todo o campo, vargem e mato que por alli se achar realengo (pertencentes ao rei, devolutas), como também para a parte da Mercês cujo circuito não chega a completar a quantidade que sua Majestade concede²³.

Esse documento, além da parte de registro temporal, mostra-nos a localização do Tijucussu para além do atual território da cidade de São Caetano do Sul²⁴.

Do primitivo caminho ao córrego, à avenida

- Os antigos caminhos de São Paulo e arredores sempre foram objeto de estudos, e Tijucussu é um deles.

Segundo o historiador Nuto Sant’Ana, (...) O caminho orientava-se em direção à Moóca, sempre seguindo para o leste e acompanhando o Rio Tamanduateí pela sua margem direita. Fazia uma inflexão para o sul na altura da atual Rua Ibitirama (que é remanescente desse velho caminho) próximo à atual Matriz Velha de S. Caetano, quando, atravessando novamente o atual Tamanduateí para a sua margem esquerda, entrava nos campos do Tijucuçu, seguindo pela margem direita do atual



Os monges de São Bento tomam posse das terras doadas por Duarte Machado e localizadas no Tijucussu. Desenho de Reuel de Macedo

Rio dos Meninos ²⁵.

A partir da referida citação, temos o caminho que, atualmente, poderíamos conceber a partir do entroncamento da Rua da Tabatinguera (em São Paulo), vindo margeando o Rio Tamanduateí até o Rio dos Meninos e, depois, entrando na cidade acompanhando esse último curso d'água.

Naquela época, o Tijucuçu era o nome que se dava aos campos e pastagens naturais que iam, do norte para o sul, do Ribeirão da Mooca ao atual Rio dos Meninos, na altura do Caminho Novo do Mar, atual Estrada das Lágrimas, no que é a divisa de São Caetano com São Bernardo. E de oeste para leste, ia do Ribeirão do Moinho Velho, hoje recoberto pela Avenida Tancredo Neves, no Sacomã, até o Ribeirão Muiguera, atual Córrego do Moinho, margeado pela Avenida Presidente Kennedy ²⁶.

A comparação entre os trechos citados nos permite afirmar que o nome Tijucussu está relacionado a locais que margeiam rios, os quais, até hoje, na época das cheias, ocupam as regiões de

baixio que estão aos seus lados. Além disso, a cidade está entre os rios Tamanduateí e Meninos, e, pelo outro lado, há o Moinho e, mais à frente, o Utinga. Mais para o meio da cidade, existe ainda o canalizado Tijucussu, que guarda o nome do local no século 16.

São vários os registros de Tijucussu ao longo dos séculos: Caminho de Tijucuçu, terras no Tijucussu, Curral do Tujucuçu, servos do Tijucuçu, casas do Tijucuçu, Fazenda do Tijucuçu, moradores do Tijucuçu, além dos já mencionados neste trabalho (tejuguasú, teyguoassuu, Tejucusú), até firmar-se como Fazenda São Caetano do Tijucuçu.

Mas, como já apontamos, o indígena, ao dar nomes aos locais, não necessariamente nomeava todo o trecho. Diante disso, convém observar que o caminho nomeado pelo europeu pode ser a referência do indígena a um trecho que, efetivamente, ficava mais enlameado.

A partir dessa observação, interessa-nos salientar que o local onde hoje está o nome tijucussu é mais ao meio da cidade – que,

mesmo apresentando uma área territorial pequena, sai um pouco das referências ao caminho do século 16.

O nome dado ao antigo caminho foi, então, dado a um córrego pequeno, que nasce no atual Bairro Olímpico e termina no Córrego do Moinho. A partir da existência do curso d'água, a avenida construída às margens desse córrego, e com a sua canalização, tomaram o nome da referência hidrográfica para dar nome à avenida.

Temos, dessa forma, no rol de nomes oficiais da cidade, duas referências ao antigo nome do local em que está São Caetano do Sul: Córrego Tijucussu e Avenida Tijucussu.

Memória toponímica: uma maneira de preservar a história

- Esta memória imaterial é relacionada à ideia de que o nome de lugar (topônimo) é um monumento, um marco de memória. Partindo dessa premissa, apesar do apagamento do nome referente ao genérico caminho (casas, servos, curral, caminho, etc.), o nome Tijucussu ainda carrega consigo um significado extremamente importante.

Tijucussu, nesta leitura, é um monumento. Trata-se de um sinal do passado, capaz de evocar o que já ficou para trás, a fim de perpetuar a recordação²⁷. No

entanto, hoje não temos mais o Caminho de Tijucussu, uma nomenclatura mais perene, que não se apagaria com facilidade. Precisamos ter cuidado com a vulnerabilidade das mudanças de nomes que têm ocorrido atualmente, para que um Topônimo-Monumento²⁸ não se apague da história e da memória local.

São muitos os nomes que se permitem na cidade, mas é incontestável que Tijucussu, nome motivado pelos indígenas aqui presentes antes da chegada dos primeiros europeus, permanece como herança cultural, monumento, memória imaterial: uma janela para o passado, um marco de memória²⁹.

Considerações finais -

Antes de algumas ponderações acerca do Tijucussu, vale a pena lembrar Stewart, ao dizer que: “Toda nomeação de lugares decorre de um motivo básico, ou seja, o desejo de identificar um lugar e assim distingui-lo dos demais”³⁰. Afortunadamente, esse desejo de identificar nos deixou um nome extremamente representativo e que recupera aspectos inerentes à localidade antes da chegada dos europeus.

O Tijucussu foi usado como “(...) fundamento para a identificação de lugares, na certeza de que o significado desses nomes indígenas pode traduzir fielmente a característica natural de cada localidade”³¹. Mesmo sendo o nome passado da localidade para o córrego e depois para a avenida, ainda permanece relacionando o local, a cidade de São Caetano do Sul, à característica natural.

Muito já se escreveu sobre o local, sobre as primeiras famílias, sobre as ocupações. Mas o que há por detrás do nome é absorvido hoje por quem passa pelas ruas da cidade. De acordo com Azaryahu³², há níveis de decodificação dos nomes dos lugares. Será que quem passa por uma rua da cidade consegue assimilar tal decodificação, seja conativa, isto é, relacionada à intenção da homenagem, ou denotativa, ligada ao fim utilitário do topônimo, ou seja, para que este serve.

A Avenida Tijucussu, que fica sobre córrego de mesmo nome, não fica exatamente no local que outrora era denominado Tijucussu, porém é um nome que ficou na história local. Mas ficou na memória local? Em que se constitui essa memória? É, para a maioria das pessoas, um nome de origem indígena, tal como muitos outros que nomeiam ruas por aí, mas que estão desvinculados da motivação do ambiente.

De fato, a memória toponímica, o topônimo-monumento, uma memória imaterial está vinculada ao nome tijucussu, até porque

(...) os topônimos se apresentam (...) como importantes fatores de comunicação, permitindo, de modo plausível, a referência da entidade por ele designada. Verdadeiros “testemunhos históricos” de fatos e ocorrências registrados nos mais diversos momentos da vida de uma população, encerram, em si, um valor que transcende ao próprio ato da nomeação: se a Toponímia situa-se como a crônica de um povo, gravando o

presente para o conhecimento das gerações futuras, o topônimo é o instrumento dessa projeção temporal.³³

Tijucussu, como testemunho histórico vivo na cidade de São Caetano do Sul, não se trata apenas de um nome, é um marco de memória capaz de ser uma verdadeira crônica do povo que habitou a localidade.

Notas

- ¹ DAUZAT, Albert. *Les noms de lieux*. Paris: Delagrave, 1926.
- ² DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral. *A dinâmica dos nomes da cidade de São Paulo (1554-1897)*. São Paulo: Annablume, 1996.
- ³ SAMPAIO, Teodoro. *O tupi na geografia nacional*. 5ª ed. São Paulo: Ed. Nacional, 1987, p. 295.
- ⁴ YVAHY corr. *Ibi-y*, o rio das frutas. Pode proceder também de *ybi-y*, que significa o rio das flechas. Ibidem, p. 261.
- ⁵ ARAGUAYÁ, s.c. *Ara-guaya*, os papagaios mansos. Ibidem, p. 198.
- ⁶ MIRIM adj. Pequeno, breve, pouco, miúdo. Ibidem, p. 283.
- ⁷ Edição 00084, de 6 de julho de 1966.
- ⁸ DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral. A língua de São Paulo. *Revista USP*, n. 63, p. 37-63, set., out., nov. 2004.
- ⁹ Recorte a partir da planta da cidade de São Caetano. Escala 1:10.000, Prefeitura Municipal de Santo André, 17 jun. 1948.
- ¹⁰ Recorte a partir da planta do município de São Caetano do Sul, organizada na administração de Ângelo Raphael Pellegrino. Escala 1:5.000. Data: 1948-49.
- ¹¹ Nomes transplantados são os que saíram de sua região originária, de primeira aparição, em geral espontânea, e foram usados em outro local.
- ¹² Na cidade, há outros nomes de cursos d'água que são de origem indígena: Tinga, Utinga e Tamanduateí. Porém, o enfoque está no nome relacionado intrinsecamente ao local, São Caetano do Sul.
- ¹³ STEWART, George R. *A classification of place names*, vol. 2, n. 1, 1954.
- ¹⁴ Isso não quer dizer que não haja conotação após a mudança de nome de um local para outro. No caso da perspectiva urbana, as conotações são diferentes, como, por exemplo, um ideal de valorização da cultura nacional com o uso de nomes de origem indígena.
- ¹⁵ NAVARRO, Eduardo de Almeida. *Método moderno de tupi antigo*: a língua do Brasil dos primeiros séculos. 3ª ed. São Paulo: Global, 2005; Idem. *Dicionário de tupi antigo*: a língua indígena clássica do Brasil. 1ª ed. São Paulo: Global, 2013.
- ¹⁶ MARTINS, José de Souza. *São Caetano do Sul em IV séculos de história*. São Paulo: Saraiva, 1957, p. 29.
- ¹⁷ CASTILHO, Pero de. *Vocabulário da Língua Brasileira*, 1938 apud MARTINS, José de Souza, *op. cit.*, p. 329.
- ¹⁸ Ibidem, p. 336.
- ¹⁹ NAVARRO, Eduardo de Almeida. *Dicionário de tupi antigo*, p. 481.
- ²⁰ MARTINS, José de Souza, *op. cit.*, p. 27.
- ²¹ Ibidem, p. 29.
- ²² SESMARIAS (livro 21, fls 146 v), Arquivo do Estado de São Paulo apud MARTINS, José de Souza, *op. cit.*, p. 30.
- ²³ Não se pretende esgotar aqui os inúmeros registros de Tijucussu em atas e demais documentos. Para isso, consultar Martins (1957).
- ²⁴ MARTINS, José de Souza. O bairro de São Caetano no censo de 1765. *Raízes*, São Caetano do Sul, n. 3, p. 12-19, jul. 1990, p. 12.
- ²⁵ Idem. A gente do Tijucucu e os bastardos da Borda do Campo (1686-1729). *Raízes*, São Caetano do Sul, n. 63, p. 38-47, jul. 2021, p. 39.
- ²⁶ LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. 7ª ed. revista. Campinas, SP: Editora Unicamp, 2013.
- ²⁷ CARVALHINHOS, Patrícia. 2022. *Topônimo monumento, herança imaterial em São Paulo (Brasil). Combatendo o apagamento toponímico*. Apropós [Perspektiven auf die Romania] 8/2022, 14-30. doi: <https://doi.org/10.15460/apropos.8.1928>.
- ²⁸ HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Editora Revista dos Tribunais, 1990.
- ²⁹ STEWART, George R., *op. cit.*, p. 1.
- ³⁰ DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral. *Motivação toponímica e a realidade brasileira*. São Paulo: Arquivo do Estado, 1990, p. 44.
- ³¹ AZARYAHU, M. Naming the Past: The Significance of Commemorative Street Names. In: BERG, L.; VUOLTEENAHU, J. (ed.). *Critical toponymics. The contested politics of place naming*. Farnham, Ashgate, 2009. p. 53-70.
- ³² DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral, *Motivação toponímica e a realidade brasileira*, p. 22.

Virgílio Antikeira

é graduado em Letras pela Fundação Santo André, mestre em Letras pelo Programa de Linguística (USP) e doutorando em Letras pelo Programa de Filologia e Língua Portuguesa (USP). Pesquisa relações entre as nomeações dos lugares e fatores históricos, político-ideológicos sob a perspectiva da toponímia crítica. É membro do Grupo de Amigos do Movimento Autonomista (Gama).

A vitivinicultura no Núcleo Colonial de São Caetano

Cristina Toledo de Carvalho

O Núcleo Colonial de São Caetano encontra-se no centro das narrativas que versam sobre o passado local, pois se revela como o palco no qual se desenrolou a história que envolve a presença do imigrante italiano na cidade. História que teve como marco inicial a tarde de 28 de julho de 1877, data da chegada dos primeiros colonos, provenientes da região de Capella Maggiore, província de Treviso, na região do Vêneto.

Nesse período, o Brasil encontrava-se sob o prenúncio da abolição da escravatura, conjuntura que desencadeava calorosos debates nos bastidores do governo imperial, que se via, assim, compelido a buscar medidas que pudessem contornar as consequências do desfecho iminente da questão. Se, por um lado, a ideia reinante era a de prover a vinda de imigrantes oriundos da recém-unificada Itália, a fim de experienciar a inserção da mão de obra livre na economia nacional, sustentada pela produção cafeeira em larga escala e exportadora das grandes fazendas do interior de São Paulo, sobretudo; por outro, na contramão dessa concepção hegemônica, havia a orientação que almejava incentivar a formação de núcleos co-

loniais voltados para o desenvolvimento da pequena agricultura, destinada ao atendimento das necessidades do mercado interno.

A concepção do Núcleo Colonial de São Caetano deu-se em diálogo com essa última orientação, inaugurando um contexto da história da localidade fortemente permeado por um imaginário social que fora construído à guisa de um conjunto de representações triunfalistas, que mais encobriram do que revelaram o passado da cidade na época da existência do mencionado núcleo e das relações nele observadas.¹

Neste artigo, debruço-me sobre o tema relativo ao cultivo de uva e à produção de vinho (vitivinicultura) no Núcleo Colonial de São Caetano no período correspondente principalmente à fase áurea dessa cultura na localidade, verificada no curto espaço de um ano, entre 1887 e 1888. Para tanto, tive por base episódios que foram registrados e analisados por José de Souza Martins em pesquisas que deram origem a obras como *Subúrbio. Vida cotidiana e história no subúrbio da cidade de São Paulo: São Caetano, do fim do Im-*

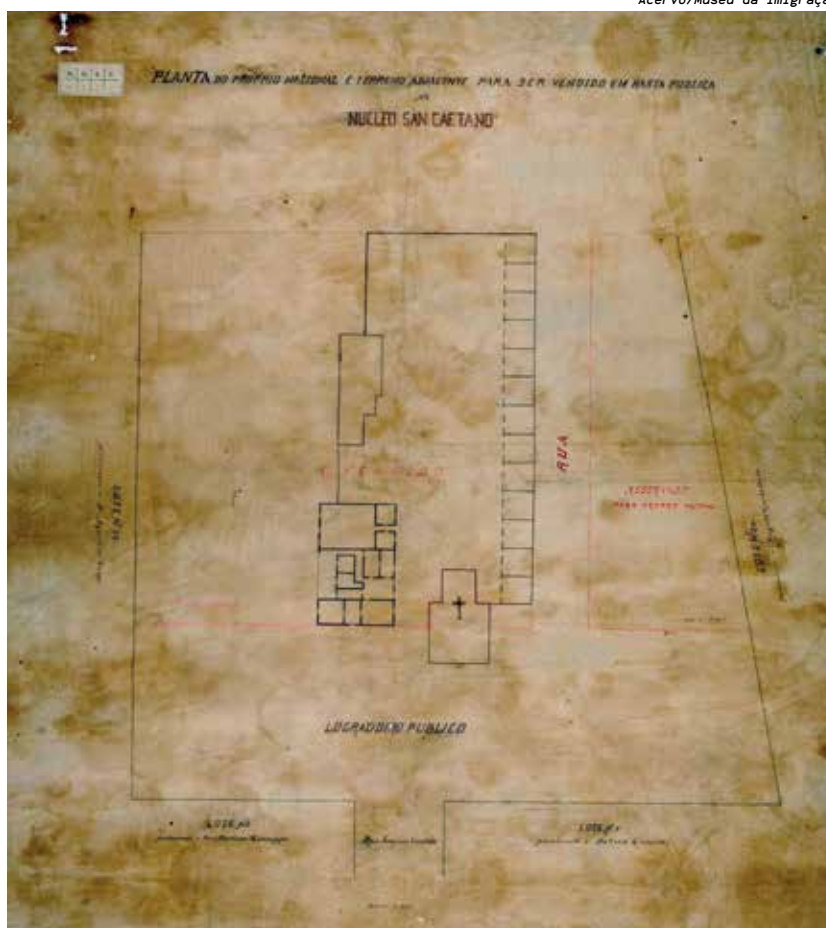


pério ao fim da República Velha e Diário de uma Terra Lontana: os “faits divers” na história do Núcleo Colonial de São Caetano, duas das principais referências bibliográficas da historiografia da cidade.²

O cultivo de uva – Passados os dois anos em que os imigrantes pioneiros ficaram sob a tutela oficial do governo (1877-1879), do qual recebiam alimentos e subsídios diários em dinheiro (400 réis para os maiores de 10 anos e 240 réis para os menores de 10 e maiores de 2 anos)³, a luta pela sobrevivência adquiriu contornos mais nítidos, lançando aqueles imigrantes ao trabalho da terra, principal fonte de sustento dos pioneiros. Entre os gêneros agrícolas, os registros apontam para o cultivo de cereais (feijão e milho) e de árvores frutíferas.



Planta de 1887 referente ao Núcleo Colonial de São Caetano. Em destaque, ao centro, aparecem representadas as instalações de sua sede. No documento, há também a indicação de lotes de terra que foram distribuídos aos imigrantes, como o de nº 28 (à esquerda), que pertenceu a Luigi D'Agostini, um dos primeiros cultivadores de uva do núcleo



De acordo com um relatório da Inspetoria Especial de Terras e Colonização, além de cereais, eram cultivados no núcleo legumes e tubérculos como mandioca e batata (há notícia de que houve, no período, o incremento da plantação de batata-inglesa)⁴, sendo suas terras “apropriadas para a cultura da videira (...)”⁵.

O Núcleo Colonial de São Caetano firmou-se, portanto, como uma localidade que teve na agricultura a base de sua economia, sobressaindo-se o cultivo de uva. O apogeu da cultura da vide coincide com a fase de reativação do núcleo, em 1887, quando novas levas de imigrantes começaram a chegar a São Caetano, após um intervalo de três anos (até então, a última entrada de um grupo proveniente da Itália havia sido observada em 1884, com o ingresso da família de Martino Giuseppe Pin no núcleo)⁶. Diversos integrantes daquelas levas dedicaram-se, desde a sua instalação na localidade, à plantação de uva.

Não à toa que, naquele ano de 1887, foi registrada a existência de 65.390 videiras em São Caetano, marca essa aumentada para 65.748 no ano seguinte.⁷ Em 1889, os vinhedos locais chegaram a totalizar 82 mil parreiras, um número bastante expressivo, constituindo-se na maior soma verificada no núcleo. Ao ter se expandido, o cultivo de uva possibilitou o desenvolvimento de outras atividades econômicas, como a produção de vinho, que, em pouco tempo, impôs-se como o produto mais rentável da colônia local.

Cumprе ressaltar que, nesse contexto de prosperidade da vitivinicultura, constatou-se no núcleo o surgimento de quatro engenhos de cana, uma padaria

e oficinas de ferreiro, de tanoeiro (responsável pela fabricação das pipas que armazenavam o vinho) e de carpinteiro, além de três negócios de víveres⁸, o que sugere uma dinamização no cenário econômico da localidade.

Emílio Rossi, o vitivinicultor mais destacado do Núcleo Colonial de São Caetano, via com grande entusiasmo a cultura local da vide, sendo autor de importantes relatos a respeito do assunto, como os transcritos mais adiante. Inseriu-se no rol dos cultivadores de videiras do núcleo, cujos pioneiros foram Giuseppe Braidó (seu sogro), Carmine Barile, Luigi D'Agostini, Giacomo Garbelotto, Antônio Gallo, Francesco Coppini e Francesco Fiorotti.



O cultivador de uva Luigi D'Agostini ao lado de sua esposa, Joana Sasso D'Agostini. Imigrantes da primeira leva, chegaram ao Núcleo Colonial de São no dia 28 de julho de 1877

Emílio Rossi e a produção de vinho – A cultura da uva criou condição para que se registrasse no núcleo de São Caetano uma afamada produção de vinho, reconhecida nos círculos de São Paulo, graças, principalmente, aos esforços de Emílio Rossi, “o patrono da viticultura”⁹ local. Em 1887, 428 pipas da bebida foram fabricadas, cuja comercialização gerou um rendimento de mais de 64 contos.¹⁰ No núcleo, a fase áurea de sua vitivinicultura era

inconteste, parecendo prepará-la para a adversidade instaurada no ano seguinte.

Em 1888, os níveis da produção local de vinho tiveram uma queda sensível, não ultrapassando 24,5 pipas, o equivalente a pouco mais de três contos. Tal declínio insere-se na esteira do episódio da disseminação da filoxera, uma praga que se espalhou naquele ano, a partir da Mooca, chegando ao Brás e a São Bernardo. Interessante salientar que,

mesmo sob a ameaça da referida praga, a plantação de uva em São Caetano apresentou, nesse período crítico, um crescimento que não pode ser ignorado. Como já tratado anteriormente, os vinhedos da localidade possuíam, em 1887, 65.390 videiras, e, no ano de 1888, 65.748.

Além de ratificar a importância do cultivo da uva, carro-chefe da economia agrícola do Núcleo Colonial de São Caetano, o crescimento do seu plantio em um contexto alarmante para os rumos da própria vitivinicultura local (ou seja, a cultura de uva para a produção de vinho) indica o que Emílio Rossi havia assegurado nas discussões promovidas sobre a temática pelo jornal *A Província de São Paulo* em sua edição de 10 de maio de 1887. Na ocasião, Rossi combateu a cultivação exclusiva da uva

européia, tipo mais suscetível aos ataques da citada praga, saindo em defesa da espécie americana da vide, cuja produção, conforme o seu entendimento, “é mais abundante, mais satisfatória, e a única qualidade que a filoxera não ataca”.¹¹

Suas considerações sugerem, portanto, que a cultura da uva em São Caetano compreendia outras variedades do fruto, como a americana, o que explica a sua expansão em pleno contexto da proliferação da praga filoxera. O próprio Rossi, nesta perspectiva, tecera enfaticamente a seguinte afirmação na explanação técnica, datada de 26 de março de 1888, que encaminhou ao presidente da Província de São Paulo, Francisco de Paula Rodrigues Alves, a respeito da vitivinicultura: “Felizmente não tem sido preciso empregar-se até agora meio algum para combater a moléstia da vinha porque não tem havido.”¹²

Em tal explanação técnica, Emílio Rossi legou outras informações preciosas para a constituição da própria história da vitivinicultura no Núcleo Colonial de São Caetano, as quais passo a transcrever:

O maior número de vide é cultivado no município desta capital, no Núcleo Colonial, onde eu cultivo a vinha, assim como os primeiros cultivadores neste núcleo, Braido Giuseppe, Carmine Barile, D’Agostini Luigi, Garbelotto Giacomo, Gallo Antonio, Coppini Francesco e Fiorotto Francesco. Cada propriedade destes pode-se calcular em 1.000 a 5.000 pés, ca-

da 1.000 pés de vide, sendo bem cultivada, pode dar 4 pipas de vinho, tanto neste núcleo quanto no de S. Bernardo, Glória e Santana, a força da lavoura é a vinicultura, havendo também nas chácaras da freguesia do Brás, Vila Mariana e em toda a redondeza da capital grandes plantações de vinha, que se estendem maravilhosamente.¹³

No que tange especialmente ao assunto da produção de vinho, Emílio Rossi também deixou um rico relato, que chegara a ser publicado no periódico *A Província de São Paulo*, em 17 de março de 1887, dois meses antes de toda a discussão ocorrida nas páginas desse mesmo jornal, oportunidade na qual o colono Rossi fez incisivas ponderações a respeito da uva americana, conforme referência já feita neste artigo.

Com o decorrer dos tempos, a província de S. Paulo não precisará importar mais vinhos estrangeiros, porquanto os fabricos dos vinhos nacionais, de ano em ano, vão-se aumentando e as qualidades tornam-se cada vez mais preciosas. Para obter-se um bom vinho, podem ser perfeitamente dispensados todos os estudos teóricos de manufaturas e composições; é bastante esmagarem-se as uvas com a própria força do homem, e, para isso, não é preciso usar de maquinismos para se obter um bom vinho. (...) o homem não tem força suficiente para esmagar uvas verdes e sim maduras, quando o mesmo não se dá com os maquinismos, porque o esmagamento das uvas torna-se geral,

e, por esse fato, as uvas verdes prejudiciais ao verdadeiro vinho. Os verdadeiros *contadinos* (agricultores italianos) nunca ouviram falar em maquinismos e nem tampouco em novos processos de fabrico de vinhos, no entretanto sempre serviram-se da força de seus braços, que é, na minha fraca opinião, o verdadeiro fabrico genuíno. Não há quem ignore que a primeira marca de farinha de trigo por si só, não pode dar um ótimo pão, por isso torna-se preciso o aumento de mais duas marcas de outra qualidade (boa) para dar um pão superior; assim, também, para obter-se bom vinho é necessário introduzir neste vasto Império diversas qualidades de vinhas que o resultado será certo. Apesar de encontrar-se pessoas que duvidem da prosperidade da viticultura, garantimos o mais próspero desenvolvimento do progresso da futura fonte de renda desta indústria na fértil província de São Paulo, com a plantação das vinhas que tem havido nestes últimos anos, principalmente nos núcleos coloniais da província, e por aí poderão, mais uma vez, avaliar a dedicação dos imigrantes italianos.¹⁴

Em 1882, Emílio Rossi recebeu o lote de número 16 (em área que hoje integra a Rua Rio Branco, no Bairro da Fundação), situado no chamado centro urbano do núcleo, que compreendia o eixo formado pelo cruzamento daquela rua com a atual 28 de Julho. A sua propriedade era vizinha dos lotes de Tommaso Tomé, Giovanni Peruch e dos também cultivadores de uva

Francesco Fiorotti e Giuseppe Braido (seu sogro). A ele Rossi fez menção naquele seu texto publicado no jornal *A Província de São Paulo*, em 17 de março de 1887, dirigindo-se nos seguintes termos ao redator de tal periódico, Dr. Rangel Pestana:

Sr. Redator,

Eu, como pequeno cultivador e fabricante de vinho nacional, tomo a liberdade de remeter-lhe algumas garrafas de vinho nacional fabricado por mim e apenas coadjuvado pelo meu velho sogro, homem de muita prática e que cultiva uvas no Núcleo Colonial de São Caetano, pelo que dei ao meu vinho o nome de São Caetano. Peço a V.S. se digne examiná-lo, que, apesar de novo (...), [nele] encontrará o verdadeiro gosto do bom vinho e da pura uva, sem artifício algum.

Para tornar-se mais conhecida esta indústria nacional, tenho um depósito deste vinho, à Rua do Tesouro, nº 9, podendo, assim, franquear às pessoas que se interessarem pela viticultura. Se esta minha carta não tirar espaço às suas colunas, peço-lhe a publicação da mesma para animar os cultivadores de vinha, antecipando-lhe, desde já, os meus agradecimentos.¹⁵

O *Vinho São Caetano* produzido por Emílio Rossi teve, posteriormente, o seu nome modificado para *Vinho Rossi*. O intuito do vitivinicultor foi, assim, destacá-lo dos muitos outros vinhos fabricados no Núcleo Colonial de São Caetano na mesma época.



Retrato de Carmine Barile, integrante do grupo pioneiro de viticultores do Núcleo Colonial de São Caetano



Acervo/FPMSCS



Retrato do vitivinicultor Emílio Rossi. Deixou importantes relatos sobre o tema da vitivinicultura, publicados, em 1887, no jornal *A Província de São Paulo*



Acervo/FPMSCS



Emílio Rossi e sua esposa, Magdalena Braido Rossi. Era filha de Giuseppe Braido, imigrante do grupo pioneiro instalado em São Caetano no dia 28 de julho de 1877 e um dos primeiros cultivadores de uva do núcleo



Acervo/FPMSCS

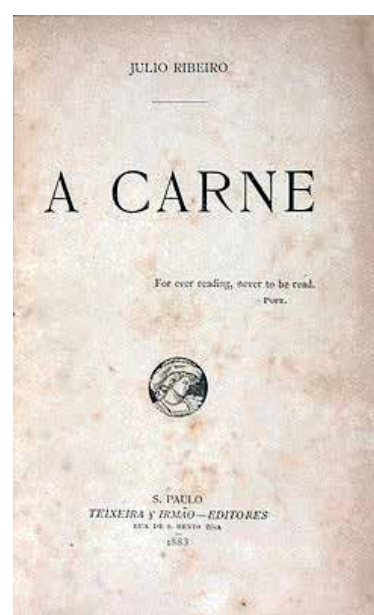


Na parte superior da imagem, à esquerda, uma cuia de cobre para misturar os ingredientes utilizados na sulfatação de videiras. Ao seu lado, um exemplar de aquecedor, também de cobre. Os dois objetos foram trazidos da Itália pela família de Luigi D'Agostini, um dos primeiros viticultores do Núcleo Colonial de São Caetano

Defensor do método artesanal na vitivinicultura, Emílio Rossi é um personagem emblemático de uma São Caetano que não ficou incólume às transformações verificadas, em termos mais amplos, no Brasil do fim do século 19. O tradicionalismo a favor do qual ele advogara, embora restrito à questão do cultivo de uva e da produção de vinho, impõe-se como ex-

pressão de um tempo que foi alcançado e ultrapassado pela própria marcha célere da história. Um tempo no qual era possível contemplar em São Caetano, tal como descrevera o escritor Júlio Ribeiro em seu romance *A Carne*, “os vinhedos formosíssimos plantados por italianos”.¹⁶

Esse cenário bucólico, outrora enfeitado pela simetria charmosa das videiras, desfez-se com o rápido avanço das olarias e das fábricas¹⁷ já a partir da década de 1890, concedendo ao território local marcos referenciais característicos da paisagem de um subúrbio industrial. Nela, não estariam mais presentes os esquadrinhamentos gerados pela artesanato tradicional do trabalho de agricultores, mas a arquitetura artificial dos maquinários fabris comandados por mãos operárias.



Capa da primeira edição do romance *A Carne*, do escritor Júlio Ribeiro. Em tal obra, do ano de 1888, os vinhedos do Núcleo Colonial de São Caetano são mencionados

Notas

¹ Para mais informações a respeito, consultar, entre outras pesquisas de sua autoria, que perfazem uma caminhada de quase 70 anos de estudos e reflexões profundas acerca da história da cidade: MARTINS, José de Souza. O tempo da pobreza e do trabalho na memória histórica de São Caetano. *Raízes*, São Caetano do Sul, n. 4, p. 18-23, jan. 1991. A título de complemento, principalmente no que concerne às questões atinentes ao processo histórico de construção da identidade sul-são-caetanense, acessar: CARVALHO, Cristina Toledo de. “Príncipe dos Municípios”: a invenção da identidade de São Caetano do Sul (1948-1957). 2022. Tese (Doutorado em História). Programa de Estudos Pós-Graduados em História da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, PUC-SP, São Paulo, 2022. ² Essas duas obras que integram a historiografia da cidade foram publicadas, respectivamente, em 1992 pela Prefeitura Municipal de São Caetano do Sul em parceria com a Editora Hucitec, e em 2015 pela Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul. A versão digitalizada de *Diário de uma Terra Lontana* pode ser acessada por meio do seguinte link: <https://www.fpm.org.br/Publicacoes/PDF/104>.

³ DEPARTAMENTO DO ARQUIVO DO ESTADO. *Colônias* apud MARTINS, José de Souza. A visita do imperador D. Pedro II ao Núcleo Colonial de São Caetano, em 1878. *Raízes*, São Caetano do Sul, n. 2, p. 4-10, dez. 1989, p. 5.

⁴ FERES, Cristina de Lourdes Pellegrino Feres. *Herdeiros da fundação: “laços” e “família” em São Caetano*. São Paulo: Hucitec; São Caetano do Sul: Prefeitura Municipal de São Caetano do Sul, 1998, p. 89.

⁵ MARTINS, José de Souza. *Diário de uma Terra Lontana: os “faits divers” na história do Núcleo Colonial de São Caetano*. São Caetano do Sul: Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul, 2015, p. 196.

⁶ *Ibidem*, p. 76.

⁷ *Ibidem*, *Subúrbio. Vida cotidiana e história no subúrbio da cidade de São Paulo: São Caetano, do fim do Império ao fim da República Velha*. São Paulo: Hucitec; São Caetano do Sul: Prefeitura Municipal de São Caetano do Sul, 1992, p. 111.

⁸ COMISSÃO DE TERRAS E COLONIZAÇÃO. *Relatório* apud MARTINS, José de Souza, *Subúrbio*, p. 112.

⁹ MARTINS, José de Souza. *Diário de uma Terra Lontana*.

¹⁰ COMISSÃO CENTRAL DE ESTATÍSTICA. *Relatório*. São Paulo, 1888, p. 70 apud MARTINS, José de Souza, *Subúrbio*, p. 111.

¹¹ Apud MARTINS, José de Souza, *Diário de uma Terra Lontana*, p. 174.

¹² *Ibidem*, p. 175.

¹³ *Ibidem*, p. 175.

¹⁴ *Ibidem*, p. 175-176.

¹⁵ *Ibidem*, p. 176-177.

¹⁶ *Ibidem*, p. 172.

¹⁷ As primeiras fábricas do parque industrial da cidade foram a Formicida Paulista, a Destilaria São Caetano e a Pamplona.

Cristina Toledo de Carvalho

é historiadora, com mestrado e doutorado em História Social pela PUC-SP, e autora do livro *Migrantes amparados: a atuação da Sociedade Beneficente Brasil Unido junto a nordestinos em São Caetano do Sul (1950-1965)*, publicado em 2015 pela Fundação Pró-Memória. Atualmente, ocupa o cargo de assessora de difusão cultural nessa instituição e integra a sua Comissão Editorial. É também membro do Grupo de Amigos do Movimento Autonomista (Gama).



O imponente arco do triunfo projetado por Francisco Del Rey para a homenagem aos pracinhas da cidade, realizada na Praça Cardeal Arcoverde no dia 7 de outubro de 1945

Um arco do triunfo em São Caetano

No dia 7 de outubro de 1945, uma grande homenagem foi promovida na Praça Cardeal Arcoverde aos pracinhas de São Caetano, por ocasião do término da Segunda Guerra Mundial (1939-1945). Para que tal homenagem se revestisse de pompa e solenidade, uma solicitação inusitada foi feita a Francisco Del Rey na véspera do evento. Quem nos narra, com riqueza de detalhes, essa curiosa história é o jornalista Ademir Medici, entusiasta e abnegado divulgador da memória da região.

Manhã de 6 de outubro de 1945 nas I.R.F. Matarazzo, em São Caetano. O desenhista Francisco Del Rey é chamado à diretoria da fábrica e recebe uma orientação urgente: teria que projetar em poucas horas um arco do triunfo para comemorar o fim da II Guerra e homenagear os pracinhas da cidade. A festa seria no dia seguinte.

Rey deixou o que tinha para fazer e desenhou um verdadeiro monu-

mento. Chamou o chefe da carpintaria e, ao meio-dia, 20 trabalhadores já montavam o arco, cujo esboço ficou pronto às 7 da noite. À meia-noite, eletricitistas e pintores cuidavam dos detalhes finais. A uma hora da manhã, com muito frio e muita gente presente, o arco estava pronto para a festa (...). Feliz, Del Rey admirou sua obra, ao lado do chefe do escritório da Matarazzo, sr. Novaes, pai do escritor Manoel Claudio Novaes (...).

No topo do arco, as inscrições: “São Caetano agradecido homenageia os seus heroicos filhos”. O arco, montado na Praça Cardeal Arcoverde, centralizou os desfiles dos pracinhas na tarde de 7 de outubro de 1945 (...).¹

Oito décadas após o episódio, a cidade sente-se orgulhosa da iniciativa, cuja magnitude, manifestada pela imponência do arco do triunfo, deve ter acalentado o coração não só dos homenageados, mas também de todos os espectadores dessa justa e inesquecível homenagem.

Nota

¹ MEDICI, Ademir. Um monumento em São Caetano. *Diário do Grande ABC*, 9 out. 1991.

Santo Antônio de Lisboa, de Pádua e do mundo inteiro: uma devoção mais que centenária em São Caetano

Rodrigo Marzano Munari



Credito/https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Sirani_-_Ges%C3%B9_Bambino_e_Sant%27Antonio_da_Padova.jpg.

Em 1885, foi construída, no lote colonial nº 39, da família Cavan-
na, uma capela dedicada a Santo
Antônio. Esse era um dos mais
queridos santos de devoção dos
imigrantes italianos que com-
puseram o Núcleo Colonial de
São Caetano a partir de 28 de
julho de 1877, data em que che-
garam as 28 famílias oriundas de
Cappella Maggiore, província de
Treviso, no Vêneto. O lote nº 39
foi concedido a Pasquale Cavan-
na, que com sua esposa, Dona
Luigia Cantadori Cavanna, teve

Santo Antônio com o
Menino Jesus. Tela
atribuída a Elisabetta
Sirani, pintora
bolonhesa do século 17



dois filhos: Angelo, nascido em 1842, e Luigi, nascido em 1846. A família Cavanna, originária de Schivenoglia, província de Mântua, na Lombardia, chegou a São Caetano em 4 de janeiro de 1878, na segunda leva de imigrantes destinados ao Núcleo Colonial.¹

Trazendo de sua terra natal o fervor religioso, quiçá ampliado pelos temores e incertezas da viagem e do posterior estabelecimento em um país estranho, sob condições frequentemente adversas, muitas das recém-chegadas famílias ergueram seus altares domésticos com imagens e devoções trazidas de além-mar. Há 140 anos, no lote de sua família, Luigi Cavanna externalizou sua devoção ao santo português de nascimento (Lisboa) e italiano por força do destino (Pádua), erigindo uma capela que pode ser observada na atual Rua Luiz Cavana (entre a Rua Paraíba e a Avenida Senador Roberto Simonsen), no centro de São Caetano do Sul. Quando foi erguida, na metade da década de 1880, a capela de Santo Antônio tornou-se mais do que um templo familiar. Ela se afigurou, naquele contexto, como um centro de atração para os moradores locais, muitos deles devotos do santo de Pádua, abrindo-se à celebração de missas e outros atos religiosos, sobretudo durante a construção da atual Paróquia São Caetano – a “Matriz Velha” –, que veio a substituir a antiga capela barroca dos monges beneditinos (originalmente construída entre 1717 e 1720).²

Ao que tudo indica, segundo o jornalista Ademir Medici, um dos bairros de São Caetano, o Bairro Santo Antônio, deve sua denominação à capela da família Cavanna, que fica em terreno pertencente ao Bairro Centro, à pequena distância do Edifício Vitória.³ Não foi – e não é – a única capela dedicada ao santo na localidade.⁴ Com efeito, outras capelas e capelinhas foram erguidas pelos moradores, especialmente entre os decênios finais do século 19 e os primeiros do século seguinte, em homenagem a seus santos de devoção, tornando-se espaços religiosos e comunitários de sociabilidade, e que, aos poucos, cederam lugar ao “progresso” – ditado pela abertura de logradouros públicos e pelo crescimento imobiliário –, desaparecendo do cenário urbano e, muitas vezes, da memória local.

Além da capela da família Cavanna, há outra, também dedicada a Santo Antônio, que resistiu ao tempo. A família Molinari, que desembarcou no Brasil em 1889,⁵ e que, uma vez estabelecida em São Caetano, estreitou relações com os Cavanna, fixou residência na antiga Rua Santo Antônio – atual Avenida Senador Roberto Simonsen –, no que hoje é o Bairro Cerâmica,⁶ e lá erigiu uma capela devotada a Santo Antônio. De acordo com uma crônica de Jayme da Costa Patrão, a origem dessa capela remete a um milagre que teria sido operado pelo santo em uma quente tarde de verão de 1919. Conta essa narrativa que, desabando um grande temporal

sobre a localidade, os Molinari se puseram a rezar diante de um oratório que guardava uma imagem de Santo Antônio de Pádua. Nas palavras do cronista, foi nesse momento, no auge da tempestade, que

um raio, coriscando, cortou os ares do sítio onde a família rezava, e uma faísca adentrou a sala, pelo telhado, e atingiu o oratório, sem causar danos maiores, deixando a imagem do Santo ileso, sem mesmo apagar as velas que o iluminavam. Bastante assustada, a família intensificou a prece e, passado o temporal, considerou um verdadeiro milagre ninguém ter se ferido. Lá fora, no pomar, uma velha árvore queimava pela ação do raio. Anos depois, foi construída a capelinha com voto de agradecimento. Em cima da porta de ferro uma placa de mármore registra: Capella Santo Antonio, Ricordo di Mariana Molinari – 1924. Demolida a capelinha em 1960, devido à abertura da Rua Constituição, uma outra foi construída ao lado da antiga e, ainda hoje, a imagem mais que centenária de Santo Antônio trazida de Módena, Itália, pode ser vista no mesmo oratório atingido pelo raio.⁷

É do mesmo cronista o registro de outra curiosa narrativa a respeito da devoção ao santo franciscano em São Caetano. Uma devoção que se exaltava a ponto de se tornar motivo de disputa a “nacionalidade” com que se deveria invocar o santo. Jayme Patrão descreve a pitoresca alteração havida entre

A Paróquia São Caetano ("Matriz Velha"), ainda em construção, em 13 de junho de 1908. Dia de grande importância para a comunidade local, que se reuniu para festejar Santo Antônio



“seu Almeida”, o “Almeidinha”, português verdureiro, e “seu Giacomini da sanfona”, italiano, que “trabalhava batendo tijolo” em uma das olarias da localidade. Amigos e católicos praticantes, participavam das missas na “Matriz Velha”, no Bairro da Fundação, e ambos eram devotos de um mesmo santo – ou melhor, um de Santo Antônio *de Lisboa*, e outro de Santo Antônio *de Pádua*, embora um só e mesmo santo. Certo domingo, após a missa e à porta da igreja, puseram-se a discutir sobre qual seria o “verdadeiro” Santo Antônio, o lisboeta ou o paduano; e entre palavrões e blasfêmias, que já quase chegavam às vias de fa-

to, foi chamado a arbitrar o conflito o padre Alexandre Grigolli, da Congregação dos Sagrados Estigmas de Nosso Senhor Jesus Cristo (CSS), que viera prestar auxílio ao pastoreio dos fiéis de São Caetano na década de 1920. Mas nem mesmo o padre Grigolli, discorrendo sobre Antônio – que fora batizado com o nome de Fernando em Lisboa, Portugal, e que, anos mais tarde, abraçaria sua vocação franciscana, consagrando-se como insigne pregador e vindo a falecer em Pádua, Itália –, foi capaz de convencer os litigantes, que retornaram inimizados para suas casas. A crônica arremata com um belo testemunho das práticas religio-

sas de antanho, que não podiam deixar de irmanar, nas ocasiões festivas da comunidade, aqueles dois turrões que, separados pelo culto à nação de origem, uniam-se na veneração ao mesmo Antônio que vieram a reencontrar na pátria adotiva:

A verdade é que numa belíssima noite de festa religiosa, quando foi organizada a procissão dos santos (primeira festa tendo o reverendo Alexandre Grigolli como vigário da Matriz Velha de São Caetano), por entre as diversas irmandades, com os seus respectivos estandartes e andores; o andor, todo florido, com a imagem de Santo Antônio, conduzido pela Irman-

Procissão na Rua 28 de Julho (Bairro da Fundação). As Filhas de Maria carregavam o andor de Santo Antônio. Foto da década de 1930



dade Antoniana, também estava sendo escoltado por duas fileiras de fiéis, rezando com fervor carregando círios acesos, cujas chamas projetavam sombras nas paredes brancas das casas. Duas figuras confundiam-se com as demais bruxuleantes sombras: eram os dois *birrentos* fiéis, que se irmanavam nas preces a Santo Antônio, sem mais se preocuparem se o santo, que eles carregavam, era de Lisboa ou de Pádua.⁸

Na São Caetano de inícios do século 20, a fundação de uma Irmandade ou Associação Antoniana foi promovida pelo padre Luiz Capra – religioso carlista que, por seu zeloso pastoreio,

deixou uma forte marca entre os fiéis da localidade, vindo a falecer precoce e repentinamente em janeiro de 1920, quando se preparava para uma missa na “Matriz Velha”.⁹ Os padres carlistas ou scalabrinianos, aliás, que assumiram a assistência religiosa local a partir de 1900, tiveram grande peso na “difusão da italianidade” entre os moradores de São Caetano, o que “se nutria de alguma persistência de vínculos com a pátria-mãe, mas sobretudo com a aldeia e a família de origem”.¹⁰ Entre esses vínculos, decerto estava a veneração a santos populares na própria Itália, os quais expressavam sentimentos regionalistas, como San-

to Antônio *de Pádua* – cidade da região do Vêneto. Curiosamente, como apontou o sociólogo José de Souza Martins, essa devoção a Santo Antônio, entre os colonos e seus descendentes, acabou por suplantando a própria devoção ao Santo da Divina Providência, São Caetano Di Thiene, cuja popularidade decrescia enquanto avançava o processo de industrialização na localidade:

No Núcleo Colonial, a devoção popular se deslocou rapidamente para Santo Antônio de Pádua: à medida que os colonos se tornavam operários passaram a cultivar mais intensamente uma devoção camponesa pelo santo dos acha-

dos e perdidos, o santo de quem vive da valorização das pequenas coisas. Abandonaram quase subitamente o santo da devoção de quem se identifica no trabalho e pelo trabalho, no pão simbólico que lhe dá sentido.¹¹

A Irmandade de Santo Antônio expressava a devoção dos imigrantes, e não apenas os italianos, a esse homem que viveu entre os séculos 12 e 13, na Europa medieval, primeiro como religioso agostiniano e, finalmente, como franciscano, ordem na qual se notabilizara por suas preclaras e magnéticas pregações, reveladoras de seu profundo conhecimento das Sagradas Escrituras. Antônio, o santo que chegou a pregar aos peixes quando os homens não quiseram ouvi-lo, o santo das coisas perdidas, do pão partilhado, o santo casamenteiro, o grande taumaturgo, poderoso intercessor, canonizado pela Igreja Católica menos de um ano após sua morte; Antônio, um homem a cuja biografia se sobrepõem tantas camadas de tradições populares, sedimentadas ao longo dos séculos, era provavelmente o santo mais festejado pelos colonos de São Caetano.

Entre as últimas décadas do século 19 e as primeiras do século 20, nesse subúrbio da capital paulista – em torno da antiga capela beneditina e, sucessivamente, da igreja no mesmo local erguida pela comunidade –, as festividades religiosas exigiam uma mobilização intensa dos moradores para a realização



Missa de criação da Paróquia Santo Antônio, no Bairro Jardim São Caetano, em 22 de dezembro de 1974. Ao centro, Dom Jorge Marcos de Oliveira, bispo diocesano, e, ao seu lado, o padre Devanir da Silva (CSS)

Acervo/Cassia Thereza Lorenzini



Registros fotográficos atuais da capela de Santo Antônio na Rua Luiz Cavana (Bairro Centro). Em seu interior, ainda se encontra a centenária imagem de Santo Antônio, trazida da Itália no final do século 19. Hoje a capela é conservada por Cassia Thereza Lorenzini e André Luiz M. Lorenzini

de missas solenes, grandiosas procissões e agitadas quermesses. Eram celebrações constitutivas de vínculos de sociabilidade próprios de uma São Caetano em tudo diversa da cidade atual. O sagrado integrava o tecido do cotidiano daquelas pessoas, que o experienciavam com ardor genuíno.

Naquela época, o período festivo iniciava-se com a festa de Santo Antônio, a 13 de junho, prolongava-se durante o mesmo mês, com a de São João e a de São Pedro, estendia-se até o 28 de julho, comemorativo da chegada dos primeiros italianos, e encerrava-se, triunfalmente, com a festa do padroeiro, São Caetano Di Thiene, a 7 de agosto. Segundo Nicola Perrella, em seu livro de memórias, “eram dias festivos realmente, eram semanas que se passavam em festas, eram meses que se festejavam, mas, naturalmente, tudo era festejado após a luta diária de nossos trabalhos”.¹² Conforme Oscar Garbelotto, que expôs reminiscências de sua infância no Bairro da Fundação, durante muitos anos as famílias também organizavam festas particulares que eram realizadas no próprio dia de Santo Antônio, santo venerado por adultos e crianças entre preces, comidas típicas e brincadeiras.¹³

Trabalho e festa irmanavam-se em um todo relativamente orgânico no cotidiano dos moradores dessa longínqua São Caetano, de feições indefinidas entre o rural e o urbano, entre o campo e a fábrica, cujas primeiras chaminés, já erguidas, em breve fariam esfarelar o tempo da experiência para sublimar o tempo do capital industrial – o tempo do dinheiro, contável, controlável, o tempo do relógio, esvaziado de sentido.

Apesar de sua popularidade, Santo Antônio não foi orago (padroeiro) de uma paróquia na localidade até a década de 1970, quando se estabeleceu uma nova comunidade em área próxima ao Ribeirão dos Meninos, que margeia a Avenida Guido Aliberti. Foi no atual Bairro Jardim São Caetano, de urbanização mais recente,¹⁴ que surgiu a Paróquia Santo Antônio, a mais jovem das 11 paróquias que presentemente existem na cidade, sob a jurisdição da Mitra Diocesana de Santo André.

Em meados da década de 1960, alguns membros da Congregação Mariana, pertencentes à Paróquia Sagrado Coração de Jesus (fundada em 1955), no



Imagem atual da capela localizada na Rua Constituição (Bairro Cerâmica). Em sua fachada, acima da porta, uma placa registra: “Capella Santo Antonio - Ricordo di Marianna Molinari - 1924”

Bairro São José, mobilizaram-se e obtiveram da municipalidade a doação de um terreno. Trata-se de uma área contígua ao Bosque do Povo, localizada no cruzamento da Rua Matilde com a Avenida Líbero Badaró, na então Vila Belvedere – loteamento depois absorvido pelo Jardim São Caetano –, onde seria erguida a nova matriz paroquial da comunidade. Em 1967, uma comissão foi formada, a pedra fundamental do templo foi lançada e, graças às campanhas organizadas pelos moradores para angariar fundos, as obras se iniciaram. Mas foram precocemente paralisadas, devido a dificuldades administrativas, deixando a igreja inconclusa e abandonada por alguns anos. Em 1974, uma nova mobilização dos fiéis – e particularmente de algumas piedosas mulheres, que viam com tristeza aquela situação e sentiam a necessidade de uma igreja no lugar – fez com que o projeto fosse retomado. Um projeto diferente, todavia, seria posto em prática. Dom Jorge Marcos de Oliveira, o primeiro bispo da Diocese de Santo André,¹⁵ decidira criar uma paróquia no bairro, aproveitando o edifício inacabado. Uma nova paróquia, distinta da Sagrado Coração de Jesus, de cujo território se desmembrava. Foi do bispo a sugestão, referendada com júbilo pelos fiéis, de que a comunidade recebesse Santo Antônio como seu padroeiro. E a primeira missa na Paróquia Santo Antônio foi celebrada em 22 de dezembro daquele ano.¹⁶

A mais jovem paróquia de

São Caetano do Sul comemorou seu jubileu de ouro (50 anos) em 2024; e segue como testemunho da força de uma comunidade ativa e perseverante. O fio que une a capela mais que centenária, de 1885, à Paróquia Santo Antônio, de 1974, é o da devoção popular, cujos significados e desdobramentos não se restringem à esfera das práticas religiosas. Historicamente, a devoção cria ou reforça laços comunitários e identitários e, na medida em que faz erguer seus templos aos santos de predileção popular, movimentam materialmente as localidades e assume papel de relevo na definição dos bairros e na ocupação dos espaços públicos, isto é, no próprio processo de urbanização. Não é por acaso que com o nome de Santo Antônio tenham sido batizados, além de capelas e igrejas, inúmeros logradouros públicos, bairros e cidades por todo o Brasil.

A devoção ao santo franciscano, que ao longo do tempo se espalhou para muito além dos territórios por ele percorridos

em vida, origina-se de um novo e extraordinário modelo de santidade. Antônio foi um homem que aderiu às principais lições da doutrina e do comportamento franciscanos, promovendo os leigos no cristianismo e reconhecendo, a exemplo de Francisco, a ambiguidade fundamental do mundo em que vivia: um mundo que é preciso amar, que é criação divina, fonte de alegria e fraternidade, mas ao qual também é preciso se opor. É preciso resistir – podemos hoje reafirmar, ecoando São Francisco de Assis – a todas as formas tirânicas de poder e de violência contra o homem e a natureza. Nas palavras de Jacques Le Goff, “abrir-se e ao mesmo tempo resistir ao mundo é um modelo, um programa de ontem e de hoje, de amanhã sem dúvida”.¹⁷ O franciscanismo, “em seu grande movimento no sentido dos leigos”, como ensina o historiador francês, deixa-nos “uma lição de plena atualidade”, pelo menos enquanto existirem realidades perversas a combater, como a fome, a miséria e a opressão.

Rodrigo Marzano Munari

é historiador e professor da rede municipal de São Caetano do Sul. Bacharel, licenciado, mestre e doutor em História pela Universidade de São Paulo (USP). Membro da Comissão Editorial da Fundação Pró-Memória e do Grupo de Amigos do Movimento Autonomista (Gama). É autor do livro *Deputados e delegados do poder monárquico: eleições e dinâmica política na província de São Paulo (1840-1850)*, publicado pela Editora Intermeios (2019); e coautor do livro *70 Anos de História da Educação em São Caetano do Sul (1949-2019)*, publicado pela Fundação Pró-Memória (2021).

Notas

¹ MARTINS, José de Souza. Diário de uma Terra Longina: Os “faits divers” na história do Núcleo Colonial de São Caetano. São Caetano do Sul: Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul, 2015, p. 103 e 144.

² CAPELA completa em anos em São Caetano. Diário do Grande ABC, 15 jun. 1985. Centro de Documentação Histórica da Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul.

³ MEDICI, Ademir. Migração e urbanização: a presença de São Caetano na região do ABC. São Paulo: Hucitec; São Caetano do Sul: Prefeitura de São Caetano do Sul, 1993, p. 240.

⁴ Na região do Grande ABC, existem diversas capelas, paróquias e logradouros públicos que também homenageiam o santo franciscano. Cf. PETROLI, Valenizio. Antônio, santo dos italianos, dos portugueses... e de todo mundo. Raízes, São Caetano do Sul, ano VII, n. 13, p. 26-33, jul. 1995.

⁵ MARTINS, op. cit., p. 188-189.

⁶ MEDICI, op. cit., p. 367-370.

⁷ PATRAO, Jayme da Costa. Era uma vez... (crônica de uma época). Raízes, São Caetano do Sul, ano III, n. 4, p. 38-42, jan. 1991, p. 39-40.

⁸ Ibidem, p. 42.

⁹ MUNARI, Rodrigo Marzano. Há mais de 100 anos tombou o padre Luiz Capra: o primeiro vigário da Paróquia de Santo André, o eterno vigário de São Caetano. Raízes, São Caetano do Sul, ano XXXV, n. 67, p. 32-37, dez. 2023.

¹⁰ MARTINS, José de Souza. Subúrbio. Vida cotidiana e história no subúrbio da cidade de São Paulo: São Caetano, do fim do Império ao fim da República Velha. São Paulo: Hucitec; São Caetano do Sul: Prefeitura de São Caetano do Sul, 1992, p. 191.

¹¹ MARTINS, Diário de uma Terra Longina, op. cit., p. 21.

¹² PERRELLA, Nicola. Entre as “torbas” de S. Caetano. São Paulo: Edições Alarico, 1961, p. 74.

¹³ GARBELOTTO, Oscar. O Núcleo Colonial e sua evolução vista pelas Festas de São Caetano (1883-1927). Raízes, São Caetano do Sul, ano VIII, n. 15, p. 18-24, jul. 1997, p. 22.

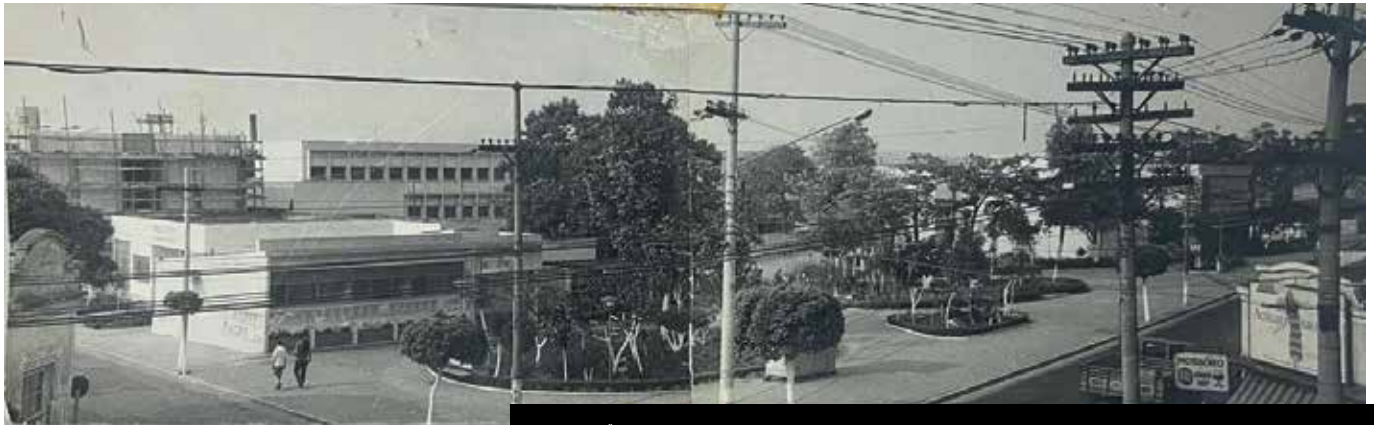
¹⁴ Cf. MEDICI, op. cit., p. 441-454.

¹⁵ A Diocese de Santo André, que abrange as sete cidades da região do Grande ABC, foi criada em 22 de julho de 1954, quando teve seu território desmembrado da Arquidiocese de São Paulo. Para mais informações, cf.: <https://diocesesa.org.br/nossa-historia/>.

¹⁶ MUNARI, Rodrigo Marzano. História e memória de uma comunidade em construção. Livreto comemorativo dos 40 anos da Paróquia Santo Antônio, 2014. Arquivo da Paróquia Santo Antônio de São Caetano do Sul.

¹⁷ LE GOFF, Jacques. São Francisco de Assis. Tradução de Marcos de Castro. 2ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2001, p. 242-243.

A Praça do Professor em três momentos distintos



Aspecto panorâmico da Praça do Professor em foto de outubro de 1968. Ao fundo, observa-se o edifício da Escola Estadual Coronel Bonifácio de Carvalho. À esquerda, vê-se o prédio do Posto de Puericultura Aracy Torres Campanella, inaugurado em 28 de julho de 1954 no local onde hoje se encontra o edifício que abriga as sedes da Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul, da Academia de Letras da Grande São Paulo e da Secretaria Municipal de Cultura

Fronteira à Avenida Goiás, a Praça do Professor, ao longo de suas quase sete décadas de existência, sofreu transformações significativas em seu cenário. Projetada pelo arquiteto Rodney Guaraldo, compõe o complexo formado, originariamente, pelos edifícios da Escola Estadual Coronel Bonifácio de Carvalho e do Teatro Municipal Santos Dumont.

A sua denominação foi atribuída pelo decreto municipal 241, de 15 de outubro de 1956, e a sua construção foi ao encontro de um anseio bastante antigo observado na cidade. Isso porque, desde 1936, quando São Caetano era um distrito do município de São Bernardo, havia a intenção de instalar um jardim público no espaço que recebeu o logradouro, circundado pelo quadrilátero constituído pelas avenidas Goiás e Dr. Augusto de Toledo e pelas ruas Américo Brasiliense e Antônio Bento.

As imagens que apresentamos fornecem um panorama das características da Praça do Professor em três momentos distintos, sinalizando as mudanças estéticas pelas quais passou no decorrer de sua história.



Praça do Professor nos anos 2000. As características apresentadas marcaram a configuração do logradouro no início deste século. Em destaque, o prédio que, na época, abrigava a Biblioteca Municipal Paul Harris (hoje, instalada na Avenida Goiás, nº 950), além da Fundação Pró-Memória e da Academia de Letras da Grande São Paulo, compondo o complexo no qual a praça se insere. Atualmente, tal prédio compreende também a Secretaria Municipal de Cultura

Foto/Samuel Tchalla (Secretaria Municipal de Cultura de São Caetano do Sul)



A Praça do Professor em um aspecto de sua configuração atual. Ao fundo, o Espaço Cultural Casa de Vidro (à direita) e o prédio da Fundação Pró-Memória, da Secretaria Municipal de Cultura e da Academia de Letras da Grande São Paulo. Foto de 2025

A Banda Marcial do Colégio Técnico Industrial Jorge Street

Marco Mandarino



Acervo/Etec Jorge Street



Solenidade de inauguração da Tribuna Livre Teotônio Vilela, no Parque do Ibirapuera, em 15 de maio de 1983

A Banda Marcial do Colégio Técnico Industrial Jorge Street não chegou a ser cinquentenária como a escola, inaugurada em 1975; atuou por pouco mais de uma década, mas deixou lembranças que irão perdurar por anos sem conta. Iniciou suas atividades em maio de 1976, por ocasião do primeiro aniversário do Jorge Street. Desde então, passou a se

apresentar em diversas cidades e a participar de competições, sempre com grande êxito.

Apenas no ano de 1977, a banda apresentou-se nas cidades de Santos, Bauru, Ferraz de Vasconcelos, Mauá, Guarulhos e Itapetininga, no Estado de São Paulo, e ainda em Minas Gerais, na cidade de Uberaba. Também marcou presença em nossa cidade em solenidades, olimpíadas

escolares, inaugurações e feiras. Além, é claro, dos tradicionais desfiles do Dia da Pátria, em 7 de setembro.

Ainda em 1977, com o apoio da Associação de Pais e Mestres, foi possível a aquisição do primeiro uniforme para a banda. Até então, os membros apresentavam-se com o uniforme escolar, um agasalho na cor laranja.

No decorrer de sua existência, a banda marcial teve basicamente dois uniformes: o primeiro era praticamente todo azul, com detalhes em branco, e um segundo, inspirado na Guarda Real Inglesa, no qual era marcante a predominância do vermelho e preto, com destaque para o icônico chapéu preto e alto.

A banda chegou a contar com 54 membros entre 14 e 20 anos, sendo 44 músicos, oito integrantes na linha de frente, uma baliza e um instrutor, sob a regência do talentoso Antônio Homem de Bittencourt.

Nascido em 12 de maio de 1958, na cidade de Santos (SP),

foi no Colégio Técnico Jorge Street que Antônio Homem de Bittencourt começou sua carreira de maestro, em 1977. Após sua passagem, prosseguiu trabalhando como professor, regente e maestro em diversas outras escolas e bandas, tais como o Externato Santo Antônio, também na cidade de São Caetano do Sul; Banda Lyra, da cidade de Mauá; Colégio Cardeal Motta em São Paulo; Colégio Santista e Orquestra Sinfônica Municipal de Santos. Atualmente, o maestro reside na cidade de Olímpia, no interior de São Paulo.

Também não podemos esquecer de citar o professor Valdir Pampuch (que lecionava instrumentação), o funcionário Aguinaldo Del Giudice e os alunos Marcos Ricardo Nasário, Jaime Solanas Munhoz e Wilson Domingues, que ajudavam com as tarefas do dia a dia da banda na escola.

Com talento e disciplina, essa equipe brilhou na cidade e fora dela. Entre as mais relevantes participações da banda marcial em concursos, podemos enumerar:

- - **Desfile em Brasília, nos anos de 1978 e 1980;**
- - **Concurso em Pindamonhangaba, conquistando o bicampeonato (1978/1979);**
- - **Concurso em Santos: 1º lugar na categoria juvenil e 4º na geral, em 1980;**
- - **Concurso Rádio Record: 8º lugar na categoria juvenil e 12º na geral, em 1979;**
- - **Concursos em Pinheiros: 1º lugar na categoria**

Com talento e disciplina, essa equipe brilhou na cidade e fora dela.

juvenil e 2º lugar na geral, em 1978; e 1º lugar na categoria juvenil e 4º lugar na geral, em 1979.

Em 1978, a banda marcial desfilou, orgulhosamente, na Avenida Eixo Monumental N1, em frente ao Congresso Nacional, no desfile comemorativo da fundação de Brasília, privilégio que se repetiria no ano de 1980. Também no ano de 1978 apresentou-se na estação São Bento do Metrô, na Semana da Pátria.

Visita ao prefeito – Em 1979, após a banda marcial sagrar-se bicampeã na cidade paulista de Pindamonhangaba, ela foi recebida pelo então prefeito de São Caetano, Raimundo da Cunha Leite (1923-2017), em seu gabinete.

Na ocasião, o prefeito acentuou que a escola, uma das mais importantes do município, destacava-se não apenas pelo alto gabarito educacional, mas também pela contribuição que oferecia à divulgação da cultura e do nome de São Caetano do Sul. Salientou que não deixaria de colaborar com os esforços dispendidos pelos responsáveis do colégio para que idênticos resultados pudessem ser alcançados em futuras oportunidades.

A visita dos membros da banda aconteceu numa manhã de terça-feira, ocasião em que o então diretor do colégio, Hamilton Negrão, apresentou ao prefeito o troféu recebido pela participação naquela cidade do Vale do Paraíba, concorrendo com vários outros conjuntos musicais de diversas cidades do Estado de São Paulo.

O professor Estélvio Simão Nutti, presidente do Centro Técnico do colégio, presente ao encontro que se realizou no gabinete do prefeito, também ressaltou o valor da banda, que, apesar de contar com poucos membros, vinha se destacando pelas perfeitas apresentações.

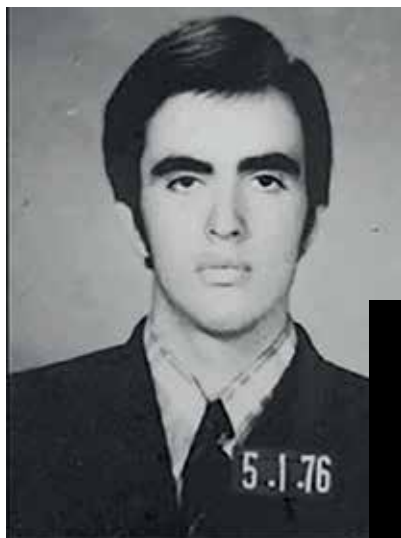
Por fim, o maestro Antônio Homem de Bittencourt, responsável pela banda, sublinhou, em sua fala, a colaboração da prefeitura para que o conjunto se destacasse nas apresentações da cidade, servindo de estímulo e inspiração à juventude sul-são-caetanense.

Após 1983, praticamente não existem mais registros escritos ou fotográficos da Banda Marcial do Colégio Jorge Street. O último registro oficial da banda data de maio de 1990 e consiste em um vídeo gravado durante a abertura do 7º IECE (Integra-

ção Esportiva, Cultural e Educacional), que ocorreu na cidade de São Caetano do Sul.

Depoimento do maestro em abril de 2025 - Ainda hoje, as memórias da Banda Marcial do Colégio Técnico Industrial Jorge Street estão muito vivas nas lembranças do maestro Antônio Homem de Bittencourt. Em depoimento concedido para o livro *O início de tudo* (publicação comemorativa dos 50 anos da escola), em abril deste ano, ele afirma: “Falar sobre a participação na Escola Técnica Jorge Street é como falar da minha formação profissional, moral e ética. Havia completado a maioridade em 1976 e lá estava eu explicando ao professor Hamilton Negrão o porquê da formação de uma banda e não uma fanfarra. Eu era bancário, estudava à noite e, aos sábados, passava o dia na escola. Achava que seria uma atividade passageira, que faria Engenharia Naval e um dia essa paixão acabaria. Ledo engano.”

Acervo/Etec Jorge Street



Maestro Antônio Homem de Bittencourt



Foto no hall de entrada do Teatro Paulo Machado de Carvalho, em 1978

Acervo/Etec Jorge Street



Acervo/Etec Jorge Street



Desfile na Av. Eixo Monumental N1, em frente ao Congresso Nacional, nas comemorações da fundação de Brasília, em 1978



Desfile de abertura dos Jogos Escolares de São Caetano do Sul, no Estádio Lauro Gomes de Almeida (atual Estádio Anacleto Campanella), em 1980

Uma pequena lista das apresentações e participações da banda marcial em concursos realizados em diferentes cidades do Estado de São Paulo e de outras regiões do país ajuda a mensurar a sua importância. Até os dias de hoje, é motivo de orgulho para a escola.

Participações do ano de 1978

- Apresentação em Ribeirão Pires (SP), recebendo diploma de honra ao mérito pela sua brilhante participação nos desfiles em comemoração do aniversário da cidade, em 19 de março;
- 1º encontro de Bandas e Fanfarras do Distrito Federal nos dias 20, 21 e 22 de abril;
- Apresentação no Serviço Social da Indústria (Sesi) em comemoração do Dia do Trabalho;
- Apresentação na Faculdade de Música de São Paulo, no dia 13 de maio;
- Apresentação interna comemorativa do aniversário do colégio, em 18 de maio;
- Concurso de Santos, no qual se sagrou vice-campeã na categoria juvenil, em 2 de julho;
- Concurso em Pinheiros, no qual conquistou o campeonato na categoria juvenil e o vice-campeonato na classificação geral, no dia 27 de agosto;
- Concurso em Pindamonhangaba, em que se sagrou campeã na categoria geral, em 3 de setembro;
- Apresentação na estação São Bento do Metrô. Uma promoção conjunta com o 2º Exército e Companhia do Metrô, nas solenidades comemorativas da Semana da Pátria;
- Concurso em Itatiba, sagrando-se vice-campeã, em 17 de setembro;
- Concurso em Guarulhos, onde ficou em 5º lugar, em 1º de outubro;
- Concurso em Mauá, ficando em 6º lugar, em 29 de outubro;
- Apresentação no Bairro Nova Gerty, em 26 de novembro.

Participações do ano de 1980

- Apresentação em Brasília nas comemorações do aniversário da capital federal, em abril;
- Apresentação na Congregação Missionária dos Combonianos, em Pinheiros, no mês de maio;
- Apresentação interna em comemoração do aniversário do colégio, em maio;
- Concurso na cidade de Santos, que contou com a participação de mais de 40 bandas. Sagrou-se campeã na categoria juvenil e 4º lugar na classificação geral, em julho;
- Desfile militar na Av. Goiás, em São Caetano do Sul, em agosto;
- Desfile comemorativo do Dia da Pátria, na Av. Goiás;
- Concurso em Pinheiros, com mais de 30 bandas participantes. Sagrou-se campeã na categoria juvenil e conquistou o 4º lugar na classificação geral, em setembro;
- Concurso de Bandas e Fanfarras da Rádio Record, ficando em 8º lugar geral, em outubro;
- Concurso de Pindamonhangaba, em que conquistou a 3ª colocação, em outubro;
- Concurso de Varginha (MG), ficando em 5º lugar, em novembro.

Participações do ano de 1983

- Concurso na cidade de Cotia, no qual ficou em 3º lugar, em 23 de abril;
- Inauguração da Tribuna Livre Teotônio Villela, no Parque do Ibirapuera, em 15 de maio;
- Apresentação interna comemorativa do aniversário do colégio, em 20 de maio;
- Concurso das Olimpíadas da Grande São Paulo, no qual se sagrou campeã na categoria juvenil e vice-campeã na classificação geral, em 21 de maio;
- Concurso na cidade de Arujá, sagrando-se campeã na categoria juvenil e 6º lugar na geral, em 12 de junho;
- Desfile de abertura dos Jogos Industriais na Av. Goiás, em 26 de junho;
- Apresentação na cidade de Americana, por ocasião da Feira Industrial, em 1º de julho;
- Concurso de Pinheiros, ocasião em que conquistou o campeonato na categoria juvenil e 6º lugar na geral, em 28 de agosto;
- Desfile comemorativo do Dia da Pátria na Av. Goiás;
- Apresentação no encerramento da 3ª edição dos Jogos Escolares de São Caetano do Sul, no Estádio Lauro Gomes de Almeida, em 29 de outubro;
- Apresentação na cidade Mauá, por ocasião do seu aniversário, em 4 de dezembro.

Marco Mandarinó

é natural de São Caetano do Sul e ex-aluno da Etec Jorge Street, tendo ingressado na instituição em 1990. Possui formação em Gestão e Gerenciamento de Web Sites pela Universidade do Grande ABC, com especialização pela Universidade Federal de Lavras. Posteriormente, licenciou-se em Informática pela Fatec - São Bernardo do Campo. Formado em Fotografia pela Fundação das Artes (instituição na qual lecionou), especializou-se nas áreas de artes visuais e edição de imagens.

O gostoso sabor das três décadas do Conselho de Alimentação Escolar de São Caetano do Sul

Wilson Roberto Santana (prof. Pará)

Os que agora leem este artigo e possuem mais de 65 anos de idade vão se recordar da caneca de plástico com café e leite e do pão e manteiga que eram servidos na hora do famoso “recreio”, aquele período em que as aulas nos grupos escolares eram interrompidas para o leite da refeição. Hoje, tudo está modificado, e as escolas servem aos seus estudantes café da manhã, almoço e café da tarde. O Programa Nacio-

nal de Alimentação Escolar (PNAE) tornou-se um dos mais importantes programas de alimentação escolar no mundo, buscando garantir as necessidades nutricionais das crianças em idade escolar. Para contar como toda essa história começou, vamos retratar até mesmo um tempo em que não existia o Conselho de Alimentação Escolar (CAE), um órgão que supervisiona toda essa ação e que já existe há 25 anos.

A história da alimentação escolar no Brasil começa nos anos de 1940, quando o país enfrentava sérios problemas com a fome e carecia de um programa destinado a combater essa maldade que tanto afligia os brasileiros. O Instituto de Alimentação Escolar defendia a ideia da criação de um programa nacional de alimentação nas escolas para minimizar o problema, mas, por questões financeiras, acabou não tendo êxito. A criação do primeiro curso de Nutrição no Brasil, em 24 de outubro de 1930, na Faculdade de Higiene e Saúde Pública da Universidade de São Paulo (USP), pelo médico Geraldo de Paula Souza, abriu uma nova perspectiva na alimentação de uma forma geral e, em particular, na alimentação das crianças.

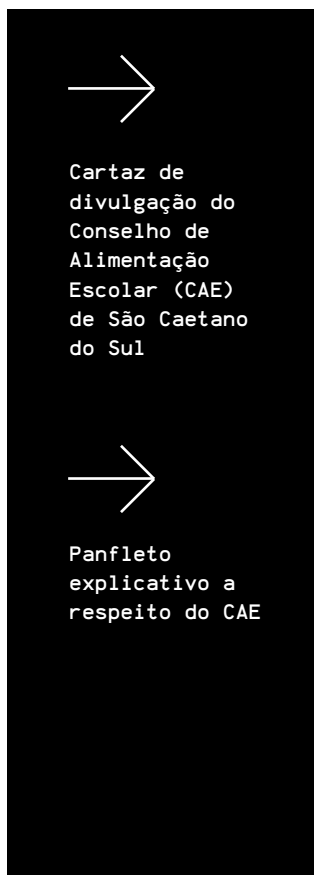
O início dos anos 1950 foi muito promissor para o enfrentamento do problema, devido à atuação da Comissão Nacional de Alimentação (CNA), criada em 1945 com o objetivo de estudar o estado nutricional da população e promover a correção de deficiências alimentares, como também apoiar o desenvolvimento de alimentos desidratados. Nesse contexto, é formulado, então, o Plano Nacional de Alimentação e Nutrição, denominado “Conjuntura Alimentar e o Problema da Nutrição no Brasil”, e com ele surge, pela primeira vez no país, um programa

de merenda escolar em âmbito nacional (inicialmente, restrito à região Nordeste).

Em 1955, é instituída a Campanha da Merenda Escolar (CME) por meio do decreto nº 37.106, de 31 de março daquele ano, assinado pelo presidente João Café Filho. Posteriormente, essa campanha passa a ser denominada Campanha Nacional de Merenda Escolar (CNME).

Os anos de 1960 foram marcados por ações como o Programa de Almoço Escolar, cujo objetivo era alterar a ideia de “merenda” para servir verdadeiras refeições aos estudantes, incluindo também os alunos de cursos supletivos e de parte do ensino secundário e dos pré-escolares. O objetivo era o combate à desnutrição infantil e o auxílio a famílias a partir da distribuição de alimentos. A alimentação era centralizada e nacionalizada; os recursos eram provenientes da União, dos Estados e dos Municípios, bem como de doações oriundas de programas internacionais.

Em 1972, é criado o Instituto Nacional de Alimentação e Nutrição (Inan), com o objetivo de formular um plano nacional nesse segmento. Em 1973, durante o governo do presidente Emílio Garrastazu Médici e por meio do decreto nº 72.034, de 30 de março de tal ano, é criado, então, o I Programa Nacional de Alimentação e Nutrição (Pronan), que visava a suprir carências nutricionais de grupos vulneráveis, especialmente gestantes e crianças de até 3 anos, por meio da complementação alimentar e de programas de desenvolvimento social, de forma integrada. Atuava em regiões metropolitanas e no Distrito Federal. Em 1976, o governo federal passou a adotar, pela primeira



vez, a denominação de Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE), com previsão de fornecimento de uma refeição diária para cada aluno durante o período letivo, agora com 180 dias/ano. O plano estabelecia o atendimento a todos os alunos matriculados na rede pública e filantrópica de ensino fundamental.

A ação no município - Com a nova legislação, os municípios procuraram rapidamente se adequar aos novos quesitos relacionados à descentralização do Programa de Alimentação Escolar. O prefeito Antônio José Dall’Anese (1993-1996) dedica uma atenção especial ao recém-criado Plano Decenal de Educação para Todos, documento cujos objetivos principais eram a universalização do acesso à educação básica, a erradicação do analfabetismo, a melhoria da qualidade do ensino com metas de aprendizagem, a ampliação da oferta da educação infantil e a valorização



Arquivo/CAE (São Caetano do Sul)



Posse dos membros do CAE de São Caetano do Sul (gestão 2023-2027), realizada em 13 de junho de 2023

dos profissionais da educação.

Também em São Caetano do Sul o Departamento de Educação e Cultura (Depec), fundado em 1965, promove uma série de conferências e encontros nos anos de 1994, 1995 e 1996, na gestão da diretora Márcia Gallo (1993-1996). O objetivo era promover mudanças que atendessem às diretrizes do Plano Decenal de Educação para Todos.

O Conselho de Alimentação Escolar de São Caetano do Sul (CAE-SCS) somente veio a ter um regimento interno no ano de 2000, por meio do decreto 8.189, de 21 de novembro, regulamentando seu funcionamento, procedimentos, responsabilidades e direitos. Uma nova alteração na legislação do CAE-SCS ocorre no ano de 2001, pela lei 4.028, de 28 de novembro do referido ano, para atender às determinações da portaria 2.178, de 24 de agosto daquele ano de 2001, e da resolução nº15, de 25 de agosto de 2000, do Ministério da Educação.

O mandato dos conselheiros do CAE passou a ser de quatro anos a partir de 29 de janeiro

de 2009, com a instituição da resolução FNDE nº 38/2009, que regulamentou a lei nº 11.947/2009.

Em 9 de fevereiro de 2007, São Caetano municipaliza dez escolas estaduais com ensino de 1ª até 4ª série, por meio de convênio firmado com o governo do estado. Até 2006, o município tinha por volta de cinco mil alunos na rede própria, de ensinos fundamental e médio. Com a municipalização, passou a atender mais seis mil alunos.

As dez escolas estaduais municipalizadas foram: EE Bartolomeu Bueno da Silva; EE Dom Benedito Paulo Alves de Souza; EE Prof. Décio Machado Gaia; EE Laura Lopes (municipalização apenas de 1ª a 4ª série); EE Padre Luiz Capra; EE Oswaldo Samuel Massei; EE Prof. Rosalvito Cobra; EE Senador Flaquer; EE Silvio Romero; e EE 28 de Julho.

A segunda diretoria toma posse em 2006 - No ano de 2006, por força da portaria 19.710, de 28 de agosto de tal ano, deu-se posse à segunda di-

retoria do Conselho de Alimentação Escolar de São Caetano do Sul. O ato praticamente reconduziu os mesmos conselheiros da gestão 2004-2006: houve somente a substituição do conselheiro Sergio Ricardo Tannuri por Ricardo Tessima. Um fato que chama a atenção na constituição dos dois primeiros conselhos, 2004-2006 e 2006-2008, foi a presença de representantes do Poder Legislativo, pois não existia exigência de representação desse segmento da população no CAE. No ano de 2007, o vereador Moacir Antônio Rodrigues e o vereador Paulo Nunes Pinheiro, em ato da portaria 19.885, de 8 de março daquele ano, substituem respectivamente os vereadores Joel Benedito Fontes Ribeiro (titular) e Ângelo Luiz Pavin (suplente).

Também no ano de 2006 foi aprovada a obrigatoriedade de nutricionistas como responsáveis técnicos pelo Programa de Alimentação Escolar. Essa medida objetivou garantir a qualidade nutricional das refeições oferecidas aos estudantes.

A gestão do Conselho de Alimentação Escolar de São Caetano do Sul de 2008-2010 veio pela portaria nº 21.931, de 11 de novembro de 2008, com uma formação totalmente nova, pois o Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE) sofreu transformações significativas entre os anos de 2000 e 2010, tendo que se adequar aos princípios da equidade, sustentabilidade e descentralização. Essas mudanças refletiram avanços legislativos e fortaleceram a relação com a municipalização do ensino, ampliando a autonomia local na gestão da alimentação escolar.

O ano de 2009 foi especialmente importante para a alimentação escolar, pois foi promulgada a lei nº 11.947, em 16 de junho. Ela representou um marco para o PNAE, pois estabeleceu que pelo menos 30% dos recursos do programa deveriam ser destinados à compra de alimentos da agricultura familiar, priorizando alimentos *in natura* e minimamente processados, alinhando-se aos princípios da alimentação saudável e sustentável.

A lei nº 11.947 também redefiniu as funções dos Conselhos de Alimentação Escolar. A partir de então, os CAEs passam a ser um colegiado de fiscalização permanente, com um caráter deliberativo e não apenas consultivo. Passam também a ser o principal órgão para fiscalizar a execução do PNAE, aprovando o Regimento Interno e a prestação de contas do programa com apresentação de relatórios e ou-

tras informações. Os conselhos também devem comunicar toda e qualquer irregularidade na execução do PNAE ao Ministério Público.

O mandato dos conselheiros do CAE passou a ser de quatro anos a partir de 29 de janeiro de 2009, com a instituição da resolução FNDE nº 38/2009, que regulamentou a lei nº 11.947/2009, estabelecendo a duração de quatro anos para os mandatos de conselheiros de CAEs.

A resolução FNDE nº 38/2009 estabeleceu quais seriam as atribuições desses conselhos:

I - Acompanhar e fiscalizar:

- O direito humano à alimentação adequada;
- A universalidade do atendimento da alimentação escolar gratuita;
- Acesso ao alimento de forma igualitária;
- Acesso regular e permanente à alimentação saudável e adequada;
- O respeito aos hábitos alimentares;
- O compartilhamento da responsabilidade pela oferta da alimentação escolar e das ações de educação alimentar e nutricional;
- A participação da comunidade no controle social.

II - Acompanhar e fiscalizar a aplicação dos recursos destinados à alimentação escolar;

III - Zelar pela qualidade dos alimentos, em especial quanto às condições higiênicas, bem como à aceitabilidade dos cardápios oferecidos; e

IV - Receber o Relatório Anual de Gestão do PNAE e emitir parecer conclusivo acerca da aprovação ou não da execução do programa.

Entre 2000 e 2010, o Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE) evoluiu significativamente, incorporando princípios de sustentabilidade, saúde pública e controle social. Essas mudanças fortaleceram a relação com a municipalização do ensino, permitindo que os municípios tivessem maior autonomia na gestão da alimentação escolar, adaptando-a às suas realidades e necessidades específicas.

Em 11 de novembro de 2010, foi promulgada a lei nº 4.950, que, em seu artigo 4º, estabelece que, do total de recursos financeiros repassados pelo FNDE no âmbito do PNAE, 30% deverão ser utilizados na aquisição de gêneros alimentícios diretamente da agricultura familiar.

Ao Conselho de Alimentação Escolar, órgão colegiado de caráter fiscalizador, permanente, deliberativo e de assessoramento, instituído no âmbito dos Estados, do Distrito Federal e dos Municípios, coube o papel de fiscalizar e de garantir a utilização correta dos recursos do Programa Nacional de Alimentação Escolar. Entre suas atribuições, inclui-se a verificação da qualidade dos alimentos, das condições sanitárias das cozinhas escolares, da regularidade do abastecimento dos alimentos e da aceitabilidade dos cardápios oferecidos. Também é papel do

CAE a visita periódica às escolas e o trabalho de análise da documentação financeira, emitindo parecer conclusivo sobre a execução do PNAE, aprovando ou reprovando o programa.

Por meio da portaria nº 25.072, de 13 de janeiro de 2011, foi dada posse à diretoria do Conselho de Alimentação Escolar de São Caetano do Sul para a 5ª gestão (2010-2014).

Na mencionada gestão, não foram indicados representantes do Poder Legislativo. Em 26 de agosto de 2013, a partir da portaria nº 28.925, a representante do Poder Executivo, Regina Maura Zetone Grespan, é substituída por Deolinda Aparecida Parra.

São Caetano do Sul sempre priorizou a educação. No período entre 2013 e 2016, não foi diferente, pois houve a revitalização de 14 escolas e a aprovação do Plano Municipal de Educação, por intermédio da lei nº 5.316, de 18 de junho de 2015, que estabeleceu diretrizes e metas para a educação do município no decênio seguinte. Em 5 de agosto de 2014, por meio da portaria nº 30.441, foi dada posse à 6ª gestão do Conselho de Alimentação Escolar de São Caetano do Sul para o quadriênio 2014-2018.

Em 2019, verificou-se a implementação do programa Almoço na Escola. Mesmo os alunos que estudavam em período parcial puderam almoçar na unidade escolar, antes ou depois do turno das aulas. Em 2023, São Caetano do Sul lançou o Pro-

Nutri, um programa de educação nutricional que visa a incentivar hábitos alimentares saudáveis entre os discentes. O ProNutri inclui ações como a implementação de hortas escolares e a promoção de atividades educativas sobre alimentação saudável, em parceria com a Universidade Municipal de São Caetano do Sul (Uscs).

Quem se lembra daquela caneca de café com leite, acompanhada de pão com manteiga ou bolacha de água e sal, iria se surpreender com a diversidade e a qualidade dos alimentos que são servidos nas escolas do município. Temos, hoje, uma alimentação escolar gostosa, saudável e variada, com produtos naturais oriundos da agricultura familiar e muito menos açúcares e itens ultraprocessados, atendendo às orientações nutricionais específicas de cada faixa etária. E essa é uma conquista de toda a cidade, representada pelo Conselho de Alimentação Escolar.

Relação dos personagens que fizeram essa história

A relação nominal dos conselheiros do CAE-SCS, no período de 1995 a 2025, é composta, na ordem alfabética, por: Adriana da Silva Gonçalves Rodrigues, Adriana Pinheiro de Albuquerque Mesquita, Agnaldo Gimenez, Ângelo Luiz Pavin, Aline Flavia Maliane. Aliauria Sandra Rodrigues Regiani, Ana Caroline Tomé Pires, Ana Maria da Silva Lima Menezes, André Mendes, Ângela Maria Manilli, Armando Sergio Santos

Rosa, Antônia Aparecida Paulo Hattori, Antônio Carlos Monzani, Aparecida Montilha Pinafi de Morales, Avani Leme Ferreira, Barbara Gomes Barbosa da Cruz, Carla Amanda Maria Mazzocatto, Carla Regina Duarte, Carla Sampaio Castellotti, Cleber Fernando Pereira, Debora Rosa Tinoco de Azevedo Alves, Deolinda Aparecida Parra, Edson Calmona, Eliana Volpate, Emerson Lazari, Evania Roseli da Silva, Evelyn Citini Lopes, Fabio Luiz Hourneaux, Fernando Palmeira Monzani, Fátima Aparecida Cipulla, Francisco de Macedo Pinto, Gabriel Zaninello, Gabriela Farias Asmus, Gersio Sartori, Gilmara Araujo do Santos Bento, Gislene Aida Galanti, Helena Cassia Antonacci, Irineu Vencigueri, Ivone Braido Voltarelli, Janice Cesar Paulino, Jefferson Zanon, Joana de Araujo Costa Carvalho, João Claudio Melloni, Joel Aparecido Fontes, Joelma Souza Gomes, José Roberto de Oliveira, Juliana Aparecida da Silva Chaves, Juliana Carvalho Yamane, Julianne França Matiusso, Karla Valéria Rodrigues Minussi Albino, Keila Nanci Silva Souza, Kesser Cury Filho, Leandro Kaulac, Lilian Santiago, Lindalva de Assis Oliveira, Luciane Dobashi Matsushashi, Luciana Cristine Martins Ghera, Marcela Maria Cerqueira Martin, Marcia Pires Campos, Maria João Vieira Nicolau, Maria Tereza Oliveira da Silva, Mariana de Sá, Marizete Alves Nunes, Mauricio Fernandes, Maurizio Fioretti, Mirian Mazzolin Ferreira, Marizete



Arquivo/CAE (São Caetano do Sul)



Membros do CAE de São Caetano do Sul em foto de 19 de novembro de 2024. Ao centro, Wilson Roberto Santana (prof. Pará), presidente do conselho

Alves Nunes, Moacir Antônio Rodrigues, Monica Correia Neves, Nathalia Dorta, Neiderames Cavalcante da Silva, Nelson Freire Junior, Neves Celeste Suhadolnik, Otto Muller Patrão de Oliveira, Paulo Nunes Pinheiro, Patricia Alencar Araujo, Pedro Aparecido Fonseca, Priscila Rodrigues de Oliveira, Raquel Indiano, Regiane Arruda de Oliveira, Regina Aparecida Martinez dos Santos, Regina Maura Zetone Grespan, Rhaissa Canuto, Ricardo Tesima, Rita Cristiane Tomeo, Roberto Leandrini, Rogerio Gherbali, Rosana Carneiro Cid, Rosana Escanho, Roseli, Eunice de Souza de Mendonça, Rosely Schwald, Sergio Tannuri, Sidney Bezerra da Silva, Tania Maria Martinez Sartori, Tatiana Aparecida Volpato Fernandes, Tatiane Gomes Massei, Vagner Pertton, Vanessa da Cunha, Vera Lucia Matos, Veronica Tussing e Wilson Roberto Santana.

A composição do Conselho de Alimentação de São Caetano do Sul para a gestão 2023-2027, segundo a portaria 43.161, está

assim constituída: representantes do Poder Executivo Municipal: Rosana Carneiro Cid (titular) e Aline Flavia Maliane (suplente); representantes dos professores/trabalhadores na área da educação: Wilson Roberto Santana (presidente), João Claudio Melloni (titular), Armando Sergio Santos Rosa (suplente) e Joelma Souza Gomes (suplente); representantes das Associações de Pais e Mestres de São Caetano do Sul: Barbara Gomes Barbosa da Cruz (titular), Monica Correia Neves (titular), Debora Rosa Tinoco de Azevedo Alves (suplente) e Evania Roseli da Silva (suplente); representantes da Associação Comercial e Industrial de São Caetano do Sul: Kesser Filho (vice-presidente), Carla Amanda Maria Mazzocatto (titular), Edson Calmona (suplente) e Mirian Mazzolin Ferreira (suplente).

Wilson Roberto Santana (prof. Pará) é professor da rede municipal de ensino e atual presidente do CAE-São Caetano do Sul.

Fontes jurídicas

CONSTITUIÇÃO FEDERAL (1988). Artigos 6º, 205, 208 e 211.
DECRETO-LEI nº 7.328, de 17 fev. 1945.
DECRETO nº 34.078, de 6 out. 1953.
DECRETO nº 37.106, de 31 mar. 1955.
DECRETO nº 72.034, de 30 mar. 1973.
DECRETO nº 77.116, de 6 fev. 1976.
DECRETO nº 7083, de 27 jan. 2010.
DECRETO nº 7.507, de 27 jun. 2011.
DECRETO nº 7.611, de 17 nov. 2011.
DECRETO nº 7.775, de 4 jul. 2012.
LEI nº 5.692, de 11 ago. 1971.
LEI nº 8.666, de 21 jun. 1993.
LEI nº 8.913, de 12 jul. 1994.
LEI nº 9.394, de 20 dez. 1996.
LEI nº 9.452, de 20 mar. 1997.
LEI nº 10.520, de 17 jul. 2002.
LEI nº 10.831, de 23 dez. 2003.
LEI nº 11.346, de 15 set. 2006.
LEI nº 11.524, de 24 set. 2007.
LEI nº 11.947, de 16 jun. 2009.
LEI nº 12.512, de 14 out. 2011.
MEDIDA PROVISÓRIA nº 1.784, de 14 dez. 1998.
PORTARIA INTERMINISTERIAL MEC/MS nº 1.010, de 8 mai. 2006.
RESOLUÇÃO CD/FNDE nº 38, de 16 jul. 2009.
RESOLUÇÃO CONSELHO FEDERAL DE NUTRICIONISTAS nº 465, de 23 ago. 2010.
RESOLUÇÃO CD/FNDE nº 31, de 1º jul. 2011.
RESOLUÇÃO CD/FNDE nº 2, de 18 jan. 2012.
RESOLUÇÃO CD/FNDE nº 26/2013.

Referências bibliográficas e outras fontes

GALLO, Márcia. Descentralização e municipalização do ensino: o caso de São Caetano do Sul. Disponível em: 674-Texto do artigo-2884-1-10-20140603.pdf. Acesso em: 23 set. 2025.
GOVERNO Federal, FNDE. PNAE Histórico. Disponível em: <https://www.fnde.gov.br/programas/pnae/pnae-sobre-o-programa/pnae-historico>.
Ministério da Educação. PNAE. Disponível em: <https://www.fnde.gov.br/programas/pnae/pnae-sobre-o-programa/pnae-historico>.
<https://www.facebook.com/escolaeandroklein/photos/a.104238968575315/1042389615775322/?type=3>.
SCHNEIDER, Gabriela. A história da alimentação escolar a partir de dados do Observatório da Alimentação Escolar. Disponível em: <https://alimentacaoescolar.org.br/materiasinvestigativas/da-politica-ao-prato-entenda-historia-da-merendaescolar/>.

Luiz Domingos Romano



Formandos de 1969 do Colégio Estadual de Vila Gerty (atual Escola Estadual Professor Alfredo Burkart) em foto tirada na escola, no dia 20 de dezembro, por ocasião da missa celebrada em ação de graças. Na última fileira, a partir da esquerda, Wagner Moretto, Luiz Domingos Romano, Arnaldo Torreglosa (de óculos) e Wilson Marques Mendonça. Na fileira do meio, a partir da esquerda, Claudio Merlotte, Abel da Silva Cunha, Humberto G. M. Guércio e Antonio Haroldo Paulino de Arantes. Em primeiro plano, a partir da esquerda, Eduardo Américo Matina, Dante Afonso, Francisco Verrone Júnior, Gerson Lopes e Bráulio Victor Reis Esteves



A cerimônia de formatura foi realizada na noite de 20 de dezembro de 1969, no Teatro Municipal Paulo Machado de Carvalho. A imagem registra o momento em que Luiz Domingos Romano recebia o diploma da diretora da escola, Nilthe Miriam Pirotta. À esquerda, aparece a professora Stella Antonio Tommaso



Luiz Domingos Romano ao lado dos seus pais, Mário Romano e Thereza Rocco Romano, e do irmão, Valdir Antonio Romano



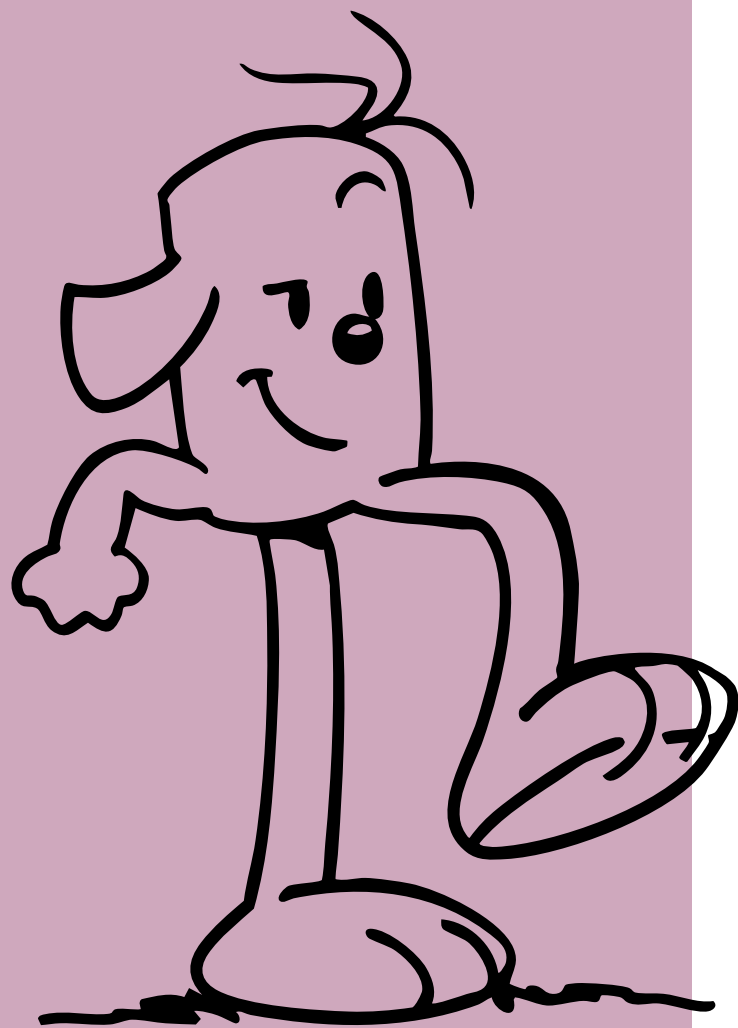
Convite de formatura, ano de 1969. Destaque para a relação parcial dos nomes de formandos

Mario Mastrotti:

50 anos de carreira de um desenhista múltiplo

✍ Marcos Eduardo Massolini

Conheci pessoalmente Mario Mastrotti há mais de 15 anos em São Caetano do Sul. Mas seu nome já me era familiar três décadas e meia antes, quando meu pai, grande frequentador de bancas de jornais e voraz leitor, trazia aos domingos o *Diário do Grande ABC* e, consequentemente, o *Diarinho*, seu suplemento infantil. Do alto de seus 14 anos, Mastrotti, que já desenhava desde os 6, frequentava aulas de pintura e fora incentivado pelo próprio Mauricio de Sousa a concretizar seu sonho de se tornar desenhista profissional. Na época, o *Diarinho*, criado em 1972 pela professora Solange Dotto, tinha uma parceria com os estúdios do criador da Turma da Mônica. Inspirado pelo mestre, o jovem desenhista ousou criar seu próprio personagem, Cubinho, um simpático ativista pacifista antropomorfizado (um cãozinho, mas que, na verdade, simboliza as diversas espécies vivas do planeta). Cubinho nasceu em preto e branco, tornou-se amarelo depois e, em pouco menos de um ano de existência, já dava as caras de sua personalidade contestadora nas páginas do *Diário do Grande ABC*,



enquanto ilustrações internas e de capa assinadas pelo autor começavam a aparecer no *Diarinho*.

Desde a primeira tira diária publicada em 22 de julho de 1975, Cubinho demonstrou que sua temática era universal, girando em torno dos direitos humanos, problemas sociais, solidariedade, corrupção e, principalmente, ecologia e meio ambiente, dois temas que passavam à margem da mídia na época. Com esse estofo social, passou a ser publicado em vários jornais – *Gazeta de Vitória*, *Jornal de Brasília*, entre outros –, respirando os ares da anistia, da abertura política e das eleições diretas. O pioneirismo do personagem, ao trazer temas que só agora na terceira década do século 21 estão sendo discutidos com toda a profundidade que merecem, é digno de menção e faz de Mario Mastrotti um desenhista e argumentista visionário.

Família de imigrantes - O menino nascido Mario Dimov Mastrotti em 21 de fevereiro de 1960 veio de família italiana, por parte de pai, e búlgara (da Bessarábia), por parte de mãe. A pouco mencionada Bessarábia (que hoje abrange grande parte da Moldávia) foi uma região cedida pela Rússia para acolher búlgaros que chegaram à região após a invasão de seu país pelo Império Otomano. Em 1926, os bisavós de Mastrotti, Ivan Dimov e Matrova Pulev, vieram da Bessarábia para o Rio de Janeiro atraídos pelas oportunidades da cultura do café. O casal veio acompanhado dos quatro filhos – entre eles, Júlio, o avô de Mario Mastrotti –, além do pai de Ivan, Vasile, conhecido como Djado. Do Rio, seguiram o caminho comum de muitos europeus e foram para a Hospedaria dos Imigrantes do Brás, em São Paulo, de onde, por fim, foram enviados para a Fazenda Pimenta, próxima de São Roque (SP). Lá ficaram só 15 dias, pois não aguentaram a brutalidade dos capatazes, que obrigaram os imigrantes a voltarem ao trabalho enquanto velavam o corpo de uma criança. Depois de um confronto físico que acabou com feridos, os Dimov pegaram suas coisas, botaram em carroças e partiram de volta para o Brás.

O clima na hospedaria do centro paulistano também estava péssimo, com reclamações generalizadas de maus tratos nos locais de trabalho. Quando o clima esquentou de vez, a Força Pública embarcou várias



Arquivo/Mario Mastrotti



Nelson e Maria, pais de Mario Mastrotti

famílias em vagões com destino ignorado. Júlio, prevendo o pior – algumas famílias deportadas acabaram se dividindo nessa ação descabida da polícia –, seguiu seu instinto. Por conta própria, rumou com a família de trem em direção a São Caetano.

Finalmente chegavam a um lugar em que eram bem recebidos: conheceram a família Castelotti, que abrigava imigrantes, alugaram um espaço provisório e, em pouco tempo, empregados, puderam comprar um terreno na cidade. Tirando alguns entraves com a língua que ocasionavam confusões – como trocar tomates por caquis na venda e trazer rapadura em vez de sabão para casa –, os Dimov iam se adaptando à nova terra, e a presença de conterrâneos na vizinhança amenizava um pouco a saudade. Foi em uma dessas famílias que Júlio encontrou sua cara-metade, Anna Stoianov, e, em 1936, casaram-se.

O casal foi trabalhar em Nova Odessa, no interior de São Paulo, e, com um esquema de trabalho “à meia” (metade da produção para o feitor, outra metade para o proprietário), que logo passou para 2/3, conseguiram morar numa casa de taipa com uma porção das terras para cultivar. Com o nascimento das filhas Maria, Olga e Sônia, resolveram voltar para São Caetano, onde se instalaram na casa dos pais de Júlio, Ivan e Matrova, no Bairro Santo Antônio.

Logo começaram a trabalhar com uma barraca em três feiras livres da região. Em 1947, com a intenção de ter um negócio perto de casa, montaram, com madeiras descartadas da General Motors, uma quitanda na parte da frente da residência e passaram a comercializar bananas e produtos da Swift. Para se obter um produto de qualidade e de características únicas, iam buscar de caminhão as bananas diretamente de um produtor de Itanhaém, no litoral paulista, que, depois, ficavam por algum tempo em estufas especiais no fundo da casa. A venda prosperou, cresceu, e a família se estabilizou. O tempo passou rápido, e a filha Maria, já adulta, não demorou para conhecer um bom partido de família italiana, a Mastrotti.

Os Mastrotti vieram de Rovigo, região de Vêneto, no nordeste da Itália, para São Paulo no início do século 20. Antônio Mastrotti foi o pioneiro e, após se firmar, casou-se com Fortunata Sciarutti em dezembro de 1904. Tiveram três filhos, entre eles, Ottavio. Este uniu-se à Itália Maria Luiza Meneghetti e gerou quatro filhos, entre eles, Nelson de Jesus, pai de Mario Mastrotti. A família teve casa por um bom tempo próxima à esquina da Rua Oswaldo Cruz com a Avenida Goiás – ao lado de um posto de gasolina, onde hoje existe uma loja de rações e cuidados para animais domésticos. Nico, um dos irmãos de Nelson, abriu ali uma borracharia, a primeira a se instalar na avenida. Nas movimentações intermitentes do destino, Nelson se encantou por Maria Dimov, e, unidos em matrimônio, instalaram-se também no Bairro Santo Antônio, numa casa bem perto dos Dimov. Foi nesse ambiente, bem próximo dos avós paternos e maternos, que Mastrotti nasceu e cresceu, com a arte já impregnada em seu DNA.

Infância em São Caetano e Santo André - Ottavio, o avô paterno de Mario Mastrotti, gostava muito de futebol, mas, por trabalhar desde os 7 anos de idade, não pôde se dedicar ao esporte que tanto venerava, embora escapasse às vezes nos fins de semana para jogar nas várzeas do Brás. Trabalhou nas Indústrias Matarazzo, Cerâmica São Caetano e,



Mario Mastrotti com
1 ano e meio de idade

só quando se aposentou, pôde voltar ao sonho de ser esportista, inicialmente com passeios a pé e logo praticando corrida. Chegou a participar da preliminar paulista da São Silvestre pelo Sesi (Serviço Social da Indústria) de São Caetano do Sul como o mais velho concorrente inscrito, aos 87 anos. E fez mais: prometeu à família e conseguiu terminar a Prova Internacional de São Silvestre. No apagar das luzes, quando ninguém esperava mais nenhum corredor, o filho Nelson viu seu pai chegar andando e cruzar a linha de chegada, conversando calmamente com um garoto. A última atuação de seu Ottavio nos esportes foi participar, aos 89 anos, da Caminhada ao Pico do Jaraguá com cerca de mil pessoas, passeio promovido pela Secretaria de Esporte e Turismo de São Paulo.

Nelson, pai de Mastrotti, trabalhou a vida toda como meta-

lúrgico e, assim como o pai, também era apaixonado por futebol. Como goleiro, chegou a participar de campeonatos na região do ABC, jogando pelo C.A Rhodia e C.A Ipiranguinha, ambos de Santo André, e pelo Corinthians de São Caetano do Sul.

A formação de Mario Mastrotti se deu nesse clima desportivo e empreendedor. Em sua memória, ele ainda guarda os saborosos e agitados almoços de domingo na casa da *nonna* Itália Maria Luiza e do *nonno* Ottavio, com lasanha, talharim, porpeta (almôndega), espaguete e tantas guloseimas que a avó preparava com carinho – *cannoli* era um de seus doces preferidos.

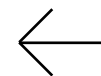
Mastrotti viveu até os 5 anos perto dos avós maternos no Bairro Santo Antônio, até se mudar para o Bairro Curuçá, em Santo André, que, na época, ainda tinha várias ruas de terra. Foi nessa transição entre São Caetano e a cidade vizinha que descobriu os livros infantis e suas páginas recheadas de ilustrações vivas e coloridas. Um novo mundo se descortinava aos seus olhos, como uma janela aberta que o convidava a mergulhar fundo.

Aos 7 anos, já em Santo André, esse universo se expandiu: vieram os gibis. O pai gostava de histórias em quadrinhos e comprava as revistas Disney que

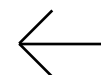
saíam pela Editora Abril na época: *Tio Patinhas, Mickey, Pato Donald* e, mais tarde, *Almanaque Disney*.

As revistas com a Turma da Mônica se juntaram à coleção a partir de 1970. Seu Nelson comprava, estimulava a leitura, mas regulava o acesso, porque temia que seus gibis se deteriorassem nas mãos dos filhos. Marcos, irmão de Mario Mastrotti, três anos mais novo, era mais um a se pendurar nas páginas em quadrinhos que o pai emprestava ressabiado. Com o passar do tempo, seu Nelson foi cedendo e deixou que algumas revistas ficassem em posse dos rebentos, com a promessa de que fossem bem cuidadas. Com o aval do pai, os irmãos passaram a guardar as revistinhas, com todo o cuidado, numa caixa de madeira, primeiramente embaixo da cama de Mastrotti (que ganhou o direito por ser mais velho). Mais tarde, estrategicamente, uma pilha de gibis passou a ocupar a parte de cima da sapateira do banheiro, para uso comunitário.

Vocação à prova – Mario Mastrotti cursou o pré-primário no Externato Santo Antônio, em São Caetano. E foi ali que se deu a gênese de sua vocação. Sua professora, dona Zita, um dia chamou dona Maria e lhe deu um conselho: “Seu filho é muito introspectivo e está sempre desenhando. Essa vocação pode ser incentivada!” Na falta de uma escola de desenho para crianças no município, Zita indicou sua amiga, Diva, uma senhora septuagenária que dava aulas par-



Mario Mastrotti ao lado de Júlio Dimov, seu avô materno, que, na ocasião, estava completando 100 anos de vida. Foto de 2011



Mastrotti (ao centro) ao lado de colegas do Departamento de Artes do Diário do Grande ABC, em 1978

ticulares de artes plásticas com foco em pinturas a óleo. Dos 6 aos 8 anos, Mastrotti passou a reproduzir paisagens de calendários e ilustrações de revistas, primeiramente com lápis crayon e, em seguida, usando tinta a óleo. Dona Maria, sempre presente, fazia o que podia para incentivar o dom do filho. Ela, na verdade, foi uma grande inspiração para Mario Dimov Mastrotti, já que sua veia artística, de certa maneira, passou para o filho – dona Maria era bordadeira diplomada e desenhava e pintava tecidos com muita habilidade. Foi nessa fase que a professora Zita, mais uma vez presente, avisou que haveria um grande

evento com crianças na Praça da República, no qual os melhores desenhos seriam publicados no suplemento infantil *Folhinha de S. Paulo*. Chegou a acompanhar mãe e filho até lá, mas a aglomeração e o excesso de informação naquela praça acabaram travando Mastrotti, que não conseguiu produzir nada. Aos 10 anos, passou a ter aulas de desenho com o designer Plínio, marido de uma amiga de sua tia Sônia, em seu estúdio em São Caetano. O município parecia estar na rota para o seu desenvolvimento como artista, e, aos 12 anos, Mario Mastrotti foi estudar na prestigiada Fundação das Artes de São Caetano do Sul, onde aprimorou

conceitos de gravura e escultura com a professora Vânia Pereira, conhecida gravurista, que abriu sua cabeça para o uso de outros materiais, como tinta acrílica, carvão e grafite.

Depois de um reforço providencial na escola de desenho Poliarte, no Bairro do Ipiranga, em São Paulo, uma oportunidade única apareceu à frente: visitar o estúdio de Mauricio de Sousa! Quem o levou foi seu avô Júlio, e lá Mastrotti aprendeu o processo de criação dos personagens, primeiro passo para, quem

Sucesso no jornal - Cubinho foi um grande sucesso no *Diário do Grande ABC* durante os seis anos em que suas tiras foram publicadas, entre 1975 e 1981. Foi o editor Fausto Polesi que sugeriu algumas modificações no personagem. Logo de início, Cubinho deixou de ser quadrúpede, perdeu os óculos e mudou o penteado. Conforme Mastrotti entrava na adolescência e ia se aprofundando em suas leituras e em personagens dos quadrinhos como Asterix, Tintim e heróis da Marvel, além de séries de

(...) uma oportunidade única apareceu à frente: visitar o estúdio de Mauricio de Sousa! Quem o levou foi seu avô Júlio, e lá Mastrotti aprendeu o processo de criação dos personagens (...)

Cubinho em uma de suas inúmeras tiras. Entre 1975 e 1981, o icônico personagem adquiriu popularidade e sucesso nas páginas do *Diário do Grande ABC*



sabe, fazer um estágio no estúdio. Empolgado, treinou com afinco nos meses seguintes, até que, no meio das férias com a família em Peruíbe (SP), teve um estalo: em vez de continuar copiando a Mônica e sua turma, resolveu partir para a criação do seu próprio personagem. Foi daí que saiu o esboço para um cãozinho diferente, que, nessa primeira versão, já tinha o formato geométrico de um paralelogramo, mas ainda tinha a postura quadrúpede. Aos 14 anos, Mario Mastrotti trazia ao mundo o icônico Cubinho!

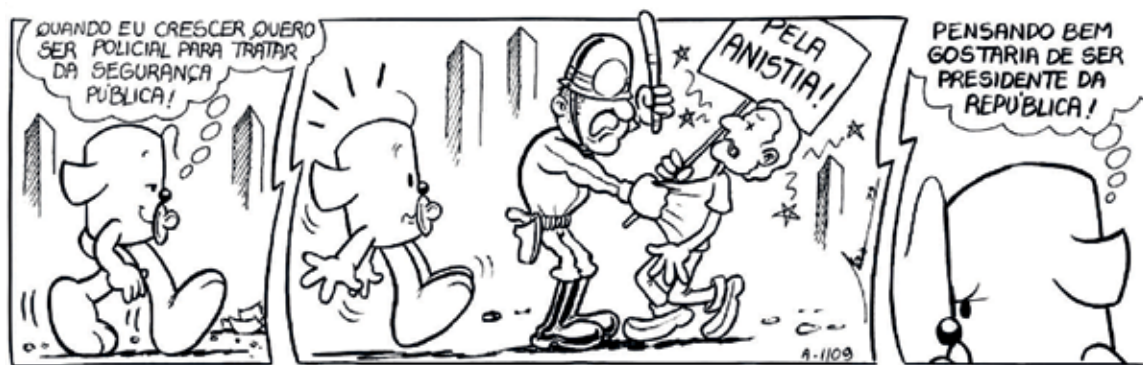
Sci-Fi como *Jornada nas Estrelas*, *Perdidos no Espaço* e *Túnel do Tempo*, seu cãozinho ficava cada vez mais filosófico e perspicaz. No Colégio Estadual da Vila Guiomar, em Santo André, com seus amigos Chalé (Carlos Edson Lazari) e Cerito (César Ricardo Tomás da Silva) – com os quais montaria a banda de rock “Ovo Metal” –, os temas preferidos nas conversas eram a música e a política, enquanto nas bancas de jornal Mario Mastrotti conhecia publicações mais adultas como o *Fradim*, de Henfil; *Rango*, de Edgar Vasquez; e *O Bicho*, de Fortuna.

(...) em vez de continuar copiando a Mônica e sua turma, resolveu partir para a criação do seu próprio personagem. Foi daí que saiu o esboço para um cãozinho diferente, que, nessa primeira versão, já tinha o formato geométrico de um paralelogramo (..)

O destaque de Cubinho não deixava o autor engessado. Além de participar de um grupo de teatro amador, entre os 14 e 17 anos de idade, Mastrotti passou a ter outras funções dentro do *Diário do Grande ABC*, como contratado do Departamento de Artes, entre elas, ilustrar e cuidar do conteúdo do *Diarinho*. Inspirado, criou na mesma época para a *Folha de S. Paulo* uma tira em quadrinhos chamada *O Mago de Az-zar* e para o mesmo veículo tentou produzir charges políti-

1980, em ordem cronológica. No final da década, Mario Mastrotti passou a chefiar o Departamento de Artes do *Diário do Grande ABC*. Tudo ia bem, mas, com o intuito de ampliar os horizontes, ele resolveu sair do *Diário* em 1981. Foi uma atitude arriscada e corajosa, mas seu espírito empreendedor e livre falou mais alto e realmente o levou para experiências emblemáticas em sua carreira. Nos 20 anos seguintes, fez de tudo um pouco dentro do universo das artes: criou o pe-

que estudava na Faculdade de Belas Artes e ainda participava das reuniões da AQC (Associação dos Quadrinhistas e Caricaturistas do Estado de São Paulo). Com a AQC, Mastrotti teve uma de suas experiências mais marcantes, não só na carreira, mas na vida: a participação maciça da categoria dos artistas gráficos na campanha das Diretas Já, criada para aprovar a Emenda Dante de Oliveira, que era contra as eleições indiretas e a favor do voto direto para presi-



Acervo/Mario Mastrotti

O personagem Cubinho, sempre muito crítico, dialogava com o contexto político-social do Brasil na década de 1970

cas, mas a época não estava para peixe... Com o general Ernesto Geisel no poder e com a advertência do editor de que poderia ir preso, desistiu das tiras e de seguir no jornal. Já a tira dominical em 22 capítulos com o personagem Pluft, de Maria Clara Machado, feita em parceria com Cerito, deu muito certo: foi contratada pela Ecab (Editora Carneiro Bastos) e distribuída pelo Brasil afora.

Foi Cerito (sempre ele) que também viabilizou, em 1980, uma coletânea do Cubinho, com 60 tiras publicadas entre 1975 e

riódico infantil *Mercúrio* com o amigo Cerito; fez criação gráfica e diagramação para a Termomecânica; participou de equipe criativa de apresentação visual no Anglo Vestibulares; criou histórias em quadrinhos como a tira *O Empatado* (com Cassiano Roda), a série de *sci-fi* *Os Guerreiros de Órion* (com João Carlos Pacheco) e outra tira, *Tripanosoma*, para o *Hiperespaço*, o mais importante fanzine de ficção científica do Brasil (criado por Cerito e José Carlos Neves).

Além dessa produção toda, fazia cursinho, ao mesmo tempo

dente. Embora a proposta tenha sido rejeitada pelo Congresso Nacional, foi o impulso para que Tancredo Neves fosse eleito pelo Colégio Eleitoral em janeiro de 1985 e, finalmente, a democracia fosse retomada no país. No mesmo ano, Mastrotti teve uma passagem relâmpago pelo *Diário do Grande ABC* de forma indireta: seu amigo Moretti, recém-saído do Anglo Vestibulares vendeu a série *Gênio Val*, tira feita a seis mãos – Mastrotti, Moretti e Cassiano – que caiu no gosto do editor Fausto Polesi, foi aprovada, mas implodiu em um

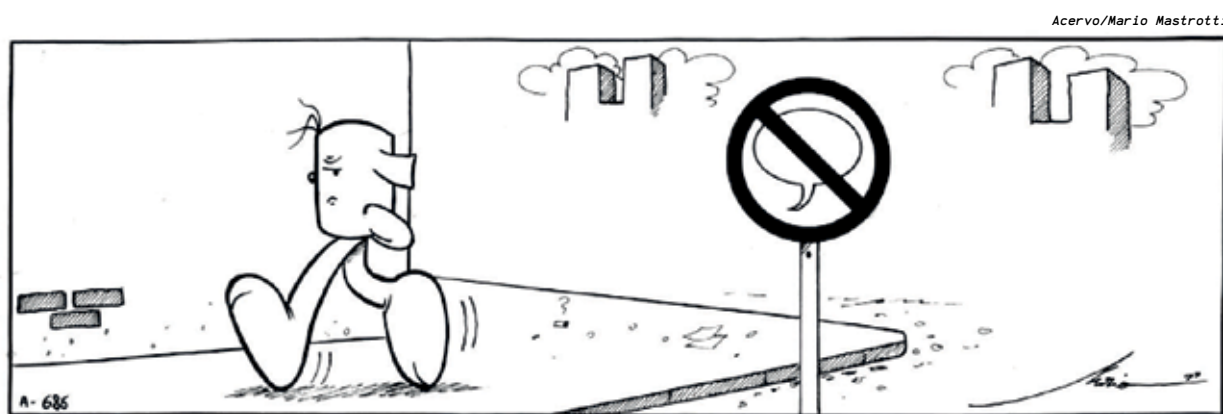
mês. Motivo: Polesi, que tinha ficado possesso com a saída de Mastrotti do jornal, ao perceber que ele também assinava a tira, descontinuou-a sem titubear. Já outra tira de Mastrotti, *Filhos da Máquina*, da mesma época, teve uma vida longa, sendo distribuída para vários jornais do Brasil.

Mario Mastrotti ainda voltaria para o *Diário do Grande ABC* mais uma vez, no final de 1985, como ilustrador freelancer. Nos anos seguintes, aproximou-se cada vez mais da imprensa

Esse laboratório para ideias e formatos editoriais diferenciados inspirou Mastrotti a abrir sua editora em 1999, a Virgo, que, com seus diversos lançamentos coletivos, tornou-se uma das vigas-mestras para que cartunistas e quadrinistas do ABC e de vários pontos do Brasil divulgassem seus trabalhos para um público mais amplo.

Tudo ao mesmo tempo agora - Em 2005, atuando como editor, quadrinista, cartunista, carica-

Bairro Barcelona, em São Caetano. Qual não foi minha surpresa, numa certa tarde em que batia um papo animado com o proprietário Henrique Valsésia, quando adentrou o recinto um sujeito magro, alto, de movimentos rápidos, que me foi apresentado como Mario Mastrotti. Ele mantinha um estúdio no mesmo quarteirão da escola, e foi nesse instante que amalgamei o criador, que eu conhecia só no papel, com o artista empreendedor de carne e osso. A partir desse en-



Cubinho e sua crítica à censura

empresarial, produzindo desde suplementos infantis para empresas (em parceria com a Le Pera), tira voltada para o cooperativismo (*Cooperito* para a Cooperhodia) e cliparts, cartilhas e jornais empresariais diversos. A primeira experiência positiva com editora própria foi ao lado do parceiro de sempre Cerito – Editora Anos Luz, que produziu cartilhas, tabloides interessantes como o *Luz da Nova Era*, sobre bem-estar e terapias alternativas, e uma importante antologia de contos de *sci-fi* focados no futebol, *Outras copas, outros mundos*.

turista e professor universitário, com prêmios internacionais em salões de humor e dois troféus HQMix na prateleira, Mario Mastrotti foi homenageado pela Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul com a exposição *Mastrotti: Três Décadas de Traço*. Eu fui conferir, claro, pois já acompanhava seu trabalho há anos, ainda à distância.

Como citei antes, fui conhecê-lo pessoalmente no final da década de 2000, quando coloquei meus dois filhos para estudarem na escola de inglês Ibérica, a quatro quadras de minha casa no

contro, o trio – Henrique, Mas-solini (na verdade, Malu, como sou chamado no bairro) e Mastrotti – entrou numa sintonia fina e engatou uma sequência de reuniões acachapantes movidas a ideias culturais mirabolantes que desembocaram em projetos inesquecíveis.

O primeiro deles foi o informativo independente *Cultura I*, no formato impresso e digital, lançado em novembro de 2010, com entrevistas e artigos culturais. O editorial assinado por Mastrotti dava uma ideia das nossas intenções: “Cultura I é

uma publicação de gente que acredita que cultura e educação não podem ser manipuladas por meios políticos (...).” Em seguida, a nossa paixão mútua pela música materializou-se em duas exposições na Ibérica – *Expo Beatles* (2012) e *2ª Expo Beatles* (2013), com boa repercussão na mídia local e que entraram para a história cultural do ABC como pioneiras sobre os *Fab Four* na região. Além dos painéis com a cronologia da carreira da banda, charges e ilustrações de Mastrotti e três dezenas de caricaturas dos Beatles criadas por artistas de todo o Brasil, aconteceu uma inusitada e audaciosa apresentação do DJ Preto-EL, ao vivo, na abertura da *2ª Expo Beatles*, com *scratches* (efeitos sonoros produzidos quando se “arranha” um disco de vinil) e batidas pré-programadas sobre canções clássicas como *All I Need is Love* e *Here Comes the Sun*.

Paralelo às mostras, Mario Mastrotti criou um blog, *Beatles Draw and Arts*, dedicado aos desenhos e todo o tipo de arte alusiva aos Beatles, no ar entre 2012 e 2016. Outro projeto com Mastrotti que me lisonjeou muito foi o livro *Brasil do Bem*, editado pela Virgo em 2012, em que escrevi o perfil de persona-



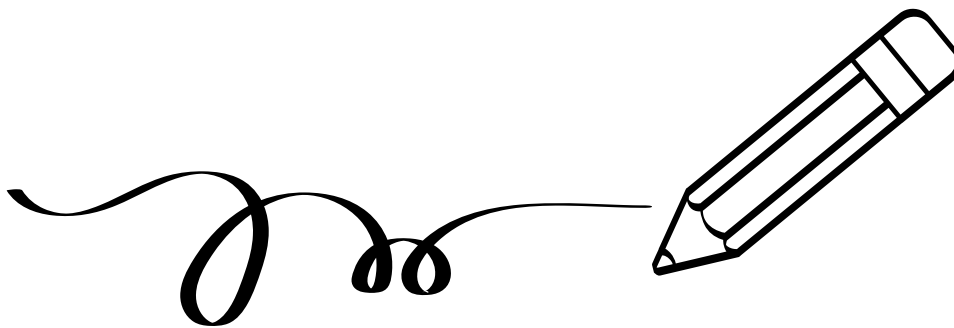
A partir da esquerda, Marcos Massolini, Henrique Valsésia e Mario Mastrotti em foto tirada durante a primeira edição da *Expo Beatles*, em 2012. A iniciativa foi um dos vários projetos culturais idealizados pelo trio



Lançamento do livro *Brasil do Bem* na livraria HQMix, em 2012. Foi publicado pela editora Virgo, pertencente a Mario Mastrotti (o penúltimo, a partir da esquerda)



Mario Mastrotti durante o 31º Prêmio Angelo Agostini, em 2015



lidades marcantes da história do Brasil, desenhadas por 27 artistas. O lançamento, na Livraria HQMix, foi uma grande celebração, com a presença de 15 dos artistas envolvidos, além do mestre Gonzalo Cárcamo, que prefaciou a obra. Outros grandes momentos que não posso deixar de citar foram as edições do tradicional *Encontro dos Caricaturistas do ABC e São Paulo*, capitaneado por Mastrotti – fui em pelo menos quatro deles – em que, além de encontrar grandes feras do traço e curtir seus lançamentos *in loco*, ainda se podia apreciar a fina nata do rock internacional, com audições de LPs raros na vitrola estrategicamente disponibilizada.

Em setembro de 2015, Cubinho foi lembrado pelo seu aniversário de 40 anos e teve uma exposição com 200 tiras no Espaço Cultural Casa de Vidro, da Fundação Pró-Memória, com curadoria de Mariana Zenaro. Com o passar dos anos, os encontros ficaram mais espaçados, mas nunca deixamos a peteca cair e não paramos de sonhar e produzir: organizamos bazar cultural, encontro literário (com caricaturas ao vivo), saímos em passeios culturais – como no 31º Prêmio Angelo Agostini, em 2015, quando eu, meu filho e ele pega-

mos o trem até o Memorial da América Latina e lá encontramos vários amigos, ou no mais recente *Dia do Quadrinho Nacional*, na Comix, em 2023, em tarde de autógrafos com Walmir Amaral, Franco de Rosa e outros artistas.

Nesses anos, Mario Mastrotti fez questão de se estabelecer em São Caetano – morou nos bairros Barcelona, Santa Maria e, mais recentemente, montou um pequeno estúdio no Bairro Santo Antônio, próximo à tradicional panificadora Ziza – um bairro tão caro à história de sua família. Uma de nossas últimas parcerias foi a revisão e diagramação do livro de um amigo em comum, Vitorio Cestaroli. A outra foi participar do evento *Fanzinada*, na Rua do Arouche, em outubro de 2025. Fiz também o texto de apresentação da sua biografia pela Editora Criativo, feita pelo seu amigo Moretti e lançada em meados desse ano, em que se comemoram os 50 anos de sua carreira. Para esse final de 2025, haverá mais uma parceria do artista com a Fundação Pró-Memória, numa exposição que homenageará seu meio século na arte com uma mostra antológica de toda a sua trajetória. Vale também registrar um de seus projetos “xodós”: o Salão

de Humor Internacional sobre Doação de Órgãos, em que é fundador, criador e presidente. O salão comemorou 10 anos este ano e vem conquistando visibilidade em várias partes do mundo, utilizando a linguagem universal do humor para desafiar percepções, quebrar tabus e inspirar ações em torno da primordial doação de órgãos.

Entre conversas recentes e planos audaciosos, já colocamos no caderno vários projetos para um futuro próximo. Sempre que paro o Mastrotti em alguma rua da nossa cidade, após avistá-lo com suas passadas largas e decididas, já sei que boas propostas e ideias incríveis surgirão no horizonte. Afinal, há muitas coisas a serem feitas nos próximos anos, e, para ele, quando se fala em cultura, arte, cidadania, utilidade pública, meio ambiente e educação, é “tudo ao mesmo tempo agora”.

Marcos Eduardo Massolini

é jornalista e escritor. Em 2001, lançou, de forma independente, o livro *Borboletas Abissais*. Mantém o blog *Almanaque do Malu* desde 2009 e o grupo *São Caetano Inesquecível*, no Facebook. Em 2014, lançou seu segundo volume de poesias, *Aura de Heróis*, e, em 2016, o livro de ficção *Abílio e o Espelho* no formato e-book. O ano de 2021 marcou o lançamento de seu terceiro livro de poesias, *Quase Oásis*, já em sua segunda edição.

Praça Maria Pia Matarazzo: um recanto charmoso que marcou época no Bairro da Fundação

Durante o primeiro mandato do prefeito Anacleto Campa-nella (1953-1957), observou-se, juntamente com a adoção de um plano de arborização de inúmeras vias e ruas, a inauguração de um número significativo de praças, jardins e canteiros em São Caetano do Sul. O objetivo era não só promover o embelezamento da cidade, mas também criar condição para o melhora-

mento da salubridade pública, pauta que englobava a valorização de logradouros aprazíveis, que pudessem se apresentar como espaços acolhedores, destinados ao lazer da população.

Nesse contexto, foi inaugurada, em maio de 1954, a Praça Maria Pia Matarazzo. Localizada no Bairro da Fundação, mais precisamente na esquina das ruas Araraquara e Durval Vilalva, tornou-se ponto de encontro dos moradores do bairro mencionado. No dia 15 de maio de 1965, a praça ganhou um monumento, que concedeu ao seu singelo cenário uma fisionomia imponente. Trata-se do Busto em Homenagem às Mães.¹

A instalação de tal obra na

Praça Maria Pia Matarazzo foi iniciativa do *Jornal de São Caetano*, que, para tanto, recebera apoio da municipalidade. Durante a cerimônia de sua inauguração, uma missa foi celebrada, ocasião em que o padre José Roldan abençoou todos os presentes.

Tendo, desde 1959, a Escola Municipal de Educação Infantil (Emei) João Barile como vizinha, a praça, com dimensões de, aproximadamente, 177,00m², foi absorvida pela escola em questão, em decorrência da revitalização iniciada em 2005 em seu prédio, transformando-se em um prolongamento da sua área externa. Assim, o charmoso recanto do Bairro da Fundação diluiu-se junto às instalações da Emei, deixando nas memórias dos seus frequentadores os mais ternos e doces afetos.



Crianças brincam na Praça Maria Pia Matarazzo na segunda metade da década de 1960. Ao fundo, o prédio do então Parque Infantil João Barile (hoje, Emei), e, ao centro, o Busto em Homenagem às Mães instalado em 15 de maio de 1965

Acervo/FPMSCS



Acervo/FPMSCS



Nota

¹ Com a absorção da praça pela Emei João Barile, o Busto em Homenagem às Mães integrou-se também ao pátio da escola. A fim de preservar a segurança dos seus alunos, foi retirado do espaço e transportado à reserva técnica da Pinacoteca Municipal (Fundação Pró-Memória), onde se encontra desde agosto deste ano. Tendo sido submetido a um processo de higienização, aguarda a definição de um novo local para a sua instalação, assunto encaminhado, até o momento, por adiantadas tratativas.

Aquarela, a cor da memória

Trajetória e parcerias da Associação Brasileira de Aquarela e da Arte sobre Papel (ABA)¹

Márcia Gallo

A existência de uma associação dedicada à reunião de artistas de aquarela e da arte sobre papel no Brasil está próxima de completar 40 anos. Com sede em São Paulo, sua trajetória vem contribuindo para a divulgação da técnica da aquarela e dos artistas aquarelistas por meio de exposições e concursos, apresentando uma relação estreita com as emoções e a memória, inspiração motivadora das obras desses artistas. Os 45 artistas que apresentam suas aquarelas na obra comemorativa *Aquarela, a cor da memória*, cada um com três trabalhos, mostram cenas, paisagens, retratos e abstratos plenos de cor e intensidade.

Em meio aos eventos promovidos, estão as exposições internacionais, inicialmente em parceria com a Faculdade Santa Marcelina, de São Paulo, onde foi criado, em 1987, o Núcleo de Aquarelistas, sob a orientação da professora Iole Di Natale. Congregando ainda artistas fundadoras e contando com novas associadas, a Associação Brasileira

de Aquarela e da Arte sobre Papel (ABA) continua seu trabalho por meio de publicações e eventos. Atualmente, a ABA conta com 47 associados de São Paulo, Rio de Janeiro, Paraná, Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Bahia, oferecendo suas atividades aos artistas interessados, chegando a congregiar mais de 90 artistas nacionais e estrangeiros em suas exposições.

Este trabalho procurou elencar quais foram as estratégias e principais atores que possibilitaram ao Núcleo de Aquarelistas da Faculdade Santa Marcelina institucionalizar suas atividades, dando origem à Associação Brasileira de Aquarela e da Arte sobre Papel como agregadora de um grupo de artistas com o objetivo de divulgar a arte da aquarela.

Outro objetivo foi mapear na programação da ABA os eventos que incluíram parcerias ou participações internacionais com países da América e Europa, procurando encontrar traços que poderiam ser considerados interculturais. Entre as importantes

parcerias pesquisadas, encontramos a Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul, por meio da Pinacoteca Municipal.

A partir da pesquisa bibliográfica, foram visitados os registros da história da ABA, especialmente com o acesso a obras publicadas pela própria associação. Duas publicações foram importantes na coleta de dados históricos da ABA: *Aquarela, a cor da memória*, de 2012, e *Associação Brasileira de Aquarela e da Arte sobre Papel: 35 anos - Papéis da Liberdade*, de 2022. A pesquisa bibliográfica foi complementada com obras que tratam de história oral e arte.

Nesse percurso teórico-metodológico, foram essenciais as entrevistas com artistas membros da ABA que colaboraram com detalhes da participação e dos passos dados em busca da trajetória exitosa da associação. Foram entrevistadas três artistas: a atual presidente, Maria Inês Lukacs, uma das fundadoras da ABA; Maria Clarice Sarraf e Lilian Arbex, ambas asso-

ciadas e atuantes na associação. O encontro ocorreu no ateliê de Lilian Arbex, em São Paulo, quando houve uma roda de conversa sobre a participação de cada uma delas e detalhamento das questões que foram enviadas antecipadamente e respondidas por correio eletrônico.

Mas, para compreendermos a relevância dessa instituição na atualidade, vale a pena voltar no tempo até a origem milenar da arte sobre papel:

A técnica da aquarela está associada ao uso de pigmentos diluídos em água aplicados sobre papel por meio de pinceladas, o que permite ser identificada, em seus primórdios, ao uso da escrita e da caligrafia chinesa há mais de 2.000 anos.²

Essa técnica, pela praticidade de recursos, foi sendo difundida mundialmente chegando ao Renascimento. No século 16, foi utilizada para registro de paisagens e mapas do Novo Mundo. Com o aperfeiçoamento industrial dos pigmentos e papéis pelos ingleses, surge, em 1804, a *Royal Watercolours Society*, difundindo a chamada “técnica inglesa”.

A história da aquarela no Brasil se inicia no século 17, com a chegada de pintores holandeses que acompanharam as expedições dominadoras e que registraram cenas do cotidiano das tribos e povoados. Nos séculos seguintes, chegaram viajantes franceses, alemães e belgas, que se encantaram com paisagens e modos de vida das cidades e fa-

zendas. Segundo Gilberto Habib Oliveira, no fim do século 19 e primeira metade do século 20, a aquarela foi utilizada como recurso para ilustrações, projetos arquitetônicos e estudos para produtos industrializados, sendo encontrada na obra de grandes artistas vinculados à Academia Imperial de Belas Artes do Rio de Janeiro.³ A partir da década de 1990, com o crescimento de feiras e galerias em São Paulo e a criação de instituições culturais públicas ou privadas, ocorreram inúmeras ações em prol da arte, muito em consequência das leis de incentivo que vieram posteriormente.

“Entretanto, mesmo com os novos meios de comunicação, o pensamento institucionalizado em alguns setores acadêmicos e museológicos aponta ainda uma certa ‘blindagem’ por parte dos grandes circuitos em relação a certos segmentos da arte brasileira, incluindo a técnica da aquarela.”⁴

A criação do Núcleo de Aquarelistas da Faculdade Santa Marcelina (Fasm), no fim do século 20, foi de grande importância para o reconhecimento da aquarela como prática artística. E a atuação da professora Iole Di Natale como líder do grupo de aquarelistas que compuseram o núcleo foi primordial. O grupo começou sua organização em 1985, em encontro na residência de Maria Laura Bechelli de Azevedo Marques, com a participação de alguns artistas, alguns juristas e do crítico de arte Luis Ernesto Machado Kawall. Naquela oportunidade, foi discutido um esboço dos estatutos sociais.

Iole Di Natale é apresentada como “grande aquarelista brasileira” no depoimento de Maria Laura Bechelli de Azevedo Marques, diretora-presidente da ABA em 2012, na oportunidade da comemoração dos 25 anos da entidade, quando foi publicada a obra *Aquarela, a cor da memória*: “Iole Di Natale é artista alheia às modas e aos esquemas; ela pode ser ligada somente à mais global ideia de cultura figurativa desta segunda metade do nosso século.”⁵

Conforme elucida Gilberto Habib Oliveira, “a atuação da professora Iole Di Natale simplesmente torna-se paradigmática à medida que, por sua experiência e vontade, tomou a frente de uma série de ações que hoje, reunidas em um único contexto, configuram as bases históricas na trajetória desse grupo”.⁶

Gravadora, desenhista, pintora, aquarelista, escultora e professora, Iole Di Natale introduziu a disciplina de Aquarela em seu curso na Fasm.

Nasceu em Varese, Itália, em 1941, mudando-se com a família para São Paulo em 1949. Cursou licenciatura em Desenho e Artes Plásticas na Faculdade Santa Marcelina, de 1961 a 1964. Durante o ano de 1962, frequentou o curso de xilogravura na Escola de Belas Artes de São Paulo. Mais tarde, em 1971, cursou calcografia e xilogravura no ateliê de Evandro Carlos Jardim. Fez o curso de escultura na Faculdade Santa Marcelina e de gravura calcográfica em Roma, a convite do Ministério dos Bens Culturais e Ambientais da Itália.

lia. Foi aluna de José Van Acker em escultura, pela Faculdade Santa Marcelina, entre 1975 e 1978. Entre 1982 e 1985, cursa, em São Paulo, caligrafia chinesa com o mestre Shinshu Goto. A partir de 1969, leciona na Faculdade Santa Marcelina, nos cursos: Expressão em Superfície, Movimento e Volume, de 1969 a 1981; Técnicas de Gravura e História da Gravura, de 1976 a 1984; e Aquarela, de 1984 a 2001. De 1980 a 2001, ministra cursos de gravura em seu ateliê. Expõe no Brasil e exterior.

A condição de ser uma artista formada em três continentes (América, Europa e Ásia) proporcionou a Iole Di Natale a possibilidade de estar atualizada e atuante em diversos meios. A quantidade de exposições individuais e coletivas das quais a artista participou chegam a quase uma centena no período de 40 anos de produção.

Outra figura citada como apoiadora do núcleo é a da Irmã Ângela Rivero, diretora da Faculdade Santa Marcelina, apoiadora dos pleitos de Iole Di Natale e do grupo de artistas. Segundo Maria Inês Lukacs, uma das fundadoras da ABA e sua atual presidente, a Irmã Ângela cedeu uma sala por algum tempo para as reuniões do grupo até que a administração da faculdade iniciou um processo de reengenharia: a sala teria que ser alugada também para eventos. A solução foi encontrada quando a professora Iole ofereceu o ateliê de sua casa para as reuniões.

A organização do *I Salão*



Acervo/FPMSCS



Iole Di Natale durante a palestra que proferiu no auditório do prédio que abriga a Pinacoteca Municipal de São Caetano do Sul (Fundação Pró-Memória), em novembro de 2005, marcando o início de uma frutuosa parceria

Acervo/Associação Brasileira de Aquarela e da Arte sobre Papel (ABA)



Maria Laura Bechelli de Azevedo Marques, então presidente da ABA, durante a abertura da exposição *Aquarelas - A Cor da Memória*, no dia 8 de abril de 2013, na Pinacoteca Municipal de São Caetano do Sul (Fundação Pró-Memória). Essa mostra ficou aberta até 15 de junho daquele ano, reunindo 50 artistas

Nacional de Aquarelas Fasm foi o primeiro evento do núcleo em setembro de 1988, reunindo grandes nomes da aquarela brasileira, como Renina Katz, Faya Ostrower, Evandro Carlos Jardim, Sara Goldman Belz, Rubens Matuck e Alberto Teixeira. E se firmaram parcerias com diversas instituições, entre as quais se destacam o Instituto Histórico e Geográfico de São Vicente, a Biblioteca Pública Municipal Mário Schenberg, de São Paulo, e a Pinacoteca Benedito Calix-

to, de Santos, entre outras. Estabeleceram-se, ainda, parcerias importantes com fornecedoras de produtos para arte, como a Procor e a Pintar, que promovem oficinas e feiras. A Procor, por exemplo, tem convidado a ABA para participar de exposições, uma delas na Escola Superior de Propaganda e Marketing (ESPM), em São Paulo.

A parceria do Núcleo de Aquarelistas da Fasm com a ABA e a Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul teve

início em 2005, com uma exposição da artista Iole Di Natale. Essa parceria se intensificou a partir de 2013, quando foi realizada a exposição *Aquarelas - A Cor da Memória*, que teve sua abertura em 8 de abril e visitação até 15 de junho daquele ano de 2013. Dessa exposição, que acompanhou o lançamento do livro comemorativo dos 25 anos da associação (2012), participaram 50 artistas.

Em 2017, a ABA realizou a exposição internacional *The Water That Crosses the Oceans*, em parceria com a comunidade internacional de aquarelistas *FabrianoinAquarello* (Itália), programando uma mostra itinerante que contemplou primeiramente o Brasil por meio da Pinacoteca Municipal de São Caetano do Sul. A abertura ocorreu em 21 de outubro de 2017, e a visitação foi até 26 de janeiro de 2018. Foram expostos trabalhos de 80 artistas dos quatro países participantes, que enviaram suas obras em uma grande diversidade de temas.

Em 2018, deu-se a itinerância para a Índia; no ano seguinte, 2019, a exposição viajou para Dubai, nos Emirados Árabes Unidos, e encerrou seu circuito itinerante viajando para a Itália.

A Pinacoteca Municipal de São Caetano do Sul recebeu, em 2021, duas exposições: *Aquarelas & Aquarelas, uma conexão além do Atlântico* e *Dos Momentos e das Alegrias*, que tiveram abertura em 24 de setembro e visitação até 19 de novembro daquele ano de 2021.

Com aproximadamente 40 obras, *Aquarelas & Aquarelas* foi resultado de convite feito a artis-

tas de dois países que compartilham uma história e sua língua: o português. A mostra consistiu em um intercâmbio cultural no qual brasileiros aquarelaram imagens relacionadas a Portugal e portugueses aquarelaram o Brasil. Essa reunião foi a realização de um projeto sonhado há alguns anos entre o IWS-Brazil (*International Watercolor Society*) e o IWS-Portugal.

Lilian Arbex, ao falar sobre esse projeto, afirmou:

É uma felicidade muito grande poder realizar este encontro de aquarelas na Pinacoteca de São Caetano, um espaço que se destaca pelo apoio à arte e aos artistas. Deixo o nosso agradecimento e alegria a todos que dedicaram um momento para tornar possível este evento.

Já a exposição *Dos Momentos e das Alegrias* trouxe aquarelas produzidas por artistas associados à ABA. Cada obra presente retrata momentos especiais da interação de cada artista com papel, pigmento e pincel.

Outra das participações internacionais que o grupo promoveu foi com o *Museo Nacional de la Acuarela “Alfredo Guati Rojo”*, da Cidade do México, onde as artistas brasileiras foram expor seus trabalhos, havendo, posteriormente, a visita do professor Alfredo Guati Rojo ao Brasil para palestra na Faculdade Santa Marcelina, no fim da década de 1980. Também estabeleceu parceria com o Museu Nacional de Bogotá, na Colômbia, para a realização de exposições trienais, e, mais recentemente,

com o grupo *FabrianoinAquarello*, na cidade de Bologna, Itália, do qual a artista e atual presidente da ABA, Maria Inês Lukacs, é a líder para o Brasil.

Durante a pandemia, a ABA promoveu uma exposição virtual apenas para os associados, e o sucesso desse evento motivou a realização de uma exposição aberta internacionalmente, contando com artistas da Itália, México e Suíça, entre outros países.

As exposições internacionais promovidas pela associação no Brasil são bienais ou trienais e recebem trabalhos de vários lugares do mundo, como Espanha e Argentina, além de outros países já citados.

A mais recente atividade da ABA no Brasil foi o projeto *Papéis da Liberdade*, uma exposição itinerante comemorativa dos 35 anos de criação da associação, num circuito de dez cidades brasileiras, entre março de 2022 e março de 2023.

Na publicação *ABA 35 Anos – Papéis da Liberdade*, de 2022, Maria Inês Lukacs escreve sobre a coincidência de três efemérides na exposição comemorativa:

Da Independência do Brasil de onde os 200 anos nos contemplam, da Semana de Arte Moderna com seus poucos 100 anos, até a nossa jovem ABA, com seus meros 35 anos, todos têm em comum o desejo de liberdade, de mudanças, de rupturas e de criatividade colocados com um sopro de esperança, nos ‘Papéis da Liberdade.’⁷

Nessa descrição e em outros trechos, observa-se a amplitude do

trabalho dos aquarelistas no sentido da observação histórica e social.

Entre os trabalhos citados pelas artistas entrevistadas, destacamos a série de aquarelas da artista, professora e mestre em Estética e História da Arte Lilian Arbex, que estava produzindo aquarelas com a temática de paisagens dos parques nacionais brasileiros.

A atuação da ABA no campo internacional, oferecendo oportunidades para que os artistas filiados e não filiados possam expor seus trabalhos no Brasil e nos países parceiros e trazendo artistas estrangeiros para expor em território brasileiro, é um exemplo de respeito à diversidade cultural. Ao mesmo tempo, a realização de uma exposição itinerante por dez cidades brasileiras pelo período de dois anos demonstra que o objetivo de divulgar a arte da aquarela a populações de regiões, meios culturais e sociais diferentes é perseguido de forma prática.

Acompanhando os passos da Associação Brasileira de Aquarela e da Arte sobre Papel, encontramos uma entidade ativa e atualizada com o que vem acontecendo nesse segmento da arte no mundo, conforme demonstrado pelas parcerias citadas.

O trânsito da professora Iole Di Natale entre instituições internacionais, por meio da participação em cursos e exposições, trouxe possibilidades de parcerias que foram desenvolvidas pelo núcleo de maneira exitosa. Do ponto de vista acadêmico, ligados ao núcleo, houve a *1ª Quadrienal Internacional de Aquarela Fasm 2003-São Paulo* e a criação do curso de Pós-Graduação *Lato Sensu*. Em relação ao desdobramento das ações do núcleo, é importante citar os novos grupos derivados, como a equipe Universo da Aquarela, Grupo Onze, Ateliê Ivani Castilho, Grupo Angatuba, entre outros, criados no início deste século. Também vale destacar a importância da doação do acervo póstumo de Iole Di Natale à Fundação Pró-Memória.

Encontramos, nas parcerias estabelecidas pela ABA com instituições e artistas de inúmeros países, tanto das Américas quanto da Ásia e da África, a abertura de possibilidades de trocas e vivências culturais que podem ser consideradas como interculturais, especialmente por meio da observação das temáticas abordadas nos trabalhos expostos. A parceria entre a ABA, a IWS-Brazil e a Fundação Pró-Memória destaca o papel da Pinacoteca Municipal de São Caetano do Sul como *locus* de difusão da arte da aquarela.



Material de divulgação da exposição *Aquarelas - A Cor da Memória* na fachada do prédio da Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul, em 2013



Aquarelistas associadas à ABA durante a abertura da exposição *The Water That Crosses the Oceans* na Pinacoteca Municipal de São Caetano do Sul, no dia 21 de outubro de 2017. A partir da esquerda, Carla Petrini, Godiva Accioly, Lilian Arbex, Sônia Scalabrin, Ivani Ranieri, Zilá Troper, Maria Inês Lukacs, Maria Clarice Sarraf, Isabel Cardoso, Francisca Do Val, Gladys Maldaun, Diane Mártire, Marina Martinelli e Célia Custarella

Agradecimentos a Maria Inês Lukacs, presidente da ABA, e às associadas Maria Clarice Sarraf e Lilian Arbex.

Márcia Gallo

é mestre em Educação: História, Política e Sociedade pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) e graduada em Ciências Sociais, Geografia e Pedagogia. Foi diretora do Departamento de Educação e Cultura (Depec) do município (1993-1996) e exerceu a função docente na Universidade Municipal de São Caetano do Sul (Uscs). Foi coordenadora geral da Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul, além de ser autora e coautora de obras de temática educacional e de crônicas.

Notas

¹Trabalho apresentado no V Simpósio Internacional de Comunicação e Cultura – Aproximações com Memória e História Oral, os desafios da interculturalidade, realizado na Universidade Presbiteriana Mackenzie, de São Paulo, de 5 a 7 de maio de 2025.

²OLIVEIRA, Gilberto Habib (Org.). *Aquarela, a cor da memória*. São Paulo: CLA Cultural, 2012, p. 19.

³Ibidem.

⁴Ibidem, p. 22.

⁵SASSI, Franco. Apresentação. *Iole Di Natale*. São Paulo: Galeria Sesc Paulista, 1982.

⁶OLIVEIRA, Gilberto Habib, op. cit., p. 23.

⁷LUKACS, Maria Inês et al. *Associação Brasileira de Aquarela e da Arte sobre Papel: 35 anos – Papéis da Liberdade*. São Paulo: Associação Brasileira de Aquarela e da Arte sobre Papel (ABA), 2022.

HOMENAGEM

Ada Caperuto

As janelas abertas de uma jornalista e artista de São Caetano do Sul

Lilian Mendes

Acervo/Família Caperuto



Ada na
chácara da
família, em
Mauá

Acervo/Família Caperuto



Ada (à
esquerda) com
os irmãos.
Destaque
para a sua
camiseta com
o personagem
Geraldinho,
pintado por ela

“Jornalista, coordenadora editorial e faço uns desenhos”. Era assim que Ada Caperuto se definia no Instagram, mas quem teve a chance de conhecê-la sabe quantos universos existiam dentro dessa descrição até simplista. A sul-são-caetanense amava seu município natal, que ela mesma definia como “fofura de cidade”. A tranquilidade, a infraestrutura e o paisagismo urbano eram atrativos mais que encantadores para a jornalista que chegou a morar na Zona Norte da capital paulistana durante alguns anos, a partir de 2002, mas voltou para São Caetano tão logo teve oportunidade.

Na terra em que nasceu, sentia-se mesmo em casa. Afinal, foi em São Caetano que viveu toda a sua infância e juventude e formou sua personalidade crítica, sensível e, ao mesmo tempo, forte. Filha de Carmen Lopez Caperuto e Sebastião Antônio Caperuto e caçula de 12 irmãos – pela ordem de idade, Carmen, Hélio (já falecido), Madalena, Hugo, Iracema, Ida, Ana, Pascoalina, Olímpia, Vicentina e Rui –, nasceu como todos os outros de parteira, em casa, na Rua Rafael Corrêa Sampaio, nº 519, casa 4, no dia 12 de maio de 1965. A responsável pelo parto de Ada Maria Caperuto foi dona Caterina Dall’Anese, mãe de Antônio José Dall’Anese, prefeito de São Caetano entre 1993 e 1996. Dona Caterina foi quem, aliás, inspirou a escolha do nome do bebê: Ada foi uma homenagem à sua filha, batizada com o mesmo nome. Em pouco tempo, ganhou um apelido em família: Piti. A irmã mais velha, Carmen, lembra muito bem do dia em que a caçula nasceu: tinha exatos 20 anos, estava voltando de um encontro de namoro escondido e disse que precisava ir logo para casa, pois sua mãe ia ter um bebê.

A avó materna de Ada veio da Espanha com quatro filhos homens. Carmen (mãe de Ada) estava em gestação quando a família chegou em fevereiro de 1921. Foram morar em Campinas (SP), e foi nessa cidade que a menina nasceu. Como ficou órfã de pai com 5 anos de idade e de mãe com 11 anos, foi para a casa da madrinha, no Bairro de Santana, em São Paulo, onde ficou por um tempo, até que apareceu a oportunidade de reencontrar os irmãos, indo morar na Rua Oswaldo Cruz, nº 797, em São Caetano do Sul.

Já os avós paternos de Ada vieram da Itália e foram morar em São Pedro, no interior de São Paulo, onde se casaram. Mudaram-se para Jaú (também no Estado de São Paulo) e foi nessa cidade que nasceu Sebastião, em 1922. Ao ficar órfão de pai, foi dado pela mãe para uma das irmãs criá-lo. Aos 20 anos, procurando melhor condição de trabalho, foi para a casa de um irmão, que morava na Rua Oswaldo Cruz, em São Caetano. Na mesma rua, Carmen e Sebastião se conheceram e se casaram em 1944, matrimônio que durou 54 anos e concebeu 12 rebentos, todos já devidamente citados. Sebastião faleceu em 20 de agosto de 1998 e Carmen em 3 de maio de 2008.

A primeira casa em que moraram foi na Rua Rafael Corrêa Sampaio, nº 519, casa 4. Com a família completa, eram dois quartos para 12 filhos. Tempos de “aperto”, mas também de muito calor humano.

Desenhos, gibis e passeios - Ada estudou o primário no Grupo Escolar Bartolomeu Bueno da Silva (hoje Emef) e, como toda criança do seu tempo, pôde brincar livremente na calçada e na rua – no seu caso, no interior da vila em que moravam. Sempre em companhia dos irmãos de idades mais próximas, Tina (Vicentina), Rui e Oli (Olimpia), as brincadeiras giravam em torno de bonecas, casinha, amarelinha, pega-pega, entre tantas outras. A casa do tio Bernardo na Rua Oswaldo Cruz, nº 797 (endereço de solteira de do-

na Carmen) também era um local muito requisitado pelas crianças, com seu quintal amplo, bom para brincar. Ainda bem nova, Ada ganhou um boneco do Mickey de Natal e ficou apavorada – uma foto tirada por um dos irmãos flagrou o susto em seu rosto.

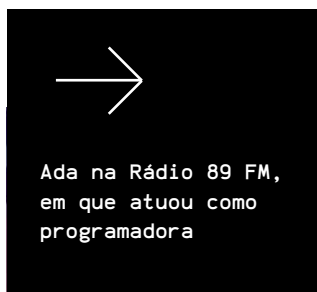
O desenho, uma de suas grandes paixões, entrou cedo em sua vida: desde muito pequena, desenhava cenas ou pessoas do seu cotidiano. Uma vez desenhou toda a família, e cada membro foi retratado como um bicho. Em outra ocasião, desenhou o irmão Hugo, que dormia no sofá com um pano no rosto. Na escola, fez um desenho vistoso de uma onça em um cartaz grande e recebeu um elogio da professora, deixando dona Carmen muito orgulhosa da filha. Seguindo a tradição entre os irmãos, também mergulhou nas aventuras da turma do Sítio do Picapau Amarelo, de Monteiro Lobato, e nos volumes da enciclopédia *Tesouro da Juventude*. Na adolescência, tinha o costume de pegar livros emprestados na Biblioteca Municipal Paul Harris; entre eles, clássicos de aventuras como Tarzan e Moby Dick. Gibis também eram “tesouros” na casa dos Caperuto. Geralmente Hugo chegava com uma revistinha, e o privilegiado na fila da leitura era quem via primeiro, que, por sua vez, passava o gibi para o próximo e assim por diante. No fim, todos acabavam lendo. A Turma do Pererê de Ziraldo era uma unanimidade na casa, e essa predileção levou a uma brincadeira interna interessante: cada

irmão foi apelidado com o nome de um personagem da Mata do Fundão. Nessa nomeação toda, Ada acabou virando o coelho Geraldinho. Na apresentação que Ziraldo fez do personagem, “Geraldinho era um jovem coelho de pelos vermelhos, travesso, curioso e de boa índole, vez em quando tentando ser a voz da razão”. Gostou do apelido momentâneo e literalmente vestiu o personagem, ao pintar o Geraldinho em uma de suas camisetas.

Por falar em “mata”, seu Sebastião adquiriu uma chácara em Mauá e ia sempre para lá nos fins de semana. Reunia a família no domingo cedo e, sem automóvel na época, descia a pé com todos até a estação de São Caetano, onde seguiam para Mauá de trem. Chegando lá, ainda pegavam um ônibus municipal rumo à chácara. Era uma aventura! Anos depois, apareceu a “Maria Amélia” no seio familiar, na verdade, uma legítima perua Rural Willys, e o trajeto para Mauá passou a ser feito de carro – sempre lotado, claro! A Maria Amélia era “pau pra toda obra” e foi protagonista de vários passeios. Um deles ainda hoje surge nitidamente nas lembranças do irmão Rui, que se recorda até da data exata: “O dia era 8 de outubro de 1974, um domingo, e o passeio era para alguma represa. Na Maria Amélia, o Bilac (marido de Ida) e o Hugo se revezavam no volante, enquanto no rádio AM tocava a música *Sugar Baby Love*, com *The Rubettes*. No porta-malas, o trio inseparável Rui, Tina e Piti se divertia fa-



Ada em foto tirada durante a sua formatura no curso de Jornalismo da Universidade Metodista, em 1990



Ada na Rádio 89 FM, em que atuou como programadora



Acervo/Família Caperuto



Uma das inúmeras aquarelas produzidas por Ada Caperuto

Acervo/Família Caperuto



zendo desenhos em uns caderninhos amarelos”.

Quando Ada alcançou a idade de dirigir, o carro já não era mais a Rural, mas um Jeep, e os professores de volante eram seus irmãos Rui e Hugo, nas idas a Mauá. Na primeira aula, por conta do câmbio complicado, deu ré em vez de primeira marcha e caíram num barranco. Os amigos do pai tiveram que socorrê-los, e Ada ganhou um corte no queixo, mas esse incidente não a fez desistir de dirigir. Depois, tirou carta passando no primeiro exame – seu professor Rui passou também, mas só na terceira tentativa. Com o tempo, Ada começou a buscar sozinha seu pai em Mauá e o ajudava em algumas tarefas. Isso não era problema – ela só ficava meio bronqueada quando o trabalho era pesado demais, como quando o pai resolveu construir um galinheiro.

Ada fez o ginásio na Escola Estadual Coronel Bonifácio de Carvalho, uma das pioneiras no ensino ginasial público do Grande ABC. Um trabalho inesquecível nessa fase foi para a aula de Ciências, quando precisou manusear os órgãos de uma pomba e foi salva pela irmã Ana, que estava cursando a faculdade de Biologia. A irmã Vicentina, que, na época do primário, era quem levava e buscava Ada na escola até ela aprender o caminho, como fez duas vezes a 7ª e a 8ª, acabou sendo alcançada pela irmã no ginásio e por isso iam juntas para o Bonifácio. Nessa época, a família já havia

se mudou para um sobrado de três quartos na Rua Padre Anchieta, nº 27. O *must* da época era assistir a filmes de grandes bilheterias nos cinemas da cidade. Quando viu o primeiro cartaz de *Guerra nas Estrelas*, em 1977, ficou vidrada e foi correndo assistir com Tina, que acabou virando companheira e fã de primeira hora da franquia de *sci-fi* em todos os episódios futuros na telona. Com a chegada da década de 1980, vieram os bailes na *Emerald Hill* em São Bernardo e outras casas noturnas e clubes. Quem a acompanhava nessas baladas geralmente era a Olímpia.

Rock e jornalismo - Entre 1987 e 1990, cursou Jornalismo na Universidade Metodista, em São Bernardo do Campo. Tempos de muitas conversas culturais e filosóficas, que se estendiam ao Honda's Bar, localizado na mesma rua da universidade, no Bairro Rudge Ramos, ponto de encontro da turma de jornalismo. A partir de 1989, atuou como programadora na rádio 89 FM. Sua responsabilidade era apresentar ao público muitas bandas e músicas que se tornariam sucesso. Sempre dizia que essa época foi uma das mais felizes de sua vida. O rock, aliás, era uma de suas paixões – e a banda Queen, que conheceu aos 11 anos, a preferida entre tantas bandas do gênero. O irmão Hugo aprimorou seu gosto e abriu o leque, mostrando discos inusitados de bandas e artistas como Creedence, Novos Baianos, Sivuca, Kraftwerk, Santana. Em

janeiro de 1985, foi no primeiro *Rock in Rio* com um namorado e deu um susto na irmã Carmen quando apareceu na porta de sua casa em Niterói coberta de lama do festival. Em outro dos festivais de rock da época – o *Hollywood Rock* era o mais famoso –, encontrou os sobrinhos André e Marcello, que herdaram da tia a veia de roqueiros. Nos anos 1980/1990, foi frequentadora assídua da loja Rick and Roll, no centro de São Caetano, de propriedade de Ricardo Martins, que não só era um celeiro de raridades do rock, mas um verdadeiro ponto de encontro para apreciadores e criadores da cena contracultural da época, como skatistas, grafiteiros, colecionadores, músicos e jornalistas. Em 1997, a família Caperuto se mudou para o terceiro endereço em São Caetano: Rua Tibagi, nº 353.

As artes e a comunicação social eram outros temas que a fascinavam. Na primeira década deste século, fez especialização e mestrado em Comunicação na Faculdade Cásper Líbero.

Ada trabalhava há 21 anos para a Ricardo Viveiros & Associados Comunicação Corporativa, onde deixou uma concreta contribuição à trajetória da empresa, escrevendo dezenas de livros, entre biografias como *Sem limite – a vida de Péter Murányi* e *Família Mirone*, além de obras institucionais comemorativas, como os livros da Associação Brasileira de Private Equity e Venture Capital (ABVCAP) e do Superior Tribunal de Justiça (STJ). Coordenava com maes-

tria e se envolvia intensamente em todos os processos de produção, desde a redação até a coordenação do projeto gráfico, só considerando trabalho finalizado quando os exemplares eram entregues ao cliente. Além disso, trabalhou muitos anos como jornalista freelancer da revista *Justiça e Cidadania* e colaborou assiduamente para a revista *Abigraf*. De uns anos para cá, teve a chance de reencontrar os amigos da época do jornalismo da Metodista, tanto em encontros ao vivo como no grupo formado no WhatsApp para “troca de figurinhas”.

Paisagens aquareladas

- A profissional excelente tinha também uma veia irônica que divertia os amigos à volta. Uma ironia que, às vezes, escondia seu lado mais retraído. Adorava passear ao ar livre e fez viagens para vários cantos do Brasil, principalmente em locais apropriados para trilhas – só parou com essas atividades quando os joelhos reclamaram. Se ateu aos passeios menos selvagens, como ir até o Bairro da Liberdade com Olímpia e seu sobrinho Felipe, atrás de canetas para desenhar; ou ir até o Instituto Biológico no dia de colher café, em companhia de Ida. Um de seus lugares no mundo era Ubatuba (SP), aonde costumava ir na companhia de Ana e Ida. Nas horas vagas, Ada era uma artista e, se a quisesse ver feliz, bastava presenteá-la com livros que lhe permitissem adquirir novos conhecimentos na área. Alguns anos antes, numa tarde saborosa movida a ar-



←
Ada (em primeiro plano) com sua equipe de trabalho na Ricardo Viveiros & Associados Comunicação Corporativa

te, fez marcadores de página de Dia das Mães para os alunos de Olímpia, que dava aula em uma escola em Mauá, enquanto Madá disponibilizava os lápis. Enquanto enfeitavam as lembrancinhas, tiveram a ideia da festa junina, que acabaria marcando a família como um evento icônico. A arte, sempre a arte, presente como o oxigênio.

Para aprimorar o talento com o desenho, ela frequentou recentemente a Fundação das Artes de São Caetano do Sul (Fascs), onde aprendeu novas técnicas e estilos que foram incorporados às aquarelas. Sua arte pode ser apreciada em seu Instagram @adaluz_disenos. Nos últimos tempos, além da aquarela e desenhos a lápis e nanquim, participou de oficinas de ilustração, escultura em argila, costura (produzir suas próprias roupas era comum), artesanato e pintura, boa parte delas ministrada pela prefeitura.

Da janela de seu apê, no Bairro Santa Maria, onde se instalou em 2015, amava contemplar a cidade que a abraçava, de forma familiar e aconchegante. O trabalho *home office* permitia-lhe curtir a casa, que tinha sua cara em cada detalhe, e os belos pores de sol pintando o céu. Apreciava também a arquitetura do município e a história por trás de cada mural de azulejos nas paredes das casas ou os detalhes arquitetônicos das fachadas. Esse apreço a fez participar ativamente do grupo São Caetano Inesquecível, no Facebook, voltado para a memória da cidade.

Como apreciadora da culinária refinada, Ada amava os cafés charmosos da cidade, a tradicional Festa Italiana, as excelentes opções de gastronomia e, especialmente, as empanadas de La Mordidita, quase em frente à sua casa. Nos últimos meses, caminhou diariamente no Parque

Linear Kennedy, inaugurado em dezembro de 2024, onde apreciava a natureza e aproveitava para cliques surpreendentes. Como ela mesma descreveu, “via pessoas, seus dogs, Vitamina D, higiene mental antes do trabalho. Mas, veio a vida e me deu uma pequena grande surpresa”, interrompendo as caminhadas.

Foi diagnosticada com câncer em julho de 2025, porém em nenhum momento adotou o tom vitimista. Continuou trabalhando, mesmo tendo de enfrentar várias internações no hospital, de onde pedia que lhe levassem seus cadernos e o notebook. E, claro, as aquarelas. Fez desenhos lindos em leitos de hospital, enquanto tentava métodos para combater o câncer. A doença podia estar avançando, mas não lhe roubava o ânimo de continuar produzindo livros, nem a inspiração para produzir aquarelas. Aos 60 anos, Ada faleceu no dia 30 de setembro em São Caetano do Sul, cidade que amava e que tinha imenso prazer em desfrutar e vivenciar intensamente.

Da mesma vista da janela no Bairro Santa Maria, a partir de agora, desenhos aquarelados misturados às nuvens poderão ser apreciados no céu do município. Ada presente!

Agradecimentos às irmãs e irmãos da Ada pelos depoimentos e imagens.

Lilian Mendes
é jornalista da Ricardo Viveiros e Associados.

A Revista *Raízes*, nesta seção dedicada à memória do movimento autonomista, apresenta trabalhos de alunos da rede municipal de ensino premiados no concurso cultural promovido durante a celebração do 77º aniversário da emancipação política de São Caetano, marcada por vários eventos que tiveram lugar na chamada Semana da Autonomia, realizada, em sua edição de 2025, entre os dias 16 e 23 de outubro.

Neste ano, o concurso, já bastante conhecido na área de redação, ganhou maior amplitude ao estender a premiação a outras categorias, criadas com o fito de enriquecer a proposta original do certame. Sendo assim, cinco categorias foram instituídas, a saber:

- **Categoria 1:** destinada a estudantes do 3º ano do Ensino Fundamental, grupo ao qual coube a realização de um trabalho visual (desenho) sobre a emancipação de São Caetano;
- **Categoria 2:** voltada a alunos do 4º e 5º ano do Ensino Fundamental, com a propositura temática “O ontem e o hoje, de 1948 a 2025”, de modo a possibilitar um comparativo entre o ano da autonomia (1948) e o momento atual (2025), privilegiando reflexões acerca das mudanças verificadas ao longo desse processo histórico;
- **Categoria 3:** concernente aos alunos do 6º e 7º

ano do Ensino Fundamental, tendo como suporte temático a proposta da elaboração de uma carta: “Os reflexos da autonomia: uma carta ao passado”;

- **Categoria 4:** dirigida aos estudantes do 8º e 9º ano do Ensino Fundamental, incumbidos da produção de um vídeo com o tema “Locais que possuem relação com os personagens da autonomia”;
- **Categoria 5:** atinente aos alunos do Ensino Médio, encarregados da elaboração de um texto dissertativo-argumentativo com a temática “A participação da mulher na autonomia de São Caetano”.

Em face das considerações expostas, o concurso cultural, iniciativa do Grupo de Amigos do Movimento Autonomista (Gama), em parceria com a Fundação Pró-Memória e a Secretaria Municipal de Educação, apresenta-se como uma importante ferramenta de difusão da memória autonomista junto ao corpo discente das escolas municipais da cidade, constituído por alunos de diferentes faixas etárias que, em um futuro próximo, estarão nas fileiras dos cidadãos de São Caetano do Sul.

Nas páginas a seguir, contemplamos os trabalhos premiados em suas respectivas categorias, parabenizando os alunos que os produziram e a equipe de professores pela orientação e respaldo fornecidos aos participantes deste desafiador concurso cultural.

Cinco estrelas: as importantes mulheres do movimento autonomista

Desde os longos e violentos processos de colonização, o Brasil consolidou-se como um país marcado por profundas desigualdades.

Entre elas, a desigualdade de gênero destaca-se por silenciar e invisibilizar figuras femininas que desempenharam papéis essenciais no desenvolvimento social e político do país. Nesse contexto, evidenciar a relevância da mulher no processo de autonomia de São Caetano do Sul torna-se não apenas uma

questão histórica, mas também social, diante da desinformação e dos preconceitos ainda existentes entre parte da população sul-são-caetanense.

A ausência de divulgação adequada da participação feminina no movimento autonomista é um dos principais fatores que contribuem

para seu apagamento. Conforme Immanuel Kant, “o homem é aquilo que a educação faz dele”, o que evidencia que a invisibilidade histórica das mulheres resulta, em grande parte, da falta de educação consistente sobre o tema. Dos 95 autonomistas que lutaram pelo plebiscito separatista do município em relação a Santo André, apenas cinco eram mulheres, mas suas histórias raramente eram narradas, demonstrando a persistência de um apagamento sistemático.

O preconceito de gênero, profundamente enraizado na sociedade, reforça essa invisibilidade. Em uma sociedade historicamente marcada pelo machismo, a contribuição feminina é frequentemente subestimada ou ignorada, prejudicando a preservação da memória coletiva. Como bem observa Vol-

taire, “o preconceito é uma opinião sem conhecimento”, indicando que a desvalorização das mulheres no movimento autonomista resulta de juízos distorcidos e da preservação de estigmas sobre seu papel social. Reconhecer a participação feminina, portanto, é também um ato de combate ao preconceito e de fortalecimento da justiça histórica.

Diante desse panorama, torna-se imprescindível promover ações concretas que valorizem as mulheres autonomistas. A prefeitura pode investir em iniciativas culturais que divulguem suas histórias, garantindo visibilidade em meios de comunicação e realizando homenagens em datas comemorativas, como o aniversário da cidade. Paralelamente, a Secretaria de Educação deve incentivar atividades escolares que formem cidadãos

conscientes do passado de sua cidade, capazes de reconhecer a contribuição feminina e de questionar preconceitos arraigados.

Portanto, reconhecer a participação das mulheres no movimento autonomista de São Caetano do Sul significa resgatar a memória histórica, fortalecer a cidadania e promover a igualdade de gênero. Ao dar aos autonomistas o espaço e o reconhecimento que mereceram, a cidade não apenas valoriza seu passado, mas também contribui para a construção de uma sociedade mais justa, inclusiva e democrática, em que todos, independentemente do gênero, possam exercer seu papel como agentes de transformação social.

Giulia Luca Barreto - 3F

EME Professora Alcina Dantas Feijão

São Caetano do Sul,
4 de outubro de 2025.

**Querido Desiree
Malateux Neto,**

Oi, meu nome é Manuela, eu tenho 12 anos e estudo no 7º ano da Emef Senador Flaquer. Fiquei sabendo sobre a história da nossa cidade, São Caetano do Sul, e achei muito legal saber sobre o que o senhor e os outros autonomistas fizeram para nossa cidade se tornar independente.

Autonomia ocorreu quando São Caetano ainda fazia parte de Santo André, e vocês lutaram para ela virar uma cidade de verdade, com prefeito, vereadores e tudo

que temos hoje. Vocês foram bem corajosos, porque não deve ter sido fácil fazer reuniões, conversar com políticos e conversar com todo mundo que São Caetano merecia ser independente.

Eu moro aqui faz 5 anos e gosto muito da nossa cidade. Ela é limpa, organizada e tem escolas boas, principalmente a que eu estudo. Meus pais dizem que é isso porque, desde que a cidade ficou independente, ela começou a crescer muito. Então, eu acredito que você ajudou a construir um lugar melhor para gente viver.

O senhor devia ser muito sério, mas também cheio de vontade de mudar as coisas. Queria dizer obri-

gado por ter feito isso e ajudar a nossa cidade.

Hoje em dia, tem muita gente que nem conhece direito essa parte da história da cidade. Mas acredito que é importante valorizar tudo o que você e os outros autonomistas fizeram pela nossa cidade, para torná-la independente.

Muito obrigada por tudo que o senhor fez por São Caetano do Sul. Pode ter certeza de que a sua luta não foi esquecida. Vou contar para os meus amigos e para minha família, porque é essencial lembrar quem ajudou a cidade a ser o que ela é hoje.

Com carinho e gratidão,

Manuela Garcia Andrade - 7C

Emef Senador Flaquer



**Maria Alice
Dias Santos
- 3A**
Emef Laura
Lopes



**Murilo
Custodio
Monteiro
- 4B**
Emef 28 de
Julho

Metida a viver... bem!

\ Eliane Parmezani



Casamento de José Antônio Sartorello e Maria Petri, realizado em 28 de julho de 1960, na igreja de São Rafael, na Mooca, em São Paulo

Acervo/Família Sartorello



Maria Petri Sartorello é uma centenária das mais ativas em São Caetano do Sul. Nascida em 23 de novembro de 1924, é a integrante mais idosa da Casa do Artesão “Reinaldo Joaquim Gomes”, equipamento municipal sob a administração da Secretaria de Cultura e do Centro Integrado de Saúde e Educação da Terceira Idade (Cise) João Nicolau Braido (JNB), vinculado à Secretaria de Saúde. Do Cise JNB, dona Maria é a mais longeva ¹ e uma das primeiras matriculadas na unidade, inaugurada em 1992.

Nascida em Sertãozinho, no interior paulista, passou a infância em Colina, cidade da Região Metropolitana de Ribeirão Preto (SP). Mudou-se para a capital, no Bairro do Brás, com a mãe e os cinco irmãos mais novos na década de 1930. Casou-se na igreja de São Rafael, no bairro paulistano da Mooca, em 28 de julho de 1960. Quatro anos depois, com o marido, José Antônio Sartorello, e a filha, Rita Cristina Sartorello, então com 2 anos, mudou-se para São Caetano. Maria vive hoje em companhia de Rita no Bairro São José. O marido faleceu em 1986, aos 57 anos, em decorrência de uma pneumonia.

Em 2024, Maria Petri Sartorello foi homenageada pelo centenário na Casa do Artesão e no Cise João Nicolau Braido, além de ter sido agraciada com o Prêmio Mulheres Empreendedoras Sênior.² A homenagem mais recente foi pelo Dia do Idoso,³ celebrado com uma sessão solene na Câmara Municipal, no dia 2 de outubro de 2025.

No relato a seguir, dona Maria, com a filha Rita, recorda-se de alguns dos momentos mais marcantes da vida nas cidades de Colina, São Paulo e em São Caetano, páginas de uma história que continua sendo vivida, em meio a bordados em vagonite,⁴ roupas de tricô confeccionadas à mão, aulas de alongamento e do curso Nutre & Ação Sênior ⁵ no Cise JNB, caminhadas, ginástica, o preparo das refeições diárias e o que mais a disposição e a força de vontade permitirem.

Colina e São Paulo - Maria: “Nasci em Sertãozinho, na comarca de Ribeirão Preto. Fiquei lá um ano só. Logo nos mudamos para Colina, conhece? É perto de Bebedouro. Meu pai tinha parentes ali: meus avós, tios. Eu ajudava meu pai na roça. Sempre fui metida, nunca fiquei parada. Em Colina, estudei até o segundo ano primário, porque tive que trabalhar...”

Rita: “E mataram a professora. Na fazenda em que minha mãe vivia, até era permitido que a professora desse aula, mas nas outras vizinhas acredito que não queriam que as crianças fossem instruídas. E, na época, essa professora ia para várias fazendas para dar aula.”

Maria: “Chamava-se Norma. Era muito bonita. Quando estava vindo para a nossa fazenda, a mataram. Essas coisas que me lembro me dão tristeza. Sempre a vejo em minha mente.

Meu pai faleceu de apendicite em 1932, depois da Revolução (Constitucionalista), aos 32 anos. Eu tinha 8 anos e cinco irmãos mais novos, o caçula estava com 11 meses. Minha mãe sofreu, mas nunca a ouvi reclamar, nunca a vi chorar. Ela foi minha força. Era uma espanhola forte, chamada Encarnação Ribas Serrano. Veio da Espanha aos 4 anos, primeiro morou na Argentina. Meu pai se chamava João Petri. Naquela fazenda era tudo parente meu, tinha seis tios lá. Quando meu pai faleceu, um tio pegou a gente. Seis crianças. E a minha tia, mulher dele, já tinha um casal de filhos.”

Rita: “Como o sistema de trabalho era por arrendamento, se a minha avó não trabalhasse na lavoura, tinha que deixar a terra e sair. E como ela iria cuidar da lavoura e de seis filhos pequenos sozinha? Por isso que o tio pegou as crianças. Todos foram para a cidade de São Paulo após a morte do meu avô, em 1932.”

Maria: “Ficamos na casa desse meu tio, ele era muito rico. Minha

tia aguentou cuidar das oito crianças – os filhos dela, mais os meus irmãos e eu – acho que por uns quatro ou cinco meses só. Então, fomos levados para uma espécie de juizado de menores, onde se levavam os órfãos, na época. Fomos os quatro irmãos mais velhos para o juizado, os caçulas ficaram. Lá permanecemos cinco dias, esperando vaga em colégio.

Meus dois irmãos homens foram para o Colégio Dom Duarte, um colégio de padres, e a minha irmã e eu fomos para o colégio de freiras da Congregação das Irmãs Passionistas de São Paulo da Cruz, no Bairro de Pinheiros. Fiquei quatro anos nesse colégio.

Tive um problema na vista direita e, naquela época, não tínhamos acesso a antibióticos, essas coisas. Passei um ano na Santa Casa por causa disso. O médico fez de tudo e não teve jeito, perdi a visão deste lado, foi uma conjuntivite grave. Depois, voltei para o colégio.”

Rita: “Desde pequena, na roça, ela sempre ajudava, levava a marmita para o vovô. Uma vez minha mãe estava levando a marmita para ele, deu de cara com uma jararaca e desmaiou. Não sei como a cobra não a picou. Isso causou um trauma tão grande que só nos dias de hoje está conseguindo ver cobra, ainda assim, pela televisão... Pessoalmente, nem pensar!”

Maria: “E, como o meu colégio era em Pinheiros, nas férias íamos ao Instituto Butantan. Imagine só. Eu nem passava perto das cobras!”



O casal José Antônio Sartorello e Maria Petri Sartorello com a filha Rita Cristina Sartorello em foto tirada na Praça Cardeal Arcoverde, na década de 1960

Acervo/Família Sartorello



José e Maria com a filha Rita em foto tirada em setembro de 1968, na rampa junto ao prédio da antiga prefeitura, na Avenida Goiás, nº 600. Hoje, o edifício em questão abriga a Câmara Municipal de São Caetano do Sul

Caseira e radiologista - Maria: “Quando meu pai morreu, minha mãe me disse: ‘Você é a dona da casa agora’. E fui a dona da casa. Minha mãe conseguiu arrumar uma casa para nós e foi reunindo de volta os filhos, um por um. Eu era a mais velha de cinco irmãos, cuidei deles e esperei todos se casarem para só depois me casar. Só o caçula ficou solteiro. Somente eu estou viva de todos eles, nenhum deles passou dos 90.”

Rita: “Em 1936, minha avó conseguiu reunir os filhos que estavam em colégios internos. Eles moravam no Brás. Conforme cada um ia atingindo a idade de trabalhar, ia começando a ganhar a vida. Minha mãe começou a trabalhar em julho de 1939, aos 14 anos, na Copag. Foi o primeiro emprego dela com registro em carteira. Lá ficou até 30 de janeiro de 1963.”

Maria: “Trabalhei 23 anos na Companhia Paulista de Papéis e Artes Gráficas, na seção de baralho, mexendo com tinta para impressão.”

Rita: “Por isso que ela não joga. Não pode ver baralho na frente, enjoou (*risadas*). Naquela época, fazia muito mais horas extras do que é permitido hoje, por lei. Trabalhava aos sábados. Aliás, sempre se candidatava a fazer os extras.”

Maria: “Eu trabalhava sábado de manhã. A turminha nossa daquela época saía ao meio-dia, ia para casa, tomava banho e, às

14h, íamos para a Liberdade, ao baile. Também íamos à Rádio Record assistir aos shows ao vivo. Isso nos anos 1940.”

Rita: “Meu pai foi metalúrgico na Fulgor (Alumínio Fulgor S/A), no Bairro da Mooca, onde se fabricavam painéis, até julho de 1963, sempre fazendo serviços de eletricitista.”

Maria: “Quando meu marido ficou desempregado, o médico Oswaldo Cipullo o chamou para trabalhar com ele; estava abrindo uma clínica. Dois médicos e um dentista trabalhavam com o dr. Cipullo. Eu já tinha saído da Copag. Minha cunhada, que era enfermeira e trabalhava com o dr. Oswaldo Cipullo, nos indicou. Viemos para São Caetano nesse ínterim. Fomos morar na Rua Rio Grande do Sul, nº 291, onde ficamos por mais de 20 anos.”

Rita: “Foi então que viemos para São Caetano. A casa da Rua Rio Grande do Sul era antiga, ficava nos fundos, e a clínica, na frente. Tinha sala, quarto, cozinha e quintal. Como morávamos nos fundos, minha mãe cuidava de mim quando eu era pequena. E meus pais faziam zeladoria, limpavam toda a clínica.”

Maria: “Quando a moça que tirava chapa (exame de raio x) ficou doente, passei a ajudar na clínica operando a máquina. Foi então que me registraram,⁶ quando faltavam três anos para me aposentar. Em 17 anos trabalhei só de caseira.”



Rita: “Somente quando eu já frequentava a escola que minha mãe passou a trabalhar com radiologia médica. Ela operava a máquina, revelava as chapas na sala escura, sem nenhum curso preparatório. Na carteira profissional, a função exercida consta, para não comprometer, ‘Serviços Gerais’. Fomos caseiros até 1976, daí ela se aposentou.”

Enquanto isso, eu estudava. Estudei no parquinho Primeiro de Maio,⁷ onde era a Concha Acústica. O Ensino Fundamental e o Médio fiz no Bonifácio.⁸ Cursei faculdade de Belas Artes em São Paulo, de 1985 a 86, era no Bairro da Luz ainda, onde agora é a Pinacoteca de São Paulo. Quando eu estava no último ano, a faculdade mudou para a Vila Mariana.



José, Maria e Rita em outro registro de setembro de 1968. Ao fundo, o prédio que, na ocasião, abrigava a Prefeitura Municipal de São Caetano do Sul

Fiz um curso no Senac também, de Propaganda e Promoção.”

Cine Vitória - Rita: “Meu pai era conhecido em São Caetano, trabalhou com o Victório Dal’Mas, no Cine Vitória,⁹ de 1970 a 1983. Era lanterninha e fazia a manutenção elétrica do cinema. Por conta desse vínculo do meu pai, minha amiga de infância – que hoje mora em São Bernardo, a Miria – e eu frequentávamos o cinema de graça, quando ainda tinha o balcão no piso superior. Tudo o que era novidade, os lançamentos, a gente ia assistir. Essa época era uma delícia: as duas últimas cadeiras da sala eram reservadas ao fiscal de cinema; na prática, ficavam para mim e para a Miria.

Eram os melhores lugares porque ninguém podia sentar-se à nossa frente. Lembro-me até da plaquinha que ficava piscando ali. Quando terminava a sessão, ajudávamos a procurar por objetos esquecidos: olhávamos nos bancos, íamos atrás da tela.

Meu pai trabalhou mais como autônomo. Até que teve câncer de pulmão, porque fumava muito e faleceu em 1986. Chegou a morar por uns seis meses na casa que compramos na Vila São José, onde vivemos até hoje.”

Artes manuais - Rita: “Quando minha mãe se aposentou, nos mudamos para o Bairro São José, e eu trabalhava fora. Trabalhei no Isotec Escritório Contábil e Financeiro por 34 anos. Comecei aos 16 e trabalhei direto, até os 51 anos de idade, no mesmo lugar. Primeiro, na Praça Cardeal Arcoverde, depois, foi para a Rio Grande do Sul, nº 307. Quando nos mudamos para o Bairro São José, fiquei ainda uns 20 anos indo de ônibus até o Centro para trabalhar. Estou aposentada há 10 anos.

Quando abriu um centro da terceira idade perto de casa, o JNB,¹⁰ minha mãe praticamente o inaugurou, fazia ginástica e ainda faz aulas de alongamento. Ela vai a pé. Hoje faço alongamento com ela. Já participou de teatro, dança circular, dança de fim de ano, coral, concursos, de tudo. Sempre caracterizada com o traje de acordo com o tema da festa. No Dia das Bruxas, adivinha quem ia fantasiada? Uma vez, fez um boneco da altura dela e dançou com



Em primeiro plano, Maria Petri Sartorello dançando quadrilha durante festa junina no Cise João Nicolau Braido



Dona Maria, ao lado da filha, Rita Cristina, mostra a blusa que tricou a partir do modelo de uma revista alemã



Foto/Paulo Cesar Ribeiro (Secretaria Municipal de Cultura de São Caetano do Sul)

Dona Maria Petri Sartorello com sua boneca artesanal, produzida por ela, entre muitas outras



Foto/Paulo Cesar Ribeiro (Secretaria Municipal de Cultura de São Caetano do Sul)

Dona Maria preparando café no dia em que concedeu entrevista à Revista Raízes, em 2025

o boneco na festa caipira. Quando tinha desfile do 7 de Setembro, ela e uma amiga sempre iam à frente, segurando uma placa. Ela desfilou até dois anos antes da pandemia.”

Maria: “A gente se divertia muito. Dançava muito, eu sempre a primeira.”

Rita: “E o artesanato sempre junto. Quando ainda estava no colégio interno, fazia luvas femininas.”

Maria: “Faço artesanato desde o tempo do colégio de freiras e nunca parei. A gente aprendia de tudo lá. As freiras eram um amor. Naquela época, fazia aquelas luvas de madame (renda estilo frivolité). Quando fui trabalhar na Copag, na hora do almoço, nós, operárias, ficávamos todas juntas fazendo artesanato, uma ensinava a outra. Mais tarde, passei a fazer bonecas. Eu nem via as bonecas prontas, porque minha filha entregava tudo para a amiga vender na faculdade.”

Rita: “A Miria, do cinema, vendia no Imes.¹¹ Foi a única ocasião em que minha mãe produziu para vender mesmo. De resto, era mais para doação. Eu só finalizava as bonecas desenhando o rosto. Minha mãe fazia todo o resto.”

Maria: “Inclusive os vestidos, os sapatinhos. Os cabelos lisos eu enrolava. Hoje faço vagonite e tricô. Tricotei uma blusa branca, tirando o modelo de uma revista que uma sobrinha trouxe da Alemanha.”

Rita: “Essa pelerine ela viu na televisão. Eu imprimi o passo a passo da internet, ela vai olhando e fazendo. Já tivemos uma Lano-fix, uma máquina de tricô caseira.”

Maria: “Doei para ajudar uma amiga que fazia tricô para ter uma renda. O marido dela estava doente.”

Rita: “Hoje produzimos para a Casa do Artesão e, para doações, a duas instituições: o Grupo Espírita de Trabalho Misail e para uma amiga que destina para famílias em situação de vulnerabilidade. São 15 amigas mais ou menos que se reúnem todas as sextas-feiras no salão do centro espírita e lá confeccionam roupinhas, fazem costura criativa. Minha mãe confeccionava enxovais completos para doação. As toalhinhas de vagonite até hoje doamos.”

Maria: “O dinheiro que recebo da Casa do Artesão uso para comprar material para as doações.”

Rita: “Quando veio a pandemia, não teve bazar para “escoar” os bordados que minha mãe produzia para doar, não era uma fonte de renda. Os tempos de isolamento social ela passou bordando toalhinhas. Chegamos a ter mais de 50 peças prontas. Quando tudo foi reabrindo, era muita coisa para doar de uma vez só. Então, sugeri a ela que tentasse entrar como membro da Casa do Artesão. Ela se inscreveu e foi aprovada. Foi quando abriu a primeira conta salário, aos 97 anos,

precisamente no dia 2 de fevereiro de 2022. Inclusive, chegou a fazer curso na Casa do Artesão antes de se tornar integrante, logo nos primeiros anos da loja.”¹²

Maria: “Fiz curso de bijuteria: brinco, colar.”

Rita: “Eu trabalhava perto e costumava visitar a Casa do Artesão. Ia na hora do almoço. Depois que me aposentei, resolvi tentar entrar como integrante. Na verdade, o contexto foi o seguinte: minha mãe caiu na rua e quebrou o braço direito, colocou pino, ficou um ano na fisioterapia. Ela estava com uns 80 e poucos anos na época. Formalmente eu já estava aposentada, mas trabalhando ainda, e acabei saindo do emprego para ajudar minha mãe.

Até então, sempre tinha desenhado em grafite, pintava, já tinha exposto, mas queria fazer algo mais produtivo. Fuçando na internet descobri o quilling.¹³ Logo pensei: ‘Vou fazer isso na vida.’ Um dos meus trabalhos nesta técnica foi para a sétima edição do projeto *Vitrine*, a exposição de artistas de São Caetano na Pinacoteca Municipal. Já participei de umas seis edições do *Vitrine*. Foi na faculdade que fiz minha primeira exposição, em 1988, minha mãe foi modelo: a pintei de costas, em técnica de pontilhismo. Hoje faço quilling em formatos menores para a Casa do Artesão.”¹⁴

Centésimo aniversário e primeira festa - Rita: “Quando minha mãe comple-

tou 100 anos, ganhou uma festa surpresa no salão do Cise JNB. Reuniram-se todas as professoras que ela já teve ali. O evento rendeu 33 mil visualizações no Instagram.¹⁵ O aniversário foi publicado no *Jornal Convivência*¹⁶ e teve ainda festa na Casa do Artesão.”

Maria: “Minha primeira festa de aniversário.”

Rita: “Nos aniversários da minha mãe costumam vir em casa dois casais de amigos e minhas primas que moram mais perto (nem sempre todos no mesmo horário). Compro bolo, mas ela nunca quis cantar parabéns. No ano passado, quando completou 100 anos, minhas primas até insistiram em comemorar em algum lugar (fora de casa), mas minha mãe não quis. No sábado (23 de novembro), todos vieram e celebramos em casa. Festa surpresa, em salão com decoração especial, muita gente cantando parabéns, como no Cise, foi a primeira vez mesmo. No dia da festa no JNB, a professora convidou todos os alunos para ficarem para a aula seguinte. Adivinha... Ficou a minha mãe, claro, e mais uma amiga nossa, o restante foi embora. Tá aí por que chegou aos 100” (risadas).

Maria prepara e serve o café sem demonstrar qualquer dificuldade, com toda a firmeza. E comenta: “Às vezes fico pensando na vida desde que meu pai faleceu. Não me esqueci de nada, me lembro de

tudo: da fazenda, nos tempos da vaquinha no pasto... Quando as pessoas me perguntam: ‘O que você fez na vida?’ Eu respondendo: ‘Trabalhei e não parei.’ Não paro. Sou metida.”

Notas

¹ Considerando todos os sete centros da terceira idade de São Caetano do Sul, Maria Sartorello é a segunda integrante mais longeva, apenas seis meses mais jovem que o membro mais idoso.

² Prêmio oferecido pela Prefeitura Municipal de São Caetano do Sul, por meio da Secretaria de Desenvolvimento Econômico, Trabalho, Turismo, Tecnologia e Inovação, com o apoio da Coordenadoria Municipal da Terceira Idade (Comtid) e do Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (Sebrae), em 8 de março de 2024, Dia Internacional da Mulher.

³ A data, instituída pela lei municipal nº 3.630, de 26 de fevereiro de 1998, atualizada pela lei nº 5.873/2020, é comemorada anualmente em 1º de outubro.

⁴ Técnica similar a ponto-cruz, porém o vagonete utiliza um tecido específico e é feito na superfície, não tendo avesso visível, enquanto o ponto-cruz é mais versátil, podendo ser feito em tecidos como o etamine. O vagonete foca desenhos geométricos e linhas retas, enquanto o ponto-cruz permite criar desenhos mais complexos usando a técnica de ponto “X”.

⁵ Implantado pela prefeitura nas escolas municipais de São Caetano em 1º de julho de 2019, o Programa Nutre & Ação chegou aos centros da terceira idade em 14 de outubro daquele mesmo ano, estreando no Cise Moacir Rodrigues, como Nutre & Ação Sênior. “A iniciativa desenvolvida pelo Fundo Social de Solidariedade e pela Secretaria de Saúde por meio da qual leva informações sobre nutrição e atividades físicas para municípios integrantes dos Cises.” PREFEITURA MUNICIPAL DE SÃO CAETANO DO SUL. Programa Nutre & Ação Sênior é lançado em São Caetano. 14 out. 2019. Disponível em: <https://www.saoacetanodosul.sp.gov.br/noticia/1070>.

⁶ Na carteira profissional de dona Maria, o contrato de trabalho está em nome de Sasc Serviços de Abregráficas de São Caetano do Sul Ltda, com data de admissão em 1º de janeiro de 1970 e a de saída em 2 de março de 1976.

⁷ Fundada em 1958 pelo prefeito Oswaldo Samuel Massei, a Escola Municipal de Educação Infantil Primeiro de Maio foi a primeira escola do gênero de São Caetano do Sul. (...) No dia dez de fevereiro de 2001, a EMEI Primeiro de Maio mudou de endereço. O novo prédio, com instalações modernas, fica na Rua Rafael Correia Sampaio, nº 584. FUNDAÇÃO PRO-MEMÓRIA DE SÃO CAETANO DO SUL. *Jardim de Infância: registros das escolas infantis de São Caetano do Sul*. São Caetano do Sul: Fundação Pro-Memória de São Caetano do Sul, 2004, p. 25.

⁸ A instituição de ensino atualmente situada na Av. Dr. Augusto de Toledo, nº 195, iniciou as atividades educacionais em 1º de março de 1950. “Por meio do decreto de 19 de julho de 1950, foi dada a denominação ‘Coronel Bonifácio de Carvalho’ ao primeiro estabelecimento oficial de ensino secundário, hoje, Escola Estadual ‘CORTEGA, Cristina, 60 anos de história. Os velhos e novos tempos da Escola Estadual Coronel Bonifácio de Carvalho. *Raízes*, São Caetano do Sul, n. 41, p. 39-43, jul. 2010.

⁹ No início dos anos 50 (mais precisamente em 1953) é inaugurado o Edifício Comercial, um grande empreendimento para a época, pois, além de escritórios, também abrigava o Cine Vitória (inaugurado em 30 de setembro daquele ano), com 2.400 poltronas estofadas, uma novidade na cidade. A inauguração da nova sala deu-se com a exibição do filme *Salomé*, com Rita Hayworth e Stewart Granger. RUFINI, Claudinei. Os Passatempos Prediletos. *Raízes*, São Caetano do Sul, n. 3, p. 39-42, jul. 1990.

¹⁰ “Seus empreendimentos [os de Victorio Dal’Mas] compreendiam, principalmente, a Dal’Mas Indústria Agroquímica, o Cine Vitória e a Dal’Mas Imobiliária.” MUNARI, Rodrigo Marzano. Italo Dal’Mas: advogado e cronista dos “fundadores” de São Caetano. *Raízes*, São Caetano do Sul, n. 57, p. 91-96, jul. 2018.

¹¹ O Centro da Terceira Idade João Nicolau Braido iniciou as atividades em 4 de abril de 1992.

¹² Instituto Municipal de Ensino Superior: passou a se chamar Universidade Municipal de São Caetano do Sul (Uics) em 5 de junho de 2008, quando o centro universitário conquistou o status de universidade.

¹³ A Casa do Artesão Reinaldo Joaquim Gomes foi instituída em 11 de agosto de 2001. Dona Maria foi matriculada como integrante do equipamento em 9 de novembro de 2021.

¹⁴ Arte com tiras de papel que são enroladas e moldadas formando desenhos (descrição livre de Rita Sartorello, em seu cartão de visitas). Essa arte geralmente é aplicada em quadros, convites, bijuterias e em outros objetos.

¹⁵ A matrícula de Rita Sartorello na Casa do Artesão data de 10 de fevereiro de 2021, quando houve um recadastramento dos profissionais. Contudo, Rita já era integrante do equipamento, pelo que recorda, ao menos desde 2018.

¹⁶ A festa foi postada nos perfis de Instagram @prefeitura_saoacetanodosul e @3idade.saoacetano no dia 25 de novembro de 2024. Até o fechamento desta edição, a postagem continha 33.028 visualizações, 1.178 curtidas e 184 comentários. A descrição da postagem: “A nossa querida associada Maria Petri Sartorello completa seus 100 anos de pura vitalidade e o Cise João Nicolau Braido recebeu uma placa de homenagem e uma festa surpresa. Petri, como é carinhosamente chamada pela turma, é aluna de alongamento da profª Kelly e também participa do Grupo Nutre & Ação Sênior. Ela está conosco no Cise João Nicolau Braido ativamente desde 1993, até a profª Patrícia Pinheiro (atualmente afastada) veio participar da homenagem, devido ao grande carinho que tem pela aniversariante. Parabéns, Petri, que possamos confraternizar juntos por muitos e muitos aniversários mais!”

¹⁷ CONVIVÊNCIA REGIONAL: informativo da Terceira Idade do Grande ABC. Frequentadora do Cise comemora 100 anos. São Caetano do Sul, n. 234, p. 3, ano XXIX, nov. 2024. Disponível pelo link: <https://www.facebook.com/photos?fbid=1220679192942981&set=pcb.122067932969634>.

Elaine Parmezani

é jornalista, formada pela Faculdade Cásper Líbero. Especialista em Jornalismo Literário pela Academia Brasileira de Educação e Jornalismo Literário (ABJL). Em mais de 20 anos de carreira, já passou por redações de revistas noticiosas e temáticas de segmentos diversos. É servidora da Prefeitura de São Caetano do Sul desde 2017, atualmente lotada na Secretaria Municipal de Cultura.

Morada do coração

A ligação de uma família do ABC com a cidade de São Caetano do Sul

Suzel Tunes

Francisco de Almeida Claro em foto da década de 1950



Arquivo/Família Almeida Claro

Euzebia Rubio em foto tirada por ocasião de sua formatura no curso de Contabilidade do Instituto de Ensino de São Caetano, na década de 1950



Arquivo/Família Almeida Claro

A vida de Euzebia e Francisco é feita de dois encontros marcantes: aquele que uniu o casal, há mais de 70 anos, e, depois, o encontro da família que formaram com a cidade que escolheram amar: São Caetano do Sul. Foi numa festa junina que o primeiro encontro se deu, no abrir da década de 1950. Francisco de Almeida Claro foi convidado para uma festa na casa de um amigo da família, Manoel da Silva, no Bairro Campestre, em Santo André. “Ele disse que, na festa, haveria muita moça e pouco rapaz. Quando cheguei, fui logo dançar com a loirinha”, lembra ele. Encantado com Euzebia Rubio, Francisco não demorou a pedir a mão da moça à família.

Francisco era um bom partido. Jovem trabalhador e responsável, já estava concluindo o curso de Contabilidade no Instituto de Ensino de São Caetano, então chamado Escola Técnica de Comércio. Mas o pai de Euzebia, Severino Porras Flores, era zeloso. Embora fosse comum que as jovens se casassem cedo – Euzebia tinha pouco mais de 16 anos –, ele fez uma exigência: “Vocês só casam depois que ela se formar”. E, vejam só a coincidência: Euzebia também estudava Contabilidade no Instituto, mas estava no início do curso. “O Francisco esperou três anos para se casar”, diverte-se.

Para a união do casal, a cidade escolhida foi São Caetano

do Sul. Casaram-se no dia 18 de setembro de 1954 na “Matriz Nova” (Igreja Matriz Sagrada Família). Euzebia Rubio tornou-se, então, Euzebia Rubio de Almeida Claro, e uma nova família se formou.

Inicialmente, o casal foi morar no Bairro Campestre, numa casa construída pelo pai de Euzebia. A jovem morava em Santo André desde os 12 anos de idade, quando a família decidiu se mudar de Olímpia, no interior paulista, para a região do ABC. Francisco era mineiro, natural de Ouro Fino, e, antes do casamento, morava na Vila Alpina, em São Paulo. Mas o casal unido na matriz sul-são-caetanense construiria toda a sua vida de estudo e trabalho na cidade onde se casaram.

A cidade para estudar e trabalhar - O Instituto de Ensino de São Caetano é um capítulo à parte na trajetória desse casal, um elo de união e memórias compartilhadas. Francisco de Almeida Claro entrou no Instituto – denominado, então, Escola Técnica de Comércio – em 1943, um ano após sua inauguração. A instituição de ensino criada por iniciativa de Celso Marchesan, Vicente Bastos e Alberto Ferreira da Silva oferecia o curso Técnico de Contabilidade, com aulas no período noturno. Vinha cobrir uma importante lacuna na educação da cidade: São Caetano ainda não tinha curso secundário; os jovens da cidade costumavam ir ao Ipiranga, à Mooca, ao Brás ou à Luz para dar prosseguimento aos estudos, conforme relata reportagem da Revista *Raízes*, publicada em janeiro de 1992.

Euzebia chegou à Escola de Comércio em 1951, quando a instituição já estava consolidada, mas também foi uma pioneira: numa época em que se reservava às mulheres apenas o espaço doméstico, ela trabalhava durante o dia, na venda de seu pai, e estudava à noite. “Na minha sala, só havia duas mulheres”, conta. Ela lembra que o relacionamento com os colegas era amistoso. No Instituto de Ensino, fez amigos para a vida toda.

A escola, hoje demolida, ainda vive na memória do casal, assim como o seu Centro Estudantino de Cultura, a mais antiga entidade estudantil da cidade, que promovia as apresentações

da fanfarra e organizava campeonatos internos e externos de futebol, xadrez e “bola ao cesto”, além de eventos concorridos, como palestras e bailes.

Depois do casamento, Francisco de Almeida Claro ainda estudaria em mais uma instituição de ensino pioneira de São Caetano, uma das primeiras faculdades da região do ABC: a “FEC do ABC”, antiga Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de São Caetano do Sul. Nessa instituição, que iniciou suas atividades em 1969, cursou Pedagogia e Estudos Sociais.



Francisco e Euzebia casaram-se no dia 18 de setembro de 1954, em São Caetano do Sul, na Matriz Sagrada Família. Padre Ezio Gislimberti presidiu a cerimônia

Acervo/Família Almeida Claro



Acervo/Família Almeida Claro



Os noivos Francisco e Euzebia em foto tirada em estúdio, em 1954





A partir da esquerda, Cássia, Lais e Anelize, alunas da Escola Laura Lopes na época em que Francisco de Almeida Claro era o seu diretor. Foto tirada após o desfile do Dia da Pátria, no início da década de 1970

Assim como sua formação acadêmica, Almeida Claro construiria sua vida profissional em São Caetano, trabalhando em locais que se tornariam marcos históricos da cidade. Logo que se formou no secundário de Contabilidade, aos 14 anos, foi trabalhar na Fábrica de Louças Adelinas, fundada em 1929 numa área de 80 mil metros quadrados – onde havia existido o primeiro campo de futebol do São Caetano Esporte Clube e hoje está instalado o terminal rodoviário. Era um lugar cheio de tradição. Contava-se que o príncipe Dom Pedro de Alcântara de Orléans e Bragança (1875-1940), filho mais velho da Princesa Isabel e do Conde d’Eu, havia vindo à cidade, no final de 1937, exclusivamente para visitar a fábrica, uma imponente edificação de 30 mil metros quadrados. “Trabalhei também na Lou-

ças Matarazzo, na carpintaria”, acrescenta Francisco de Almeida Claro, lembrando de outro ícone da história econômica da cidade: a Indústrias Reunidas Fábricas Matarazzo, que produziu louças domésticas e azulejos até a década de 1990.

Almeida Claro trabalhou, então, como contínuo no Banco Sul-Americano. Andando pelas ruas da cidade, conheceu-a como a palma da mão. E ainda teve uma passagem pela Metalúrgica São José, que produzia ferros para a construção civil, antes de ser convidado a trabalhar na venda do sogro, no Bairro Prosperidade.

O emprego seguinte seria no Governo do Estado, na área de Educação, onde atuou por 25 anos, mais por idealismo do que por reconhecimento financeiro. “Para pagar as contas, tam-

bém vendi seguros durante todo esse tempo”, conta ele.

Na esfera estadual, seu cargo efetivo era de secretário da Escola Estadual Idalina Macedo da Costa Sodré, no Bairro Barcelona. Entre 1969 e 1972, foi elevado a diretor da Escola Estadual Laura Lopes, no Bairro Prosperidade (foi apenas em 2021 que a escola foi totalmente municipalizada). E foi diretor na Escola Estadual Idalina Macedo da Costa Sodré de 1973 a 1976, quando, então, foi transferido para a Delegacia de Ensino, onde se aposentou, em 1985.

Com a vida profissional estabelecida em São Caetano do Sul, o município também seria o palco da vida comunitária e política. Em 1949, Francisco de Almeida Claro participou da fundação da Beneficência Portuguesa – então “Sociedade Portuguesa de Beneficência” –, que construiria um dos principais hospitais da região do ABC. Também foi integrante da Sociedade Beneficente Brasil Unido, fundada em 1950 com a finalidade de dar amparo aos migrantes nordestinos que residiam na cidade. E ainda se lançou candidato a vereador, no ano de 1952, na campanha em que foi eleito o prefeito Anacleto Campanella, segunda eleição municipal de São Caetano. “Tive 70 votos, fiquei como terceiro suplente”, lembra.

Sonho realizado - Enquanto a família crescia, durante vários anos, Euzebia e Francisco de Almeida Claro moraram em

Santo André. Tiveram quatro filhos: Francisco, em 1956 (*in memoriam*), Dulce (em 1958), Lais (1961) e Anelize (1964). Francisco faleceu com apenas 7 anos e não chegou a ir para a escola. As meninas acabaram fazendo os estudos básicos em várias instituições de ensino da cidade onde o pai trabalhava: Dulce estudou no Externado Santo Antônio e na Escola Estadual Laura Lopes, no Bairro Prosperidade, antes de cursar Estudos Sociais na Faculdade Senador Flaquer, em Santo André. Lais também começou o estudo primário em Santo André, mas depois se mudou para a Escola Estadual Laura Lopes e para a Escola Estadual Idalina Macedo da Costa Sodré. Acabou se formando na Faculdade de Medicina do ABC, em 1984. Anelize fez o primeiro grau na Escola Estadual Bonifácio de Carvalho e na Escola Estadual Idalina Macedo da Costa Sodré; concluiria seus estudos na faculdade de Direito de São Bernardo do Campo, em 1985. “Tudo a gente fazia em São Caetano; andávamos muito a pé e de ônibus”, conta Anelize.

As filhas foram construindo suas vidas em São Caetano do Sul, como era de se esperar. Foram sendo formados novos vínculos de estudo e trabalho com a cidade. Mas o casal ainda esperava a oportunidade de concretizar um plano antigo: “Sempre foi um sonho nosso vir para cá”, lembra Euzebia.

Em 1995, finalmente se deu

a mudança esperada, para um apartamento na Rua Maranhão. “Foi muito bom. Logo fiquei conhecendo São Caetano inteira. A gente andava para todo lugar, tudo eu fazia a pé”, conta a matriarca da família. Perto da rua onde moravam, havia padarias e mercados. Euzebia sempre gostou de andar e aproveitava as facilidades do bairro e a proximidade com o restante da família. “Fiquei mais perto dos filhos e dos netos”. Enquanto os pais trabalhavam, as crianças passavam tempo com os avós. “A gente trabalhava e podia deixar os filhos com eles”, conta a filha Anelize.

Hoje Euzebia e Francisco de Almeida Claro têm sete netos, que os visitam sempre que podem. Um está na Itália, mas não deixa de se comunicar com eles. Outra neta mora em São Paulo, mas, a exemplo dos avós, “faz tudo em São Caetano”. “Até o cabeleireiro dela é aqui”. A história de amor continua.

Suzel Tunes

é jornalista, formada pela Universidade de São Paulo. É servidora da Prefeitura de São Caetano do Sul desde 2017, atualmente lotada na Subsecretaria de Comunicação.



O casal
Francisco
e Euzebia
em foto de
outubro de
2025

Foto/Eric Romero (PMSCS)



QUEM FOI?

Joana Angélica



Joana Angélica
representada
em uma
ilustração



Credito/Disponível em [https://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Santinhos_da_Madre_Joana_Ang%C3%A9lica_\(cropped\).jpg](https://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Santinhos_da_Madre_Joana_Ang%C3%A9lica_(cropped).jpg)

Joana Angélica de Jesus nasceu em Salvador (BA), no dia 12 de dezembro de 1761. Era filha de José Tavares de Almeida e Catarina Maria da Silva. Sua vida religiosa teve início em 1782, quando do seu ingresso na Ordem da Imaculada Conceição (concepcionistas), sediada no Convento da Lapa, cujo prédio ainda existe na capital baiana. O seu nome está ligado às guerras emancipacionistas do Brasil na Bahia, e as circunstâncias trágicas em que se deu a sua morte criaram condição para que a religiosa fosse considerada a primeira mártir da nossa Independência, sendo inserida, em julho de 2018, no *Livro dos Heróis e Heroínas da Pátria*. No dia 20 de fevereiro de 1822, o mencionado convento foi invadido por soldados portugueses que estavam no encalço de militares baianos que haviam se revoltado contra a nomeação do brigadeiro Iná-



Arquivo/FPMSCS



Rua Joana Angélica em foto da segunda metade da década de 1950. Destaque para o prédio que abrigou o Cine Planalto, inaugurado em 1956

cio Luís Madeira de Melo para o comando das Armas da Província da Bahia. Tendo se aquartelado no Forte de São Pedro, os militares revoltosos, em menor número e com pouca munição, puseram-se em fuga. Segundo consta, um desses grupos teria atravessado o Convento da Lapa para ganhar os subúrbios da capital baiana. Durante a perseguição, alguns soldados portugueses arrombaram o portão do convento, dirigindo-se ao

prédio da clausura das freiras e noviças. Para impedir a investida desses soldados, Joana Angélica se postou diante do portão, sendo violentamente golpeada. No centenário de sua morte, recebeu muitas homenagens. A avenida onde se encontra o Convento da Lapa, em Salvador, leva o seu nome. Em São Caetano, a religiosa também teve o seu nome dado a uma via pública. Trata-se da Rua Joana Angélica, situada no Bairro Barcelona.

Os jogos do Palestra Itália/Sociedade Esportiva Palmeiras em São Caetano do Sul

Renato Donisete Pinto

A *Società Sportiva Palestra Italia* foi fundada em 26 de agosto de 1914, realização do desejo dos italianos que queriam um clube de futebol que representasse a sua colônia em São Paulo. Por consequência de questões políticas da Segunda Guerra Mundial (1939-1945), em 1942 o clube passou a ser denominado Sociedade Esportiva Palmeiras. Uma linda trajetória de mais de 110 anos, representados por grandes conquistas, jogos e times memoráveis.

Pelo estilo de jogo refinado, ganhou o apelido de “Academia” nas décadas de 1960 e 1970. Ídolos como Oberdan Cattani, Velloso, Marcos, Junqueira, Dudu (Olegário Tolói de Oliveira), César Maluco, Waldemar Fiúme, Jair Rosa Pinto, Luís Pereira, César Sampaio, Amaral, Marcos Assunção e Felipe Melo demonstraram toda a sua categoria e dedicação ao Palmeiras em gramados sul-são-caetanenses.

Segundo registros do historiador da Sociedade Esporti-

va Palmeiras, Fernando Razzo Gallupo, a primeira vez que o Palestra Itália esteve em São Caetano do Sul (na época, um distrito de São Bernardo) para um jogo amistoso foi em 23 de janeiro de 1916. Resultado: São Caetano E.C. 1x5 Palestra Itália.

Já em 1921, no dia 7 de agosto, São Caetano E.C. 0x4 Palestra Itália. O equipe palestrina jogou com Coturri, Dabbatini e Lizzieri; Bover, Cassani e Cebolini I; Audini, Cebolini II, Pastore, Gobato e Campione I. Esse amistoso não consta na estatística do Almanaque do Palmeiras e nem nos registros do clube, pois a equipe era uma “espécie de segundo time do Palestra Itália que excursionava pelas cidades do interior paulista”. Esse time era denominado “Extra Palestra”.

No dia 22 de maio de 1938, outro amistoso: São Caetano E.C. 1x2 Palestra Itália. Essa partida ocorreu às 16 horas no Estádio Conde Francisco Matarazzo. A festa esportiva contou com as seguintes preliminares: 12h30,

os *ragazzi* do Juventus x São Caetano; 13h30, A.A. Matarazzo x Extra São Caetano; e, às 14h45, Pirelli F.C. x Cerâmica F.C.

São Caetano E.C. 0x1 Palestra Itália - Amistoso estadual, Estádio Conde Francisco Matarazzo, 15 de setembro de 1940. O Palestra jogou com Clodô, Nelson e Begliomini; Bahiano, De Lorenzo e David; Barcelona, Carioca, Elyseo, Zuza e Rolando. Técnico: Caetano de Domenico. Gol: Zuza.

Em 1941, o Palestra Itália visitou São Caetano em três oportunidades. No fim de junho e começo de julho, disputou duas partidas valendo a Taça Cavaleiro Ernesto Giuliano. A taça ficou com a equipe da capital paulista. Em novembro, retornou para outra partida amistosa:

São Caetano E.C. 2x2 Palestra Itália - Amistoso Estadual, Taça Cavaleiro Ernesto Giuliano, 29 de junho

de 1941, Estádio Conde Francisco Matarazzo. O São Caetano jogou com Manile, Tonin e Tito; Escovinha, Galet e Zezé; Juran- dir, Gomes (Marinotti), Tião, Badih e Mandico. Já o Palestra Itália atuou com Clodô, Carnera e Junqueira; Tunga, Nino e Barsotini; Echevarrieta, Canhoto, Macaco, Carioca e Machadinho. Técnico: Caetano de Domenico. Árbitro: José Alexandrino. Gols: Macaco (2) e Badhi no primeiro tempo; e Tonin (pênalti) no segundo tempo. Renda: 9:800\$000 (nove contos e oitocentos mil réis).

São Caetano E.C. 5x1 Palestra Itália - Amistoso Estadual, Taça Cavalheiro Ernesto Giuliano, 6 de julho de 1941, Estádio Conde Francisco Matarazzo. O Palestra jogou com Clodô (Gijo), Juarez e Begliomini (Junqueira); Pancho, Oliveira e Barsotini (Nino); Echevarrieta, Américo, Macaco, Lima e Pipi. Técnico: Caetano de Domenico. Árbitro: Edgard da Silva Marques. Gols: Echevarrieta (3) e Macaco no primeiro tempo; e Lima e Zezé no segundo tempo.

São Caetano EC 0x3 Palestra Itália - Amistoso Estadual, 9 de novembro de 1941, Estádio Conde Francisco Matarazzo. São Caetano foi a campo com Cláudio; Martorelli e Ciofi; Tunga, Calejo (Geraldo) e Escovinha; Juran- dir, Marinotti (Aurélio), Tião, Badih e Calu (Zezé). O Palestra Itália foi representado por Clodô; Junquei-

ra e Begliomini; Pancho, Sidney (Oliveira) e Del Nero; Ministri- nho, Gabardinho, Echevarrieta, Lima e Pipi (Macaco). Árbitro: Victor Carratu. Gols: Pipi e Echevarrieta no primeiro tempo; e Gabardinho no segundo tempo. Renda: 690\$000 (seiscentos e noventa mil réis)

No ano seguinte, em 21 de junho de 1942, o Palestra Itália voltou a São Caetano para um novo amistoso estadual. Jogou no Estádio Conde Francisco Matarazzo, representado pelos jogadores reservas. Resultado: São Caetano E.C. 1x3 Palestra Itália.

O ano de 1943 marca a primeira visita da equipe da capital com a denominação de Sociedade Esportiva Palmeiras. Muitos jogos ocorreram desde então, celebrando o esporte e a cultura. Acompanhe:

São Caetano E.C. 1x1 S.E. Palmeiras - Amistoso Estadual, 24 de janeiro de 1943, Estádio Conde Francisco Matarazzo. São Caetano: Claudio, Guimarães (Toni) e Bergamo; Albino (Escovinha), Calejo e Galet; Juran- dir, Batista, Tião, Badih e Novelli. Palmeiras: Oberdan; Celestino e Manduco; Zezé Procópio, Og Moreira e Gengo; Ministrinho, Waldemar Fiúme, Villadoniga, Lima e Pipi (Cabeção). Técnico: Del Debbio. Árbitro: Rodolfo Wenzel. Gols: Og Moreira, aos 26, e Juran- dir, aos 36 minutos do primeiro tempo. Renda: Cr\$8.345,00 (oitomil e trezentos e quarenta e cinco cruzeiros).

São Caetano E.C. 3x6 S.E. Palmeiras - Amistoso Estadual, 1 de maio de 1947, Estádio Conde Francisco Matarazzo. Esse amistoso fez parte das festividades do 33º aniversário do São Caetano Esporte Clube. O Palmeiras veio representado por um time de aspirantes.

Na década de 1950, o Palmeiras enfrentou a nova agremiação de São Caetano do Sul: a Associação Atlética São Bento. Além de jogos amistosos, começam a ser realizadas partidas pelo Campeonato Paulista. Em jogo amistoso valendo o Troféu Oberdan de Nicola, a equipe alviverde aplicou uma goleada na A.A. São Bento no novo Estádio Municipal. Esse jogo fez parte da programação de festejos dos 78 anos de São Caetano do Sul.

A.A. São Bento 0x5 S.E. Palmeiras - Amistoso, 28 de julho de 1955, Estádio Municipal Anacleto Campa- nella. Jogaram pelo São Bento: Arlindo (Ceri), Elpídio e Lamparina; Clovis, Savério e Diogo; Lino (Gibi), Zé Carlos, Bota, Dema e Chuna. Pelo Palmeiras: Laércio, Manoelito e Mário; Nicolau, Waldemar Fiúme (Belmiro) e Dema (Gersio); Elzo (Renato), Liminha (Fernando), Nei, Ivan e Rodrigues. Técnico: Cláudio Cardoso. Árbitro: Abílio Ramos. Gols: Nicolau, aos 7 e aos 9, e Ivan, aos 35 minutos do primeiro tempo; Nei, aos 5, e Nicolau, aos 42 minutos do segundo tempo. Renda: Cr\$ 91.265,00 (noventa e um mil e duzentos e sessenta e cinco cruzeiros).



Acervo/Aldo Malagoli



O goleiro Aldo realizando uma defesa, observado pelo atacante Mazzola. Foto de 9 de setembro de 1956



Acervo/ FPMSCS



Equipe da S.E. Palmeiras no Estádio Lauro Gomes de Almeida. Em pé, da esquerda para a direita: Zeca, Eurico, Luís Pereira, Nelson, Dudu e Neuri. Agachados: Edu, Cardoso, César, Cabralzinho e Pio. Foto de 15 de fevereiro de 1970



Acervo/Diário do Grande ABC
Foto/Rivaldo Gomes



Registro do jogo entre Palmeiras e América de São José do Rio Preto, válido pela Copa Bandeirantes. Foto de 26 de julho de 1994

Após um mês do amistoso, a Sociedade Esportiva Palmeiras retornaria a São Caetano do Sul para disputar um jogo oficial, válido pelo primeiro turno do Campeonato Paulista.

A.A. São Bento 2x4 S.E. Palmeiras – Campeonato Paulista, 28 de agosto de 1955, Estádio Municipal Anacleto Campanella. Atuaram pelo São Bento: Arlindo (Cerri), Elpídio e Lamparina; Clovis, Savério e Diogo; Lino (Gibi), Zé Carlos, Bota, Dema e Chuna. Pelo Palmeiras: Laércio, Manoelito e Mário; Nicolau, Waldemar Fiúme e Gérσιο; Elzo, Humberto, Liminha e Jair da Rosa Pinto e Rodrigues. Técnico: Cláudio Cardoso. Árbitro: Mário Vianna. Gols: Rodrigues, aos 8 e aos 15 minutos, e Jair da Rosa Pinto, aos 43 do primeiro tempo; Jair da Rosa Pinto, aos 3, Bota, aos 7, e Geraldo, aos 30 minutos do segundo tempo. Renda: Cr\$ 126.010,00 (cento e vinte e seis mil e dez cruzeiros).

No ano seguinte, 1956, São Bento e Palmeiras se enfrentariam mais duas vezes em São Caetano do Sul. Pelo turno classificatório ficaram no empate.

A.A. São Bento 0x0 S.E. Palmeiras – Campeonato Paulista, 9 de setembro de 1956, Estádio Municipal Anacleto Campanella. Escalação do São Bento: Aldo; Elpídio e Savério; Maurinho, Rubens de Almeida e Diogo; Zé Carlos, Vicente, Bota, Dema e Varca. Téc-

nico: Álvaro Nahum. Jogaram pelo Palmeiras: Nivaldo; Dema e Antoninho; Waldemar Fiúme, Waldemar Carabina e Gérσιο; Renato, Mazzola, Nestor, Ivan e Colombo. Técnico: Aymoré Moreira. Árbitro: Assunção Pereira. Renda: Cr\$ 339.360,00 (trezentos e trinta e nove mil e trezentos e sessenta cruzeiros).

Dois meses depois, num domingo à tarde, vitória palmeirense em jogo válido pelo segundo turno do Campeonato Paulista. Na preliminar, jogos dos juvenis: São Bento 1x3 Palmeiras.

A.A. São Bento 0x1 S.E. Palmeiras – Campeonato Paulista, 9 de dezembro de 1956, Estádio Municipal Anacleto Campanella. Atuaram pelo São Bento: Aldo; Antoninho e Savério; Maurinho, Rubens de Almeida e Diogo; Marinho, Zé Carlos, Bota, Dema e Osvaldo. Pelo Palmeiras: Nivaldo; Dema e Martim; Waldemar Fiúme, Waldemar Carabina e Gérσιο, Nestor, Ney, Nardo, Ivan e Colombo. Técnico: Aymoré Moreira. Árbitro: Antonio Musitano. Gol: Nardo, aos 4 minutos do primeiro tempo. Renda: Cr\$ 119.190,00 (cento e dezenove mil e cento e noventa cruzeiros).

Em 1965, o Palmeiras enfrentaria o Atlético Vila Alpina, agremiação que, na época, disputava a Terceira Divisão do Campeonato Paulista.

Atlético Vila Alpina 2x5 S.E. Palmeiras –

Amistoso Estadual, 30 de maio de 1965, Estádio Municipal Lauro Gomes de Almeida. Vila Alpina: Pinduca (Fuzil); Anhê (Schank), Washington e Martins (Canhoto); Cica e Vlade (Nego); Ney (Paulinho), Norberto, Jarcy, Borges (Oda) e Baltazar (Jair). Palmeiras: Picasso (Silvio); Nelson (Ferrari) e (Paulo); Santo (Minuca) e Geraldo (Zé Carlos); Zéquinha (Pires) e Waldemar (Tarciso); Antoninho (Copeu), Servílio (Caravetti), Tupanzinho (Juarez), Julio Amaral e Germano (Zezinho). Árbitro: Domingos Barreiro Filho. Gols: Tupanzinho (dois gols), Servílio, Antoninho e Copeu para o Palmeiras; Nei e Washington para o Vila Alpina. Renda: Cr\$ 5.685.000,00 (cinco milhões e seiscentos e oitenta e cinco mil cruzeiros).

Em 1970, o Palmeiras veio até São Caetano do Sul disputar um jogo amistoso com o Saad Esporte Clube. Destaque para a presença dos ídolos Luís Pereira, Dudu e César Maluco. Esse jogo marcou a reabertura do Estádio Municipal, que estava em reformas. O jogo foi encerrado pelo árbitro aos 38 minutos da segunda etapa em função da forte chuva. Na preliminar, foram realizados dois jogos: equipe mista do Saad E.C. 1x1 Seleção de São Caetano do Sul e Volkswagen Clube 1x1 São Cristóvão (Dente de Leite).

Saad E.C. 1x1 S.E. Palmeiras – Amistoso Estadual, 15 de fevereiro de 1970, Estádio Municipal Lauro Go-

mes de Almeida. O Saad atuou com: Fininho; Roberto, Verissimo, Caxias e Tinoco; Nelson e Coppini; Fernandes, Angelo (Capelosa), Arlindo (Carlos) e Valdir. Escalação do Palmeiras: Neuri; Eurico, Luís Pereira, Nelson e Zeca; Dudu e Cabralzinho (Zé Carlos); Edu (Jaime), Cardosinho, César e Pio (Serginho). Técnico: Rubens Minelli. Árbitro: José Favile Neto, auxiliado por João Janandis e Irineu Mendes Barbosa. Gols: Cardosinho, aos 9 minutos do primeiro tempo, e Valdir, aos 35 minutos do segundo tempo. Renda: NCr\$17.000,00 (dezesete mil cruzeiros novos), 3.400 pagantes.

Em 1989, a cidade não contava com uma equipe no futebol profissional. Dessa forma, aconteceu um jogo amistoso entre a seleção amadora de São Caetano do Sul (reforçada pelo consagrado zagueiro Luís Pereira) e a Sociedade Esportiva Palmeiras. Esse jogo fez parte das festividades em comemoração do aniversário do município. Numa tarde chuvosa, repleta de ídolos do futebol, a goleada palmeirense só não foi maior, pois o atacante Gaúcho desperdiçou duas cobranças de pênalti.

Seleção Amadora de São Caetano do Sul 1x6 S.E. Palmeiras – Amistoso Estadual, 28 de julho de 1989, Estádio Municipal Anacleto Campanella. A seleção de São Caetano foi para campo com Melecão (Hudson); Fininho, Luís Pereira (Ademir), Robertinho e Amaral; Zé Carlos, Osmir

e Israel; Duda, Tite e Alexandre (Vaninho). Já o Palmeiras atuou com Velloso; Diogo, Toninho, Dario Pereyra (Murilo) e Dida; Celso Gomes, Careca (Eduardo) e Edu (Eraldo); Mauricinho (Buião), Gaúcho e Paulinho (Bandeira). Técnico: Tata (interino). Árbitro: Valter Borges de Queiróz. Gols: Diogo (contra), aos 16 minutos, Careca Bianchessi, aos 18, Mauricinho aos 21 e 31 minutos do primeiro tempo. Diogo, aos 21 minutos; Eduardo, aos 25, e Dida, fechando a goleada, aos 30 minutos do segundo tempo. Público: 6.480 pessoas.

No final do ano de 1991, a A.D. São Caetano fez um jogo comemorativo e recebeu do Palmeiras a faixa de campeão paulista da Segunda Divisão.

A.D. São Caetano 0x4 S.E. Palmeiras – Amistoso estadual, 11 de dezembro de 1991, Estádio Municipal Anacleto Campanella. São Caetano jogou com Serginho (Cavani); Cacá (Forlan), Luís Pereira, Daniel (Luiz Carlos) e Wladimir (Carlinhos); Tião, Osmir (Marcão) e Lívio (Giba); Paulinho (Guina), Agnaldo e Chaleu (Marcos Cruz). Técnico: Deodoro. Palmeiras atuou com Ivan (Velloso); Odair, Eduardo, Andrei e Dida; César Sampaio (Galeano), Betinho (César); Edu Marangon e Erasmo (Lima); Wágner e Márcio. Técnico: Nelsinho Baptista. Árbitro: José Sidney Esteves. Gols: Andrei (pênalti), aos 17, e Edu Marangon, aos 35 minutos do

primeiro tempo; César, aos 2, e Márcio, aos 7 minutos do segundo tempo.

Jogo realizado em São Caetano do Sul, válido pela Copa Bandeirantes.

S.E. Palmeiras 0x0 América F.C. – Copa Bandeirantes, 26 de julho de 1994, Estádio Municipal Anacleto Campanella. Palmeiras: Velloso; Gil Baiano, Tonhão, Alexandre Rosa e Biro; Flávio Conceição, Amaral, Macula e Jean Carlo; Juari (Beto) e Sorato. Técnico: Niltinho Barbosa. América: Neneca; Renato Cruz, Renato Carioca, Ivanildo e Cléber Pereira; Sérgio Carioca, Negão, Roberto Alves (Wellington) e Edson; Coutinho (Cleyton) e Cléber. Técnico: João Carlos. Árbitro: Edmundo Lima Filho. Renda: R\$ 1.945,00 (mil e novecentos e quarenta e cinco reais). Público: 438 pagantes.

Jogo de ida válido pelas oitavas de final da Taça Libertadores da América. Na semana seguinte, no jogo de volta realizado no Parque Antarctica, o Palmeiras venceria no tempo normal e se classificaria nos pênaltis.

A.D. São Caetano 1x0 S.E. Palmeiras – Libertadores da América, 9 de maio de 2001, Estádio Municipal Anacleto Campanella. São Caetano foi a campo com Sílvio Luiz; Fabinho, Daniel, Serginho e Nelsinho; Simão, Adãozinho, Márcio Griggio (Marlon) e Aílton (Vinícios); Wágner e Sinval



Foto/Voji Agata/PMSCS



S.E. Palmeiras no Estádio Anacleto Campanella. Em pé, da esquerda para a direita: Marquinhos, Marcos, Leonardo, Pedro, Índio e Claudécir. Agachados: Magrão, Anselmo, Adãozinho, Zinho e Munõz. Foto de 26 de fevereiro de 2003



Acervo/Diário do Grande ABC
Foto/André Henriques



Momento do chute do atacante Marcinho contra a meta do goleiro Marcos, acompanhado pelo defensor Corrêa. Foto de 23 de abril de 2005



Acervo/Diário do Grande ABC
Foto/Claudinei Plaza



O goleiro Marcos defendendo uma cabeçada do atacante Somália, observado pelo zagueiro David. Foto de 25 de fevereiro de 2007

(Romualdo). Técnico: Jair Picerni. O Palmeiras jogou com Marcos; Arce, Alexandre, Leonardo e Felipe (Basílio); Galeano, Magrão, Lopes, Alex e Tupã (Taddei); Fábio Júnior. Técnico: Celso Roth. Árbitro: Alfredo dos Santos Loebeling. Gol: Marlon, aos 35 minutos do segundo tempo.

Vitória do São Caetano com um gol no finalzinho. Jogo válido pela primeira fase do Campeonato Brasileiro, realizado numa quinta-feira à noite, em véspera de feriado nacional.

A.D. São Caetano 1x0 S.E. Palmeiras – Campeonato Brasileiro, 6 de setembro de 2001, Estádio Municipal Anacleto Campanella. São Caetano: Sílvio Luiz; Júlio César, Daniel, Dininho e Marcos Paulo; Serginho, Simão, Adãozinho (Bechara) e Esquerdinha; Anáilson (Marlon) e Magrão (Müller). Técnico: Jair Picerni. Palmeiras: Sérgio, Daniel Martins, Alexandre, Thiago Mathias e Rovilson (Juninho); Galeano, Taddei (Tite) e Flávio (Donizete); Lopes e Pedrinho; Fábio Júnior. Técnico: Celso Roth. Árbitro: Alfredo dos Santos Loebeling. Gol: Bechara (pênalti), aos 40 minutos do segundo tempo. Ocorrências: Lopes e Serginho expulsos de jogo aos 25 minutos do primeiro tempo; e Marcos Paulo expulso aos 2 minutos do segundo tempo. Renda: R\$ 69.873,00 (sessenta e nove mil e oitocentos e setenta e três reais). Público: 8.754 pagantes.

Um grande clássico do futebol brasileiro realizado no Estádio Anacleto Campanella, válido pela semifinal do Supercampeonato Paulista.

S.E. Palmeiras 0x2 São Paulo F.C. – Supercampeonato Paulista, 19 de maio de 2002, Estádio Municipal Anacleto Campanella. Palmeiras: Sérgio; Taddei, Alexandre, César e Misso; Paulo Assunção, Célio, Magrão (Juninho) e Lopes (Pedro); Christian (Itamar) e Muñoz. Técnico: Vanderlei Luxemburgo. São Paulo: Roger; Rafael, Reginaldo (Emerson) e Jean; Gustavo Nery, Maldonado, Fábio Simplício, Lúcio Flávio (Julio Baptista) e Adriano; Reinaldo e Dill (Sandro Hiroshi). Técnico: Oswaldo de Oliveira. Árbitro: Romildo Corrêa. Gols: Reinaldo, aos 40, e Fábio Simplício, aos 48 minutos do segundo tempo.

Vitória palmeirense nas quartas-de-final do Campeo-

nato Paulista com um fato interessante: os ídolos do Azulão – Adãozinho, Claudécir e Magrão – e o técnico Jair Picerni defendendo as cores do Verdão.

A.D. São Caetano 0x2 S.E. Palmeiras – Campeonato Paulista, 26 de fevereiro de 2003, Estádio Municipal Anacleto Campanella. São Caetano: Sílvio Luiz; Rafael, Serginho, Dininho e Zé Carlos; Ramalho (Marlon), Marco Aurélio (Mineiro), Fábio Santos e Capixaba; Adhemar (Anáilson) e Marcinho. Técnico: Mário Sérgio. Palmeiras: Marcos, Pedro, Índio, Leonardo e Marquinhos; Adãozinho, Claudécir, Magrão e Zinho (Côrrea); Muñoz (Everaldo) e Anselmo (Thiago Gentil). Técnico: Jair Picerni. Árbitro: Sálvio Spínola Fagundes Filho. Gols: Thiago Gentil, aos 8 e aos 42 minutos do segundo tempo. Ocorrências: Pedro expulso de jogo aos 35 minutos do primeiro tempo; no segundo tempo, expulsos Claudécir aos 17 minutos e Rafael aos 21.

Quase quatro mil torcedores presenciaram a boa vitória do São Caetano na fase seletiva deste torneio internacional.

A.D. São Caetano 3x0 S.E. Palmeiras – Copa Sul-Americana, 30 de julho de 2003, Estádio Municipal Anacleto Campanella. São Caetano: Sílvio Luiz; Gustavo, Serginho, Dininho; Marlon (Thiago), Marcelo Mattos, Mineiro, Capixaba e Zé Carlos; Marcinho (Mateus) e Adhemar (Warley). Técnico: Nelsinho Baptista. Palmeiras: Marcos, Leonardo, Alceu e Adãozinho; Corrêa (Francis), Marcinho e Lúcio; Magrão e Pedrinho; Anselmo (André) e Thiago Gentil (Edmilson). Técnico: Jair Picerni. Gols: Adhemar, aos 30 minutos, e Gustavo, aos 45 do primeiro tempo; Mineiro, aos 37 minutos do segundo tempo. Renda: R\$ 29.022,00 (vinte e nove mil e vinte e dois reais). Público: 3.966 pagantes.

Jogo da primeira fase do Campeonato Paulista, ano em que o São Caetano se tornaria

campeão. Esse jogo marcou a estreia do técnico Muricy Ramalho no comando do Azulão.

A.D. São Caetano 1x0 S.E. Palmeiras – Campeonato Paulista, 21 de fevereiro de 2004, Estádio Municipal Anacleto Campanella. São Caetano: Sílvio Luiz; Ânderson Lima, Dininho, Gustavo e Zé Carlos; Marcelo Mattos, Mineiro, Gilberto e Marcinho (Somália); Warley (Lúcio Flávio), Fabrício Carvalho (Thiago). Técnico: Muricy Ramalho. Palmeiras: Marcos, Nen, Leonardo e Corrêa; Baiano, Magrão, Diego Souza e Lúcio (Rafael Marques); Pedrinho; Vágner Love e Adriano Chuva. Técnico: Jair Picerni. Árbitro: Anselmo da Costa. Gol: Mineiro, aos 11 minutos do primeiro tempo. Ocorrência: Gustavo foi expulso de jogo aos 42 minutos do primeiro tempo. Renda: R\$ 52.725,00 (cinquenta e dois mil e setecentos e vinte e cinco reais). Público: 5.130 pagantes.

Num domingo à tarde, mais de 6 mil torcedores compareceram ao estádio municipal a fim de acompanhar o empate em jogo válido pelo primeiro turno do Brasileirão.

A.D. São Caetano 1x1 S.E. Palmeiras – Campeonato Brasileiro, 20 de junho de 2004, Estádio Municipal Anacleto Campanella. São Caetano: Sílvio Luiz; Ânderson Lima, Dininho, Serginho e Triguinho; Marcelo Mattos, Mineiro, Gilberto e Lúcio Flávio (Anaílson); Euller e Fabrício Carvalho (Warley). Técnico: Muricy Ramalho. Palmeiras: Sérgio, Gabriel e Nen; Marcinho, Baiano, Corrêa e Lúcio; Magrão e Adãozinho (Élson); Thiago Gentil, (Diego Souza) e Vágner Love. Técnico: Estevam Soares. Árbitro: Luís Marcelo Vicentin Cansian. Gols: Fabrício Carvalho, aos 16 minutos do primeiro tempo; e Magrão, aos 9 minutos do segundo tempo. Ocorrência: Élson e Dininho expulsos de jogo aos 44 minutos do segundo tempo. Renda: R\$ 69.931,00 (sessenta e nove mil e novecentos e trinta e um reais). Público: 6.352 pagantes.

Vitória do São Caetano no Campeonato Paulista, que foi garantida pelo goleiro Sílvio Luiz, defendendo com os pés uma cobrança de pênalti realizada pelo atacante Warley.

A.D. São Caetano 1x0 S.E. Palmeiras – Campeonato Paulista, 30 de janeiro de 2005, Estádio Municipal Anacleto Campanella. São Caetano: Sílvio Luiz; Ceará, Thuran (Alessandro), Thiago e Triguinho; Zé

Luís, Raulen, Paulo Miranda (Márcio Senna) e Marcinho; Neto Mineiro e Anaílson (Edu Salles). Técnico: Zetti. Palmeiras: Marcos; André Cunha (Adriano Chuva), Gabriel, Nen e Lúcio; Corrêa, Magrão, Claudedir (Christian) e Diego Souza; Marcel (Ricardinho) e Warley. Técnico: Estevam Soares. Árbitro: Luís Marcelo Vicentin Cansian. Gol: Marcinho, aos 42 minutos do primeiro tempo. Renda: R\$ 82.240,00 (oitenta e dois mil e duzentos e quarenta reais). Público: 8.366 pagantes.

Jogo marcado pelo empate do Palmeiras no finalzinho da partida válida pelo Campeonato Brasileiro.

A.D. São Caetano 2x2 S.E. Palmeiras – Campeonato Brasileiro, 23 de abril de 2005, Estádio Municipal Anacleto Campanella. São Caetano: Sílvio Luiz; Alessandro (Pingo), Douglas, Thiago e Triguinho; Raulen, Zé Luís, Paulo Miranda e Marcinho; Fábio Pinto (Anaílson) e Márcio Mixirica (Neto Mineiro). Técnico: Estevam Soares. Palmeiras: Marcos; Nen, Daniel (Alceu) e Gláuber; Corrêa, Marcinho, Magrão, Juninho Paulista e Lúcio; Osmar (Cristhian) e Ricardinho (Warley). Técnico: Paulo Bonamigo. Árbitro: Cléber Wellington Abade. Gols: Osmar, aos 13 minutos do primeiro tempo; no segundo tempo, gols de Fábio Pinto, aos 7 minutos, Marcinho, aos 42, e Warley, aos 43 minutos. Renda: R\$ 31.426,00. (trinta e um mil e quatrocentos e vinte e seis reais). Público: 3.800 pagantes.

Partida válida pela quarta rodada do Campeonato Brasileiro.

A.D. São Caetano 2x0 S.E. Palmeiras – Campeonato Brasileiro, 7 de maio de 2006, Estádio Municipal Anacleto Campanella. São Caetano: Luiz; Ânderson Lima, Gustavo (Luizão), Thiago e Cláudio; Zé Luís, Marabá, Rafael Muçamba e Élton (Leandro Lima); Marcelinho (Rodrigo) e Wellington Amorim. Técnico: Nelsinho Baptista. Palmeiras:

Sérgio; Ilsinho, Thiago Gomes, Leonardo Silva e Michael; Reinaldo (Ricardinho), Corrêa, Roger e Cristian (Francis); Muñoz e Enílton (Alex Afonso). Técnico: Marcelo Vilar. Árbitro: Wagner Tardelli Azevedo. Gols: Marabá, aos 34, e Élton, aos 37 minutos do primeiro tempo. Renda: R\$ 42.979,00 (quarenta e dois mil e novecentos e setenta e nove reais). Público: 3.918 pagantes.

Vitória palmeirense no Campeonato Paulista, em jogo que ficou paralisado por 11 minutos, em função de uma forte chuva no Estádio Anacleto Campanella.

A.D. São Caetano 1x2 S.E. Palmeiras – Campeonato Paulista, 25 de fevereiro de 2007, Estádio Municipal Anacleto Campanella. São Caetano: Luiz; Paulo Sérgio, Thiago, Maurício e Triguinho; Muçamba, Glaydson (Douglas), Sopa (Marabá) e Canindé; Leandro Lima (Marcelinho) e Somália. Técnico: Dorival Júnior. Palmeiras: Marcos; Wendel, Edmílson, David e Leandro; Pierre (Thiago Gomes), Martinez, Francis e Valdívia (Cristiano); William (Caio) e Alemão. Técnico: Caio Júnior. Árbitro: Cléber Wellington Abade. Gols: Alemão, aos 47, e Canindé, aos 53 minutos do primeiro tempo. William, aos 16 minutos do segundo tempo. Renda: R\$ 87.611,00 (oitenta e sete mil e seiscentos e onze reais). Público: 6.525 pagantes.

Jogo válido pelo Campeonato Paulista, marcado por muitos gols

e pela superação do Palmeiras em reverter o placar que chegou a estar 2 a 0 para o São Caetano.

A.D. São Caetano 3x4 S.E. Palmeiras – Campeonato Paulista, 25 de fevereiro de 2009, Estádio Municipal Anacleto Campanella. São Caetano: Luiz; Amarildo, Marcos Aurélio e Marcelo Batatais; Gerson (Betinho), Vando, Diogo Orlando, Ademir Sopa e Vandinho; Luan e Tuta (Everton Ribeiro). Técnico: Vadão. Palmeiras: Marcos; Marcão, Edmilson e Maurício Ramos; Fabinho Capixaba, Pierre, Cleiton Xavier (Jumar), Diego Souza (Sandro Silva) e Armero; Willians (Lenny) e Keirrison. Técnico: Vanderlei Luxemburgo. Árbitro: Philippe Lombard. Gols: Luan, aos 3 minutos, Marcelo Batatais, aos 9, Keirrison, aos 12 e aos 46, Edmílson, aos 23, e Diego Souza, aos 31 minutos do primeiro tempo; Vandinho, aos 34 minutos do segundo tempo. Renda: R\$ 133.620,00 (cento e trinta e três mil e seiscentos e vinte reais). Público: 5.456 pagantes.

Com um bom público, o goleiro palmeirense Deola garantiu o empate com excelente atuação.

A.D. São Caetano 1x1 S.E. Palmeiras – Campeonato Paulista, 20 de março de 2011, Estádio Municipal Anacleto Campanella. São Caetano: Luiz; Jean, Anderson Marques e Thiago Martinelli; Artur, Augusto Recife, Walter Minhoca (Kléber), Bruno Re-

cife e Aílton (Henrique Dias); Antonio Flávio (Luciano Mandi) e Eduardo. Técnico: Ademir Fonseca. Palmeiras: Deola; Cichinho (Chico), Danilo, Thiago Heleno e Gabriel Silva; Márcio Araújo, Marcos Assunção, Luan (Max) e Patrik; Kléber e Adriano (Tinga). Técnico: Luiz Felipe Scolari. Árbitro: Guilherme Cereta de Lima. Gols: Kléber, aos 6 minutos, e Artur, aos 36 do primeiro tempo. Ocorrências: Anderson Marques e Thiago Heleno expulsos de jogo. Renda: R\$ 275.850,00 (duzentos e setenta e cinco mil e oitocentos e cinquenta reais). Público: 9.527 pagantes.

Jogo válido pelo Campeonato Paulista. Destaque para a presença do campeão mundial pela seleção brasileira de 2002 Rivaldo, com a camisa do São Caetano – inclusive foi Rivaldo quem fez o passe para o gol do Éder. Infelizmente, o São Caetano foi rebaixado para a Série A2 no final do campeonato.

A.D. São Caetano 1x1 S.E. Palmeiras – Campeonato Paulista, 17 de março de 2013, Estádio Municipal Anacleto Campanella. São Caetano: Fábio; Samuel Xavier, Bruno Aguiar, Eli Sabiá e Diego; Fabinho, Moradei, Éder (Samuel Santos) e Rivaldo (Pedro Carmona); Geovane (Eduardo) e Danielzinho. Técnico: Aílton Silva. Palmeiras: Fernando Prass; Weldinho, Maurício Ramos, Henrique e Marcelo Oliveira; Vílson, Márcio Araújo,



Arquivo/Diário do Grande ABC
Foto/Claudio Inel Plaza



Felipe Melo disputando a bola no meio de campo, acompanhado pelo meia Gustavo Scarpa. Foto de 28 de janeiro de 2019

Wesley e Patrick Vieira (Thiago Real); Vinicius (Leandro) e Kleber (Caio). Técnico: Gilson Kleina. Árbitro: Márcio Henrique de Góis. Gols: Eder, aos 40 minutos do primeiro tempo, e Leandro, aos 3 minutos do segundo tempo. Renda: R\$ 85.120,00 (oitenta e cinco mil e cento e vinte reais). Público: 2.360 pagantes.

Jogo válido pela Série B do Campeonato Brasileiro. Os pontos conquistados nessa vitória ajudaram o Palmeiras a se tornar o campeão e retornar à elite do Brasileiro de 2014.

São Caetano 1x2 S.E. Palmeiras – Campeonato Brasileiro – Série B, 6 de agosto de 2013. Estádio Municipal Anacleto Campanella. São Caetano: Rafael; Samuel Santos, Douglas Grolli, Fred e Diego; Moradei (Eder), Pirão (Jael), Wagner Carioca e Danilo Bueno; Giancarlo e Geovane (Siloé). Técnico: Marcelo Veiga. Palmeiras: Fernando Prass; Luís Felipe, Henrique, Vilson e Juninho; Márcio Araújo, Wesley e Men-

dieta (Felipe Menezes); Ananias (Marcelo Oliveira), Leandro (André Luiz) e Alan Kardec. Técnico: Gilson Kleina. Árbitro: Flávio Rodrigues Guerra. Gols: Geovane, aos 22 minutos do primeiro tempo; Alan Kardec, aos 10, e Henrique, aos 14 do segundo tempo. Renda: R\$178.920,00 (cento e setenta e oito mil e novecentos e vinte reais). Público: 3.960 pagantes.

O confronto mais recente entre as duas equipes realizado em São Caetano do Sul, válido pelo Campeonato Paulista. Novamente o São Caetano amargou novo rebaixamento no fim do certame.

São Caetano 0x2 Palmeiras – Campeonato Paulista, 28 de janeiro de 2019, Estádio Municipal Anacleto Campanella. São Caetano: Jaconson; Alex Reinaldo, Joécio, Max e Marquinhos (Bruno Mezenga); Pablo, Vinicius Kiss, Cristian (Ferreira), Capa e Diego Rosa; Rafael Marques (Minho). Técnico: Pintado. Palmeiras: Jailson; Mayke, Luan, Gustavo Gómez e Diogo Barbosa; Felipe

Melo, Moisés (Bruno Henrique) e Lucas Lima; Carlos Eduardo (Felipe Pires), Dudu (Scarpa) e Borja. Técnico: Luiz Felipe Scolari. Árbitro: Vinicius Gonçalves Dias Araújo. Gols: Borja, aos 13 minutos do primeiro tempo, e Luan, aos 16 minutos do segundo tempo. Renda: R\$ 340.250,00 (trezentos e quarenta mil e duzentos e cinquenta reais). Público: 7.584 pagantes.

Referências Bibliográficas

- BASSAN, Thiago. Azulão patina diante do Palmeiras e continua ameaçado no Paulista. *Diário do Grande ABC*, 18 mar. 2013.
BORBA, Marco. Azulão é nocauteado no 2º round. *Diário do Grande ABC*, 7 ago. 2013.
_____. São Deola evita vitória do Azulão. *Diário do Grande ABC*, 21 mar. 2011.
CÂNDIDO, Edécio. Time empata outra na Copa Bandeirantes. *Diário do Grande ABC*, 27 jul. 1994, p. 13.
CORINTIANS e Palmeiras foram os vencedores dos amistosos de ontem. *Folha de São Paulo*, 29 jul. 1955.
CRISTOFANI, Anayl. Azulão arrisca mais e faz 3 no Palmeiras pela Sul-Americana. *Diário do Grande ABC*, 31 jul. 2003.
_____. Azulão mantém Palmeiras em último. *Diário do Grande ABC*, 8 mai. 2006.
_____. Azulão mostra a garra. *Diário do Grande ABC*, 10 mai. 2001.
_____. Azulão vence o Palmeiras na estreia de Muricy. *Diário do Grande ABC*, 22 fev. 2004.
_____. S. Caetano desbanca o líder. *Diário do Grande ABC*, 7 set. 2001.
_____. S. Caetano para na 'sombra'. *Diário do Grande ABC*, 21 jun. 2001.
DEFENDENDO-SE a ferro e a fogo os "PERIQUITOS" escaparam da derrota. Última hora, 10 set. 1956, p. 4, 2º caderno.
GALUPPO, Fernando Razzo. *Almanaque da presença italiana no futebol brasileiro*. São Paulo: Garça Livros, 2024.
MACÁRIO, Daniel. São Caetano joga mal e cai, em casa, para o Palmeiras. *Diário do Grande ABC*, 28 jan. 2019.
MEDICI, Ademir. *Uma história de campeonos: os 89 anos do São Caetano Esporte Clube*. São Caetano: São Caetano Esporte Clube, 2003.
PALMEIRAS e São Caetano empataram. *Correio Paulistano*, 26 jan. 1943.
RAMOS, Raphael. Azulão vacila e deixa escapar a vitória na estreia no Brasileiro. *Diário do Grande ABC*, 24 abr. 2005.
SAAD "parou" o campeão do Brasil em São Caetano. *Diário do Grande ABC - News Selter*, 17 fev. 1970, p. 9.
SHOW do Palmeiras diante do Vila Alpina valente: 5x2. *Jornal de São Caetano*, 5 jun. 1965.
TARSO, Paulo de. Palmeiras faz seis na seleção de São Caetano. *Diário do Grande ABC*, jul. 1989.
UM tento de nardo deu vitória ao Palmeiras... *O Esporte*, 10 dez. 1956, p. 3.
UNZELTE, Celso Dario e VENDITTI, Mário Sérgio. *Almanaque do Palmeiras*. Editora Abril, 2005.
VALENTIM, Nilton. Azulão abre vantagem, mas zaga entrega e Verdão festeja. *Diário do Grande ABC*, 26 fev. 2009.
_____. Marcos fecha o gol e Azulão morre na praia outra vez. *Diário do Grande ABC*, 27 fev. 2003.
_____. Sílvio Luiz é herói na vitória do Azulão. *Diário do Grande ABC*, 31 jan. 2005.

Agradecimentos: Fernando Razzo Galuppo e Julia Rocha Ferreira (Banco de Dados/DGABC).

Renato Donisete Pinto

é pedagogo e professor de Educação Física. Membro da Academia Popular de Letras de São Caetano do Sul e do Memofut (grupo de Literatura e Memória do Futebol). É autor do livro *Fanzine na Educação* (Marca de Fantasia, 2013) e coautor do *Almanaque do Saad Esporte Clube* (Edição dos Autores, 2019). Participou da antologia *Bola na Rede* (InHouse, 2023).

Meus colegas notáveis

Angelo Honorato Zucato



Campus da Escola de Engenharia do Instituto Mauá de Tecnologia em São Caetano do Sul. Foto da década de 1960



Grupo de calouros do Instituto Mauá

No início, o esporte era uma brincadeira; antes e nos intervalos das aulas do Ginásio, o basquete oferecia amigos, desafios e me tornava conhecido entre os pares.

Passou a ser uma atividade disciplinada quando integrei o time infantil e juvenil da General Motors Esporte Clube. Os treinamentos, às terças e quintas, com jogos oficiais nos fins de semana, aguçavam ainda mais o espírito competitivo.

No Tiro de Guerra, sim... como a maioria de minha geração, cumpri os dez meses de aprendizado para reservista, atenuados por passar boa parte desse período treinando com a equipe de basquete para competição nacional.

Na faculdade, não foi diferente. De simples *bicho*, logo na primeira peneira feita pelos veteranos “Valente” e “Cebolinha”, tornei-me um privilegiado por fazer parte da equipe que disputaria o tradicional campeonato entre as faculdades de Engenharia.

Realmente o time era bom. Como capitão, lembro-me ainda de alguns nomes, mas ficou marcado na memória o Celsinho, nosso pivô.

Em jogo de decisão, extremamente conturbado no ginásio do Pacaembu lotado, com as torcidas acirradas e o placar empatado, Celsinho recebe falta a segundos da conclusão do jogo.

Em meio ao tumulto e ovação, Celsinho estava tenso, beirando o desequilíbrio emocional por ter a partida em suas mãos... Sempre vibrei muito em quadra, e talvez esse seja o motivo de terem me colocado como capitão. Ato contínuo, joguei toda a energia que tinha no momento, chacoalhando seus ombros até sua recomposição emocional.

E levantamos a taça!

Segui Engenharia Mecânica, e Celso, a Civil; nossos encontros, de parques, tornaram-se remotos.

Décadas depois, eu estava em uma delegacia de polícia para registrar o furto de meu carro e ou-

ção o delegado pedir para aguardar, pois estava providenciando a liberação de palanque para o candidato a prefeito. Fiquei tão atônito quanto ele naquele jogo do Pacaembu: Celsinho era o Celso Daniel, candidato a prefeito de Santo André!

Como prefeito, tivemos ainda algum contato, pois o clube esportivo de minha empresa fornecia alguns subsídios para a área de esportes da prefeitura.....

Convivi com Celso Daniel como aluno, colega e esportista. Os

acontecimentos que resultaram em sua morte são totalmente incompatíveis com a personalidade, valores e ideais do Celsinho que conheci. Até hoje, não encontro conformidade nos fatos!

“Cebolinha” virou o professor doutor Odécio Branchini, empresário e expoente em Gestão da Qualidade; trocávamos figurinhas quando eu estava na Nordon S/A.

“Valente” continuou sua trajetória como o eminente deputado federal Ivan Valente. Honran-

do seu nome, tornou-se um dos parlamentares mais combativos e influentes.



A turma reunida em frente ao Instituto Mauá de Tecnologia. De braço estendido, Angelo Honorato Zucato, que aparece ladeado pelos não menos notáveis Osvaldo Inoue, Jorge Artur, Sílvio Bottino, Salomão Fridman e Fernando Guimarães

Acervo/Angelo Honorato Zucato



Angelo Honorato Zucato

é formado em Engenharia Mecânica pelo Instituto Mauá de Tecnologia e em Administração pela Fundação Getúlio Vargas e pela Universidade da Califórnia (EUA).

Manu, Ana e Raízes...

A Revista *Raízes*, em seus 36 anos de circulação ininterrupta, conquistou um público fiel e assíduo de leitores. Não raro, tomamos conhecimento de moradores da cidade que ostentam, com orgulho, a qualidade de colecionadores da revista. Nesse rol seleta, está o simpático Manuel Guedes da Silva. Nascido em Portugal, chegou a São Caetano ainda criança, em dezembro de 1955. A primeira residência de sua família na cidade ficava na Rua Major Carlo Del Prete. Antes, porém, da instalação em terras sul-são-caetanenses, Manuel Guedes, ou Manu (como é carinhosamente chamado), já havia morado em São Paulo, quando da primeira vinda de sua família para o Brasil, ocasião em

que seu pai estabeleceu-se com um bar na Vila Mariana. A chegada a São Caetano deu-se em um segundo momento, após o breve retorno à pátria lusitana.

Manu e Ana - Ao lado de sua companheira de vida, Ana Gazzí Pinheiro, Manu esbanja alegria e carisma. O casal se conheceu em 1988, em um salão de baile que ficava na Avenida Pereira Barreto, em Santo André. Com uma vida construída em São Caetano (veio de Presidente Prudente, no interior paulista, para a cidade há 78 anos, com apenas 1 ano), Ana Gazzí também reflete grande simpatia e carisma. Durante muitos anos trabalhou em cinco das sete unidades dos Centros Integrados de Saúde e

Educação (Cises) destinados ao público da terceira idade, cultivando o carinho e a amizade de muitos frequentadores (só não prestou serviços nos dois centros mais recentes, Sueli Nogueira e Guimarães Magaroto). Viúva de seu primeiro marido, com quem teve dois filhos, Marcelo e Alexandre, Ana, ao falar do companheiro Manu, afirma convicta: “A felicidade bateu duas vezes à minha porta! Dou graças a Deus pelo meu primeiro marido, mas também dou muito valor ao marido que tenho hoje.”

Manu e Ana são bastante participativos nas atividades “da terceira idade”, entre elas os tradicionais jogos de baralho. Embora tenha deixado de registrar presença na programação que envol-

Foto/Paulo Cesar Ribeiro (Secretaria Municipal de Cultura de São Caetano do Sul)



Manuel Guedes da
Silva (o Manu)
e Ana Gazzí
Pinheiro, 37 anos
de companheirismo.
Foto de 1º de
outubro de 2025

ve a parte física, como as aulas de dança, por exemplo, em virtude da colocação de um marca-passo, Ana não deixa de prestigiar tudo o que diz respeito aos centros integrados da cidade, onde viveu capítulos importantes da sua trajetória profissional.

Manu e Raízes – A história de Manu com a Revista *Raízes* teve início quando uma edição do periódico foi parar em suas mãos, atraindo, de imediato, a sua atenção: as memórias de São Caetano, as pessoas que viveram na cidade (muitas das quais do seu círculo de amizade), as fotos antigas de lugares que marcaram época no município. Tudo trouxe-lhe encanto, transformando-o não somente em leitor constante da revista, mas em um dos seus mais zelosos colecionadores: “No início, como eu não tinha os primeiros números da publicação, tratei de consegui-los na Biblioteca Municipal, que, na época, ficava no prédio que hoje abriga a Câmara dos Vereadores.” Um tempo depois, Manu passou a receber os convites para os eventos de lançamento de *Raízes*, o que lhe permitiu ter acesso a cada nova edição publicada. “Todas as vezes, eu ia buscar a minha revista”, enfatiza orgulhosamente.

Em virtude da pandemia da Covid 19, que ocasionou a suspensão das atividades presenciais da Fundação Pró-Memória durante a fase de vigência das restrições sanitárias, Manuel Guedes teve a sua coleção de *Raízes* interrompida, o que lhe deixou pesaroso, como relata.



Quando perguntado a respeito de sua seção favorita, Manu é enfático: “A Memória Fotográfica”. Em tal seção, a mais popular da revista, não só aos olhos de Manuel Guedes, mas também de muitos outros fiéis leitores, o público tem oportunidade de acessar um panorama iconográfico de momentos e aspectos variados da cidade: acontecimentos marcantes, arquitetura de antigas edificações, locais, personagens, entre outras referências imagéticas.

Se uma seção é capaz de descortinar um cenário rico da história de São Caetano, imagine o que a publicação na sua totalidade não consegue fazer junto às mentes e aos corações de inúmeros outros moradores locais. Manoel Guedes da Silva é testemunha viva desse precioso legado que a Revista *Raízes* vem construindo ao longo de suas quase quatro décadas de existência, e esta 71ª edição ocupará,



Manu junto a
exemplares de
sua famosa
coleção de
Raízes

certamente, um lugar muito especial em sua estimada coleção.

Um viva a Manu, a Ana e a todos os outros leitores e colecionadores da nossa tradicional e querida Revista *Raízes*! (Cristina Toledo de Carvalho)

Aline Moreno

Aline Moreno é artista visual formada pela Universidade de São Paulo com habilitação em escultura. Nascida em Campinas (SP) no ano de 1992, hoje vive e trabalha em São Paulo. Sua trajetória contempla o constante estudo teórico e prático para viabilizar o desenvolvimento da produção. Participou de feiras, como a *SP Arte*, e de inúmeras exposições de alta relevância dentro do circuito das artes. Atualmente, é representada pela Galeria Luís Maluf, em São Paulo.

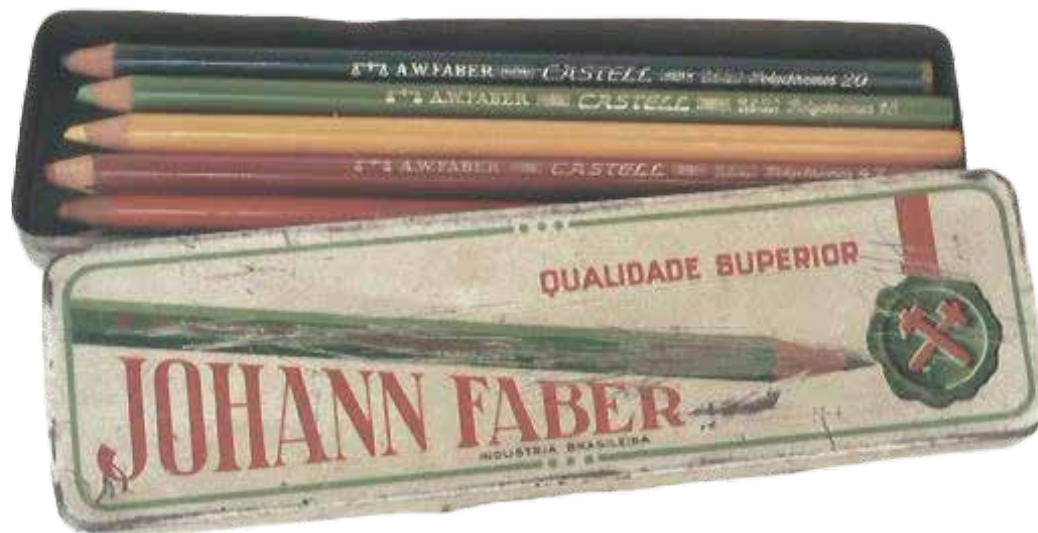
A produção de Moreno situa-se entre a bi e a tridimensionalidade, trabalhando materiais como madeira, cimento e pedras

na criação de objetos, esculturas e instalações que representam uma tradução da natureza e da paisagem. A obra presente no acervo da Pinacoteca Municipal se debruça sobre um cenário montanhoso infinito, tema recorrente na produção da artista. Por meio de fragmentos, montagens e manuseio com a madeira, a artista encapsula pequenos trechos que se completam e compõem vistas de uma cena idílica.

Sem título (Série Quebra-Cabeça),
2022. Tinta acrílica/verniz
serigráfico/grafite e colagem sobre
madeira. 30 peças de 10 x 15 cada



Foto/Ana Helena Lima



Acervo/Museu Histórico Municipal de São Caetano do Sul

Estojos de lápis de cor Johann Faber

No dia 22 de maio de 1930, foi feito o anúncio da instalação de uma fábrica de lápis no Brasil pela empresa alemã Johann Faber. Detentora do controle acionário de uma antiga unidade fabril atuante nesse segmento na cidade de São Carlos (SP), a Lápis Johann Faber (atual Faber Castell) marcou época no país, ajudando a escrever e a colorir as memórias escolares de inúmeras gerações de brasileiros nestes seus 95 anos de história em território nacional.

Uma parte dessa história encontra-se presente no acervo do Museu Histórico Municipal de São Caetano do Sul, que apresenta um exemplar de estojo de lápis de cor da marca alemã. Esse material do ano de 1934 foi doado por Singerfrido Cavassani em 8 de junho de 2001.

EXPOSIÇÕES

Mãos, Argila e Arte: Cerâmicas do Espaço Cultural Casa de Vidro

A mostra contempla a produção em cerâmica do Espaço Cultural Casa de Vidro, bem como os artistas e iniciativas coletivas de tal espaço, que é gerido pela Fundação Pró-Memória. Dessa forma, a curadoria apresenta como recorte trabalhos produzidos a muitas mãos e também imagens (de autoria do fotógrafo Paulo Cesar Ribeiro) que ilustram as etapas de produção das peças (da modelagem à pintura), consistindo em registros feitos na própria Casa de Vidro.

A exposição, que entrou em cartaz no dia 18 de setembro, ficará aberta à visitação até 31 de janeiro de 2026 no Espaço do Forno, com expediente de segunda a sexta-feira, das 8h às 17h30.



8ª Vitrine



A 8ª edição do projeto *Vitrine – Mostra coletiva de artistas de São Caetano do Sul* foi inaugurada em agosto, contando com 28 artistas e 48 trabalhos das mais diversas técnicas da arte contemporânea. O projeto tradicional da Pinacoteca Municipal se dedica a mapear e dar visibilidade a artistas da cidade, promovendo o seu acesso a um espaço formal de arte.

A presente edição, ao ter utilizado edital de chamamento, diferenciou-se das edições anteriores. A comissão julgadora teve, assim, uma maior liberdade no processo de seleção dos trabalhos, valendo-se de critérios que colocaram em evidência quesitos como os alusivos à formação dos artistas e à apresentação de suas respectivas obras. Essa mudança possibilitou a organização de uma programação paralela à mostra por meio da criação de atividades formativas dedicadas aos artistas participantes.

O evento de abertura da 8ª *Vitrine* recebeu cerca de 160 pessoas, ficando em cartaz de 26 de agosto a 7 de novembro de 2025.

Cesta!

O vitorioso basquete feminino de São Caetano do Sul (1968-1977)

Entre o final da década de 1960 e meados dos anos 1970, São Caetano do Sul esteve na vitrine do basquete feminino brasileiro. Além de ter conquistado muitos títulos estaduais, nacionais e internacionais ao longo desse período, as equipes da cidade eram formadas, em sua grande parte, por jogadoras da seleção brasileira, que, em 1971, havia obtido a histórica terceira colocação no Campeonato Mundial da modalidade, disputado no país. Em homenagem a essa fase vencedora da história esportiva sul-são-caetanense, a Fundação Pró-Memória abriu, no dia 8 de outubro, no hall de entrada da Secretaria Municipal de Esporte, Lazer e Juventude (Av. Fernando Simonson, nº 190), a exposição *Cesta! O vitorioso basquete feminino de São Caetano do Sul (1968-1977)*. Na mostra, estão imagens e outros materiais alusivos ao assunto, entre eles flâmulas de divulgação de competições nacionais e internacionais, recortes de reportagens publicadas em jornais da região e peças de uniformes utilizadas pelas jogadoras na época retratada. O período de visitação irá até o dia 24 de abril de 2026, de segunda a sexta-feira, das 9h às 17h.



Entre Rabiscos e Risos: a vida e a arte de Mastrotti

A exposição *Entre Rabiscos e Risos: a vida e a arte de Mastrotti* celebra os 50 anos de carreira do cartunista Mario Mastrotti. Essa mostra comemorativa contempla quadrinhos, tiras e charges que marcaram a sua trajetória, propondo ao público reflexões acerca da contemporaneidade.

No decorrer das suas cinco décadas de produção, Mastrotti recebeu inúmeros prêmios e honrarias, deixando seu contributo junto a periódicos e a publicações didáticas. Na área acadêmica, teve também atuação destacada, lecionando no curso de Publicidade e Propaganda da Universidade Metodista de São Paulo.

Em cartaz desde o dia 14 de novembro no Salão Expositivo do Espaço Verde Chico Mendes, a mostra *Entre Rabiscos e Risos* ficará aberta até 21 de fevereiro de 2026, de segunda a sexta-feira, das 8h às 17h.



PROJETOS

Fornadas Culturais

No dia 4 de setembro, a Fundação Pró-Memória lançou o projeto *Fornadas Culturais*. Idealizado para o Espaço do Forno, um dos locais expositivos da instituição, o referido projeto tem como objetivo a organização de atividades culturais que promovam diálogos com esse emblemático espaço, com as exposições nele em cartaz e com a própria memória da cidade. Em sua abertura, foi realizada a roda de conversa *Curandeiro Vicente Rodrigues Vieira: um personagem marcante da São Caetano do início do século passado*. Apresentada pelo historiador Renato Dotta, trineto de tal personagem e autor de uma pesquisa a respeito da figura do curandeiro Vicente na cidade, a ação contou também com as participações dos professores Virgílio Antigueira (que encaminhou reflexões com base nos estudos da memória toponímica) e Maurício Orestes Parisi (cujas explanações abarcaram, à luz da historiografia inglesa, questões teóricas que circundam a categoria história local). O ano de 2025 marca o centenário da morte do famoso curandeiro, motivando debates sobre as representações que produziram a sua imagem no cotidiano da localidade, em especial

no antigo Bairro Saúde (atual Bairro Santa Maria), onde Rodrigues Vieira residia e atendia inúmeras pessoas. Essa roda de conversa inaugural se propôs ainda como interlocutora da exposição *Nossos Bairros*, aberta à visitação do dia 20 de maio a 5 de setembro. Novas atividades já estão sendo programadas para o decorrer de 2026.



Grupo de estudos em cerâmica aplicada à pesquisa em arte - Chamote

O grupo de estudos se concentra na articulação em cerâmica quanto a investigações artísticas e técnicas de artistas com diferentes repertórios. Partindo desse princípio, o grupo tem encontros mensais para dialogar sobre suas trajetórias e investigações, de modo que os seus integrantes possam ampliar conhecimentos e processos, estabelecer contato com outros artistas e discutir métodos de trabalho. O objetivo é possibilitar aprofundamento de pes-

quisa por meio das atividades da Pinacoteca Municipal e do Espaço Cultural Casa de Vidro.

Grupo de estudos em gravura - LAVIS

Grupo de estudos voltado para teoria da gravura e artes gráficas. Tem por objetivo promover diálogos a respeito de referências teóricas e técnico-processuais para a compreensão do alcance dessas práticas ao longo do tempo.



PARCERIAS

Inventário das edificações de São Caetano do Sul

Em parceria com a Secretaria Municipal de Educação, a Fundação Pró-Memória, desde agosto, vem participando do projeto que visa à produção de um inventário das edificações de São Caetano do Sul. Em sua primeira etapa, tal projeto, executado por

um grupo de estagiárias do curso de Arquitetura da Universidade Municipal de São Caetano do Sul (Uscs), está privilegiando edifícios que abrigam instituições da municipalidade, tendo se iniciado no Bairro da Fundação. A equipe técnica da Pró-Memória elaborou um roteiro dos locais a serem inventariados, fornecendo todo o suporte em termos de fontes documentais, iconográficas e bibliográficas às estagiárias, que, assim, tiveram acesso às informações históricas concernentes a cada um daqueles locais. O projeto terá continuidade ao longo do primeiro semestre de 2026 e contemplará os demais bairros da cidade.



EVENTOS

Programação Paralela 8ª Vitrine Ciclo de Conversas Temáticas

Paralelamente à mostra 8ª Vitrine, a Fundação Pró-Memória, por meio da Pinacoteca Muni-

pal, ofereceu, entre os meses de setembro e outubro, atividades de formação e difusão em arte. Tais atividades consistiram em um agradável ciclo de conversas temáticas, permeando as poéticas das obras dos artistas participantes e promovendo momentos de diálogos e reflexões. Por outro lado, o curso de formação propôs fornecer aos artistas inscritos acesso a conhecimentos que englobam assuntos concernentes à apresentação profissional de trabalhos (escrita, portfólio e registro fotográfico).



Palestra sobre a exposição *Travessias*: Da Itália ao Núcleo Colonial de São Caetano, a trajetória dos primeiros imigrantes e dos seus descendentes na cidade

No dia 15 de setembro, a presidente da Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul, Marisa Catalão, a supervisora da Pinacoteca Municipal, Bruna Marassato, e a historiadora Cristina Toledo de Carvalho estiveram no campus Barcelona da Universidade Municipal de São Caetano do Sul (Uscs). Na ocasião, foi ministrada uma palestra para os dedicados alunos da UniSênior, programa de extensão oferecido pela universidade nos segmentos educativo e cultural a um público acima de 50 anos. O tema da explanação foi a exposição fotográfica *Travessias*, que retratou a trajetória dos primeiros imigrantes italianos e dos seus descendentes no Núcleo Colonial de São Caetano. A mostra esteve em cartaz no Salão Expositivo do Espaço Verde Chico Mendes, no período entre 28 de julho e 13 de outubro.



Semana da Autonomia

Contando com uma representante junto ao Grupo de Amigos do Movimento Autonomista (Gama), a Fundação Pró-Memória foi uma das instituições apoiadoras da Semana da Autonomia, além de ter marcado presença nos eventos que integraram a aludida programação, que teve início no dia 16 de outubro, com a realização da 1ª Corrida e Caminhada da Autonomia. O dia 17 assinalou o Encontro de Memorialistas, ocorrido no campus Barcelona da Universidade Municipal de São Caetano do Sul. Com o tema *Mulheres nos processos de independência e autonomia*, o encontro contemplou painéis de trabalhos, como o intitulado *Para além da his-*

tória oficial: hipóteses e questões sinalizadoras da participação de mulheres na articulação do movimento autonomista de São Caetano, apresentado por Cristina Toledo de Carvalho, da Fundação Pró-Memória. A programação seguiu com outros importantes eventos, como o da entrega da Medalha dos Autonomistas, durante sessão solene promovida no Salão Nobre da Câmara Municipal de São Caetano do Sul, no dia 18 de outubro. As festividades se encerraram no dia 23, no Teatro Santos Dumont, com a cerimônia de premiação dos alunos da rede municipal de ensino que participaram do Concurso Cultural, iniciativa organizada em parceria com a Fundação Pró-Memória e com a Secretaria Municipal de Educação.



Avenida Presidente Kennedy em foto da segunda metade do século passado. À esquerda, a Rua Nazareth. Ao fundo, a caixa d'água da General Motors



Esquina das ruas Conselheiro Antônio Prado e Santo Antônio em foto da segunda metade do século passado. O edifício em destaque abrigou as instalações da Indústria Stearica Paulista (fábrica de velas, sabões e oleína da firma Marengo & Lantieri) e, posteriormente, a fábrica de carrocerias metálicas Corona



Acervo/FPMSCS



Trabalhadores da prefeitura em atividade no trecho situado na entrada de São Caetano pela Avenida Almirante Delamare. À direita, o prédio da ZF do Brasil, fábrica de engrenagens que teve as suas instalações oficialmente inauguradas na cidade no dia 5 de julho de 1960. As suas atividades no município encerraram-se em 1997, com a consolidação de sua transferência para Sorocaba, no interior de São Paulo

Acervo/FPMSCS



Prédio da Fundação das Artes, situado na Rua Visconde de Inhaúma, nº 730. Nesse endereço, a instituição se encontra desde março de 1969. Curioso notar que a placa na qual estão registrados os sobrenomes dos arquitetos que projetaram o edifício, Gobeth (Luiz Gobeth Filho) e Gueraldo (Luiz Gueraldo), ainda aparece junto a ele

Acervo/FPMSCS

Pavimentação
da Rua Boa
Vista em 20 de
outubro de 1966



Acervo/FPMSCS

Nesta imagem da
década de 1990, o
prédio do Teatro
Santos Dumont,
localizado na Avenida
Goiás, nº 1.111,
aparece sob um ângulo
destacado. Na época,
a Academia de Letras
da Grande São Paulo
encontrava-se sediada
no mezanino do
edifício. A fachada
também ostenta o
letrreiro com o nome
original do espaço:
Auditório Municipal
Santos Dumont



Acervo/FPMSCS



Edifício Del Rey, na Rua Baraldi, nº 1.005, em foto da década de 1970. Na época, a Biblioteca Municipal Paul Harris encontrava-se sediada nesse edifício

Acervo/FPMSCS



Avenida Conde Francisco Matarazzo em foto de 1968

Construção da segunda ala do Hospital Nossa Senhora de Fátima, situada na esquina das ruas Nossa Senhora de Fátima e Gonzaga



Acervo/FPMSCS



Acervo/FPMSCS

Lateral do templo que abriga a Paróquia São Caetano. Ao centro, a Praça Ermelino Matarazzo. Foto da década de 1970

Acervo/FPMSCS



Obras de construção do Viaduto Independência, inaugurado no dia 29 de julho de 1972, durante os festejos do 95º aniversário da cidade. À esquerda, ao fundo, é possível observar o edifício do Moinho Santa Clara

Acervo/FPMSCS



Garagem Municipal, quando se situava na esquina das ruas José Benediti e Arnaldo Santi Locoselli

FUNDAÇÃO PRÓ-MEMÓRIA

**SEDE ADMINISTRATIVA
PINACOTECA MUNICIPAL
CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO HISTÓRICA**
Avenida Dr. Augusto de Toledo, nº 255
São Caetano do Sul - SP
(11) 4223-4780
fpm@fpm.org.br
pinacoteca@fpm.org.br
centro.documentacao@fpm.org.br

MUSEU HISTÓRICO MUNICIPAL
Rua Maximiliano Lorenzini, nº 122
São Caetano do Sul - SP
(11) 4229-1988
museu@fpm.org.br

**SALÃO EXPOSITIVO
ESPAÇO VERDE CHICO MENDES**
Avenida Fernando Simonsen, nº 566
São Caetano do Sul - SP

**ESPAÇO CULTURAL
CASA DE VIDRO**
Praça do Professor
(altura da Av. Goiás, nº 1.111)
São Caetano do Sul - SP

ESPAÇO DO FORNO
Praça do Forno
Espaço Cerâmica
São Caetano do Sul - SP

promemoria.saocaetano Pró-Memória São Caetano

WWW.FPM.ORG.BR

ISSN 1415-3173



FUNDAÇÃO
PRÓ-MEMÓRIA
SÃO CAETANO DO SUL

**CULT
SANCA**



PREFEITURA DE
**SÃO CAETANO
DO SUL**